

BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVIII • FEVEREIRO DE 1953 • N.º 312



Conforme nosso aviso reiteradamente publicado, foi cancelada a remessa dêste Boletim a tôdas as pessoas ou entidades que não nos comunicaram desejar a continuação do recebimento. Àquêles que, porventura o desejem, pedimos solicitar o restabelecimento da remessa.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVIII

FEVEREIRO DE 1953

Número 312

Sumário

COLABORAÇÃO:

Notas de viagem pelo sul de Minas — José Testa

Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans

A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro

— O. T. Mendes Sobrinho

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O café solúvel

A restauração dos cafêzais, a irrigação e o Banco do Brasil — Carlos Whately

Por que semear café no fundo de uma cova, a 30 ou 40 cm. de profundidade? — José Ferreira Veloso

"O café, marco de uma nova era no Paraná"

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano de Café — Nova York)

ESTATÍSTICA:

NOSSA CAPA: — Um aspecto dos novos cafêzais ("Bourbon amarelo", 2½ anos) plantados em terra "velha", ressequida e cheia de cupins, pelo sr Ottoni Ferreira Barbosa, em Alfenas, sul de Minas. Em primeiro plano, sua filhinha Elisabeth. Ao fundo, eucaliptos de 5 anos de idade. (Foto Barbosa, de 4-5-52).

Melhor tipo de CAFÉ

MAIORES LUCROS!

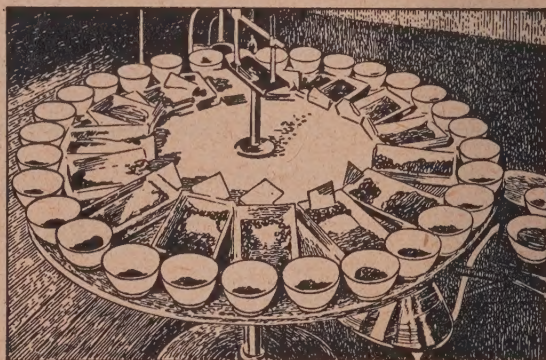
empregue

BENEFAX

no tratamento do café
em cereja e observe
os resultados!



Controlar a fermentação do café, obtendo a padronização de um tipo superior — isto agora é possível com BENEFAX, um pó à base de enzimas, que apressa a digestão da mucilagem do café.



Criado pelos cientistas da Standard Brands, Inc. BENEFAX oferece ainda estas vantagens:

1. Melhora a qualidade do café, e, consequentemente, sua cotação, nos mercados mundiais.
2. Permite colher, despolpar e fermentar o café em apenas um dia, deixando-o em condições de ser levado aos secadores.
3. Evita o congestionamento dos tanques na força da safra, devido à sua propriedade de acelerar a fermentação.

IMPORTANTE!

1 Kg. de BENEFAX dá para 400 Kgs. de café despolpado. 1m³ equivale a 850 Kgs. de café despolpado e exige 2,125 Kgs. de BENEFAX.

Deve-se remover o excesso de água do café despolpado antes de misturá-lo. Misture-se bem.

MANTENHA Benefax bem fechado na sua embalagem original, a fim de preservá-lo da umidade. Assim ele conservará melhor suas propriedades.

★ ★ ★

PARA MAIORES DETALHES
DIRIJA-SE A
**STANDARD BRANDS OF
BRAZIL, INC.**

CAIXA POSTAL 3215
RIO DE JANEIRO

A STANDARD BRANDS, INC. É UM DOS MAIORES COMPRADORES DE CAFÉ BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO



Enxada

Dragão

prova na terra o seu valor!

Experiências feitas no trabalho da terra provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Dragão



Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORENCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

Notas de viagem pelo sul de Minas

RENASCIMENTO DA CAFEICULTURA, EM BASES TÉCNICAS

JOSE TESTA

(Da Superintendência do Café)

Não obstante ser agradável e convidativa a região sul-mineira, a terra é, nessa zona do país, notavelmente acidentada. Por qualquer das vias de penetração, sobe-se muito: por Poços de Caldas, Campos do Jordão, Piquete, Cruzeiro, Itamonte... As montanhas são, realmente, "alterosas" e dão à paisagem um pitoresco delicioso, com pequenos capões de mato verde-escuro alternados de pastos verde-claros e "roças" de outros verdes diversos. De longe em longe a mancha negra de uma queimada, ou um penacho de fumo azul... E, às vezes, a copa rósea de uma paineira, ou um grande ipê côr de ouro, como um sol no meio da floresta.

Infelizmente, porém, a região não é só poesia e bucolismo. Para o trabalho dos campos, é áspera e rude. Na maioria dos trechos, a mecanização agrícola é quase impossível. E, em compensação, é facilíma a erosão, nessas terras fortemente inclinadas. Acusa-se o mineiro de mentalidade pastoril. Mas, é exatamente essa mentalidade que, cobrindo de pastos aquelas terras íngremes, as tem preservado até agora de uma destruição total, à espera de que os modernos processos agrícolas possam melhor aproveitá-las. As estradas, então, são difficilímas: cortes, atêrros, rampas e túneis se sucedem. Com pouca riqueza agrícola e grandes dificuldades de trabalho, não é de admirar que a região se ressinta, ainda, de muitas das modernas conquistas do progresso.

Entretanto, se o declive das terras as torna de difícil exploração, por outra parte cabe reconhecer que são de excelente constituição física e química. Geralmente massapé amarelo ou cinzento, sendo raramente vermelhas e muito raramente arenosas. O clima é uma delícia e a água abundante e magnífica. O que acontece com as terras é que elas são erodidas e sem húmus. E, além disso, quase não mais existem matas para derribar. Quaisquer novos plantios terão, pois, que ser feitos em terras velhas. Em compensação, à parte as dificuldades de trabalho mecânico, a restauração dessas terras se apresenta não apenas exequível como compensadora, dada a boa constituição das mesmas, a abundância de águas e de chuvas, a existência de muito adubo orgânico animal e de mão de obra relativamente barata.

* * *

Infelizmente, a mentalidade não é apenas pastoril, mas exageradamente pastoril. Se, até agora, como dissemos, ela constituiu uma proteção para o solo daquela zona, excessivamente montanhosa, atual-

mente, à vista dos novos processos agrônômicos, não mais se justifica. O vale do rio Verde, por exemplo, desde Passa Quatro até Três Corações, só apresenta de longe em longe pequenas e esporádicas roças de milho, nas baixadas. Só se vêm pastos. Mais de 90%. E, isso não é tudo, pois se as pastagens fossem racionalmente feitas ainda estava bem; se fossem aradas periodicamente e levassem calcário e adubo orgânico, reservando-se áreas para fenos e meia estabulação, a população pecuária poderia, pelo menos, triplicar. Não veríamos enormes fazendas com uma rez, apenas, por alqueire e igualmente uma escassíssima população humana, dado que basta apenas um punhado de homens para administrar uma grande propriedade. Isso repercute, evidentemente, sobre a economia da região. Vêm-se enormes áreas que, como única renda, apresentam algumas centenas de litros de leite, melancolicamente colocados em latões à beira das estradas, afim de serem apanhados pelos caminhões das fábricas de laticínios.

Vistos de avião os pastos se apresentam, em certos lugares, tão gastos, pelo pisoteio do gado, que têm uma tonalidade avermelhada. E há, às vezes, um número incrível de cupins que, bem feitas as contas, ocupariam bem uma terça parte da propriedade. Seria muito fácil a destruição destes, uma boa aração e, depois, apenas um polvinhamento com pó calcário e estêrco curtido misturado com terra moída. Não seria uma despesa exagerada. E a diferença era apenas a seguinte: ao invés de uma rez por alqueire poder-se-iam colocar três...

* * *

Aliás, a mentalidade conservadora do mineiro é típica do montanhês, em todas as regiões e em todas as épocas. O homem das planícies é mais permeável às correntes universais do pensamento, que mais facilmente o atingem. E o habitante das cidades portuárias, então, esse nem chega a ser estável, pois é, em sua própria essência, um ser movido, flutuante...

A mentalidade conservadora não é tão somente defeito, como às vezes se quer fazer crer. Como tudo, no mundo, ela tem vantagens e desvantagens. De evolução lenta, apegada às tradições e ao passado, ela encontra, entretanto, nessa própria contingência do seu conservadorismo, a essência das suas melhores reservas morais: a impermeabilidade aos exotismos e aos extremismos, a sobriedade, o equilíbrio, a tranquilidade, a doçura de atitudes.

Mesmo sob o ponto de vista econômico, a mentalidade conservadora não constitui exclusivamente um defeito. Se, por um lado, ela empreende pouco e quase não se interessa pelas inovações, por outro cumpre reconhecer que ela não se atira a aventuras, gasta o que pode e o que tem, mantendo um prudente "pé de meia".

Se fosse possível ao mineiro conservar as linhas mestras do seu caráter, adotando algumas inovações, pelo menos no terreno econômico, ter-se-ia um resultado ideal. Isso, aliás, parece possível. As idéias novas abrem terreno lentamente mas, afinal se impõem. O que é necessário é, apenas, que elas se instalem sem prejuízo para com as antigas e básicas concepções que mereçam ser mantidas.

* * *

Há um aspecto do caráter mineiro (e não só do mineiro mas do brasileiro em geral), que merece ser analisado. E' o que se refere a uma total e permanente expectativa para com a ação dos poderes públicos, ficando o mais das vezes inibida a iniciativa particular. Nêsse ponto, uma notável exceção faz S. Paulo, que, na mór parte dos assuntos, prescinde da tutela da administração pública. Afirma-se, às vezes, fóra de S. Paulo, que foi o determinismo geográfico (da terra rôxa, do clima, e, conseqüentemente, da imigração) que deu origem a essa característica dos paulistas, e tanto assim que o litoral bandeirante, não contando com aquêles elementos, quase nenhum progresso tem apresentado. Sallienta-se, igualmente, para justificar essa tese, a operosidade vitoriosa dos elementos de outras províncias que em S. Paulo se têm localizado. A análise dessa e de outras alegações nos afastaria de nosso tema. Entretanto, mesmo sem aprofundar-lhe a discussão, o que se pôde desde logo constatar é que, em S. Paulo, quase tudo o que existe é produto da iniciativa particular, bastando apenas citar quatro grandes realizações pioneiras: a agricultura, a indústria, a rêde ferroviária e a energia elétrica (esta última quase tôda estrangeira, mas particular). Só nos últimos tempos o Estado assumiu o contrôle da F. F. Sorocabana e, posteriormente, da Mogiana, tendo o govêrno federal feito o mesmo com a S. Paulo Railway. Igualmente, só há pouco tempo enveredou o Estado para o setor da energia elétrica. Apenas num terreno êle sempre se afirmou, e bem: o rodoviário.

Em Minas, essas questões oferecem aspectos diferentes. Em primeiro lugar o sistema ferroviário é quase todo de iniciativa dos poderes públicos, principalmente federais. Poucas e pequenas linhas foram feitas por particulares, sendo posteriormente incorporadas aos grandes sistemas.

Em compensação, a rede de energia elétrica e a de telefones foram totalmente criação de particulares, aliás mineiros. E, embora não apresentem um notável índice de eficiência, prestam bons serviços. O sistema rodoviário é quase totalmente municipal. Não oferece grandes características técnicas, mas, dado o aclave dos terrenos e a pequena renda dos municípios, é razoável. Na região de que tratamos, há uma rêde mista: federal até S. Lourenço e Caxambú, e estadual dessa última cidade até Cambuquira, Lambari e Poços de Caldas.

Há, também em Minas, muita iniciativa particular, embora em escala menor, e principalmente no setor educacional. O que acontece é que o mineiro fala demais na ação dos poderes públicos, e a invoca demasiadamente.

* * *

No plano de melhoramento das ferrovias brasileiras, de acôrdo com os estudos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, uma grande verba (cêrca de oitocentos milhões de cruzeiros) foi destinada à Rêde Mineira de Viação, que irá ser totalmente reformada, em linhas e material rodante, devendo ser inteiramente eletrificada. Cabe notar, aliás, que ela vem melhorando, nos últimos tempos, embora lentamente. O lastreamento, que ia sômente até Varginha, prosseguiu um pouco. Os serviços, melhores, com um pessoal mais eficiente. Entretanto, o grande

progresso é representado agora por uma palavra: HORÁRIO! Pelo menos, nas quatro vezes em que dela nos servimos (uma dessas em grande percurso) notamos rigorosa pontualidade. O' serviço de cargas está em dia e os fretes foram reduzidos, para certos artigos. Pelo que se vê, a Rêde não quer ser derrotada pelos caminhões.

Lamentável é que tenha sido suprimida a linha de navegação fluvial que lhe era conjugada, de Pôrto-Fama a Pôrto-Carrito, pelo rio Sapucaí. Constata-se, mais uma vez, que o brasileiro nunca chegou a formar uma mentalidade "fluvial". O que ainda existe é a navegação do médio S. Francisco, do médio e baixo Paraná, do Paraguai, e o sistema do Amazonas. E' bem pouco para um país de oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Preferimos, ao contrário, transportar tudo em caminhão importado, com gasolina também alienígena...

Mesmo antes de ser modernizada, segundo os novos planos, poderia a Rêde Mineira de Viação introduzir alguns pequenos melhoramentos; maior vigilância quanto à limpeza dos carros (inclusive por parte dos próprios passageiros); melhor serviço de restaurantes; e, principalmente, redução do tempo de parada nas estações. Num percurso de 361 quilômetros, de Cruzeiro a Juréia, há, pelo menos, quatro horas perdidas (talvez cinco) com as longas paradas nas estações, muitas delas de dez e até de quinze minutos.

Essas pequenas melhorias independem de verbas. Nada impede sejam adotadas desde logo.

* * *

Não obstante se propagarem com lentidão e serem ainda raramente encontráveis, já existem, na região, e cada vez mais desenvolvidas, novas idéias no setor econômico, quer com relação à indústria, quer com referência aos transportes, ao comércio ou à agricultura.

Quanto a esta, e especialmente no que concerne à lavoura cafeeira, principal fonte de nossas observações, trabalhos verdadeiramente notáveis já vêm sendo postos em prática, infelizmente ainda em pequenas proporções, mas dignos de serem vistos e citados. Trata-se de uma zona, aliás, muito favorável ao cultivo da rubiácea. Não tivemos ocasião de examinar muitas dessas iniciativas, e nem haveria lugar para mencioná-las tôdas, aqui. Desejamos, por hoje, apenas salientar, de passagem, ser intenso o trabalho de renovação em vários municípios da zona. Notámos grande curiosidade e estudo dos novos processos agrônômicos em Varginha, Machado (onde existe excelente estação experimental, dirigida por competente e esforçado técnico), Serrania, Areado, Alfenas e outros municípios. Constatámos a existência de fábricas de adubos em Formiga e em Alfenas, bem como grandes carregamentos de fertilizantes nas estações de Espera e Josino de Brito, onde, há alguns anos, nem se falava em tal assunto... Em Alfenas, Areado e Serrania alguns pioneiros, como Ottoni Barbosa, Jorge e Mario Vieira, Odilon Barbosa, Manoel e Antônio Taveira, José de Souza Moreira e outros já põem em prática modernos processos de conservação do solo e de adubação, já erradicam dos pastos os cupins e usam calcário, já fazem curvas de nível, "composto", sobreamento, adubação verde, etc. As revistas técnicas de S. Paulo e de Belo Horizonte são recebidas e lidas com cui-



Granja "S. Judas Thadeu": Ao alto, moderna esterqueira; em baixo viçosos cafeeiros novos, vendo-se, pelo aspecto dos mesmos e do solo em torno, o tratamento que recebem.



dado, pondo-se em prática os seus ensinamentos. A mecanização é pequena porque, como acima dissemos, os terrenos são íngremes e nada convidativos. Todavia, ela também penetra, de vagar, sendo já usados tratores, máquinas de ordenha e outros aparelhos modernos.

* * *

No município de Alfenas, (que, diga-se de passagem, experimenta notável surto de progresso) em campos altos e ressequidos, velhos pastos de mais de cem anos, cheios de cupins, estão sendo transformados em magníficos cafêzais, com todo o rigor da técnica moderna, pelo sr Ottoni Ferreira Barbosa. Comerciante de café, mas filho de fazendeiros, o sr. Barbosa soube muito bem assimilar as lições da moderna técnica agrônômica e, lendo, viajando, observando e experimentando, conseguiu criar uma pequena propriedade que é uma verdadeira fazenda experimental. A **granja S. Judas Thadeu**, como êle a chama, é um aglomerado onde reuniu vários pequenos sítios, nas cercanias da velha cidade de Alfenas, em pastos altos e secos (cêrca de 1.000 metros de altitude), com clima suave e terras de boa constituição físico-química, apesar de erodadas e sem húmus. Tem cêrca de 50 alqueires, dos quais 17 em cafêzal. Êste é um curioso mosaico de variedades e de processos de cultura os mais diversos, todos, porém, em bom estado e boa produção. O cafêzal velho, existente no local por ocasião da compra, constava de 15.000 pés (seis alqueires, a 2.500 pés). Estava mal tratado, e sua produção era pequena. Êsse talhão foi sombreado com vários tipos de árvores (angico vermelho, ingazeiro e pisquim da Colômbia), adubado com matéria orgânica e matéria verde (feijão de porco), rasgado em valetas para retenção das águas, corrigido com calcário, podado, replantado com mudas e covas submetidas a todo o rigor técnico.

Além dêsse talhão de cafêzal velho, foram plantados mais 26.500 pés, em 10½ alqueires de pasto velho, cheio de cupins, que foram primeiramente erradicados, após o que se procedeu a uma rigorosa aração, calagem, coveamento profundo e em curvas de nível (covas de 1m x 50,4, pés distanciados 50 cm. um do outro). O trato é rigoroso e permanente, acompanhando-se a vida do cafeeiro em tôdas as suas fases. A mão de obra, bem remunerada, alojada e alimentada, é estável, operosa e inteligente.

Não temos, infelizmente, dados completos à mão, relativamente à produção de café no município de Alfenas. Nos registros da Divisão de Economia Cafeeira encontramos o total de 1.450.000 cafeeiros em produção e 80.000 novos. Os embarques teriam sido, em 1951, de 17.023 sacas (323 para Santos, 700 para o Rio de Janeiro e 16.000 para Angra dos Reis). São 68.092 arrobas, que, na base de 1.450.000 pés, teriam dado um rendimento de safra de 47 arrobas por mil pés. Ê, evidentemente, exagerado para a zona, sabidamente ocupada por cafêzais velhos e, em sua maioria, mal tratados. O fato se explicaria pelo despacho, na estação de Alfenas, de alguns lotes dos municípios vizinhos. A produção, provavelmente, deve andar abaixo de 30 arrobas por mil pés.

Pois bem: a produção da Granja S. Judas Thadeu já excede, presentemente, de 60 arrobas por mil pés e os seus cafêzais estão ainda longe



Granja "S. Judas Thadeu": — "Caturra" e "Bourbon"-Vermelho plantados em curva de nível, 4 pés por cova, a 50 cm um do outro, distância de 1 m entre fileiras. O solo está coberto para proteção contra o sol, a erosão e as ervas daninhas.





Amostra do que eram, antes, as terras da "S. Judas Thadeu":
pastos velhos, cheios de cupins.



O sr. Ottoni Barbosa, ao lado de
uma bela moita de cafeeiro "bour-
bon", de 2 anos de idade.



"Torrão paulista"; mudas prepa-
radas para o plantio.



Moita de café "caturre", com 4
pés, devidamente tratada; além
da defesa do solo, já levou adu-
bação e calagem.

da plenitude de sua produção, pois, ou são muito novos, de menos de 4 anos, ou muito velhos, embora restaurados.

Além de viveiros bem organizados, a Granja possui uma estercueira moderna, com desintegrador de resíduos e produção própria de estêrco, além do que adquire a vizinhos. As sementes são selecionadas e das melhores procedências, principalmente do Instituto Agrônômico de Campinas (Caturra, Bourbon Amarelo, vermelho e Sumatra). Emprega-se um aparelho para fabricar o **torrão paulista**. Não é mecanizado o trabalho no cafézal, porque a inclinação dos terrenos não o facilitaria, além de que a plantação é relativamente pequena e barata a mão de obra.

Planeja o sr. Barbosa ampliar o plantio, desbravejando e despraguejando outros velhos campos vizinhos.

Olhada a princípio com cepticismo, sua experiência vem agora obtendo imitadores. Não há dúvida de que é uma experiência pioneira, feita em difíceis condições de solo e de ambiente. É, como dissemos, uma verdadeira fazenda experimental e os seus resultados ir-se-ão fazer sentir, lentamente mas com segurança, por toda a região.

RESTAUREM SEUS CAFÉZAIS COM AS MISTURAS "POTAC"

FOSFATO BICÁLCICO
38/42% P2O5

Adiantem sua primeira colheita adubando a plantação com as misturas especiais "POTAC".



CIANAMIDA CÁLCICA
20/21% N.

Enriqueçam seu composto com **CIANAMIDA CÁLCICA, FOSFATOS E POTASSA.**

POTASSA E ADUBOS QUÍMICOS DO BRASIL S.A.

Rua Florêncio de Abreu, 36 — 5.º andar — Telefone: 36-6163 — São Paulo

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. BEMELMANS
(Engenheiro Agrônomo)

(Continuação)

VI

SISTEMAS GRÁFICOS

A contabilidade duma empresa pode ser feita pelos meios seguintes:

- 1.º) só livros
- 2.º) livros e fichas
- 3.º) só fichas

Os livros só podem ser escriturados à mão; as fichas podem ser escrituras à mão ou à máquina.

Sistema gráfico por meio de livros:

O sistema antigo todo por livros não é aconselhável, por exigir o fastidioso serviço de escrever pelo menos quatro vezes todos os lançamentos do mês:

- 1.ª vez no borrador sujo e no livro caixa,
- 2.ª vez no borrador limpo e no livro caixa limpo,
- 3.ª vez no livro Diário,
- 4.ª vez nos livros auxiliares (de 6 a 10) e nos C/Correntes.

Ainda há, as vezes, o serviço diário de cópia de todos os nomes dos empregados na "fôlha de serviço", com explicações desses.

Considerando que cada transcrição ou cópia manual é sujeita a erros, compreende-se que além de exigir quatro vezes mais tempo, este sistema exige ainda muito mais tempo para procurar os erros que sempre acontecem.

Talvez seja esse o motivo das nossas fazendas não possuírem contabilidade esclarecedora, porque um guarda-livros só "não dá conta", trabalha fóra de hora, atraza-se e se desanima, tornando-se também um mero empregado de segunda categoria.

O patrão não pode pagar dois guarda-livros, e assim tudo torna-se inútil e contraproducente.

Sistema gráfico misto por livros e fichas:

Por este sistema tudo se torna mais fácil e mais perfeito. O princípio é de evitar sempre que possível, a transcrição.

Quando verifica-se um engano, procura-se sempre o lançamento originário, e seu autor. Que seja pois este lançamento, tanto quanto possível, o primeiro e o único.

Isto se consegue pelo uso de fichas de papel (*)

Os três tipos abaixo descritos terão as mesmas dimensões. Não é indispensável que seja o formato descrito de 10 x 20 cm ou 4" x 8", que é prático e econômico. 5" x 8" ou 12,5 x 20 cm é também um bom formato.

Tôdas essas fichas devem ser numeradas seguidamente e antecipadamente, ficando sempre uma cópia no tôco, para um eventual extravio.

Depois de tôdas as fichas do mês serem classificadas por ordem alfabética dos devedores, para formar o "Diário" do mês, deve-se fazer uma relação de tôda a numeração das fichas, tomando nota do último número do mês anterior, bem como do primeiro número do mês seguinte. Qualquer extravio será assim verificado.

As fichas DEVEDOR/CREDOR (1 via destacável e 1 via fixa, no tôco) ficarão a cargo do administrador e do guarda-livros, para qualquer lançamento de sua alçada.

Uma ordem de pagamento (ou "vale") será assim redigida:

DEVEDOR: *José Matielo*

CREDOR: *Caixa*

Dinheiro que pediu adiantado para

casamento Cr\$ 1.000,00

Fazenda Bela Vista, 10 de dezembro de 1949

N.º 0427

A primeira via será entregue ao empregado, que irá apresentá-la ao Caixa, para seu pagamento. Este, no verso, poderá fazer assinar recibo.

Uma ordem, ou "vale" para a Despesa terá redação semelhante. No seu verso o encarregado da venda discriminará os gêneros comprados com seu valor respectivo, até o total autorizado no anverso.

O recebimento duma empreitada dará todos os dados que foram utilizados para o cálculo da área ou da cubicagem por exemplo, com um croquis elucidativo.

O "vale" uma vez pago ou fornecido, irá para o escritório que o

(*) Cumpre aqui esclarecer que não procede a idéia ainda muito enraizada, de que as fichas não ofereçam garantia por perda e desvio, a não ser que não sejam previamente numeradas. As fichas são hoje aceitas pela lei comercial, tanto para o Diário, como para os inventários, como para o registro dos empregados. Na Caixa Econômica do Rio de Janeiro, as contas correntes estão feitas em folhas soltas desde 1889.

classificará na Ficha de Ponto Individual de cada empregado, até o fim do mês, quando elas serão lançadas na conta de cada um e classificadas para formar o Diário.

O efeito prático deste sistema é:

1.º) que o débito (lançamento contábil) é feito antes do interessado recebê-lo, o que evita esquecimentos muito freqüentes em fazenda de movimento;

2.º) que o documento inicial levará tôdas as características de seu autor, de seu beneficiário, e outros intermediários, e constituirá parte do livro mestre: o Diário.

Duas vias, o original e uma cópia (tôco) serão suficientes para o serviço interno. Havendo entrega de ordens de fornecimentos para negociantes que não devolvem a ordem, a ficha DEVEDOR/CREDOR será feita em 3 vias.

As fichas de EXPEDIÇÃO e as fichas de RECEBIMENTO relacionam-se com o movimento do Almoxarifado. Não há porém exclusividade demarcada entre o uso desses três tipos de fichas.

O funcionamento das fichas EXPEDIÇÃO ou RECEBIMENTO é semelhante ao das fichas DEVEDOR/CREDOR. Elas têm as mesmas dimensões.

Fazenda Bela Vista — A. PEIXOTO — Ribeirão — CP			Recebi a mercadoria cons- tante do talão N.º 00345 Ass.
N.º 00345	GUIA DE EXPEDIÇÃO	Fone 12	
DEVEDOR :			
CREDOR :			
Data	Assinatura		

As fichas de EXPEDIÇÃO serão sempre em três vias sendo a primeira munida dum tôco pequeno, picotado, que servirá de recibo a ser assinado pelo consignatário da mercadoria. Este tôco será em seguida colado sobre a segunda via, que irá para a contabilização. A terceira via fica presa ao bloco.

As fichas de RECEBIMENTO podem ser extraídas em duas vias, a primeira para a contabilidade, a segunda presa ao bloco. Desejando-se entregar sempre uma cópia ao fornecedor, bastará fazer imprimir essas guias em três vias.

Fazenda Bela Vista — A. PEIXOTO — Ribeirão — CP — Fone 12

N.º 00123

GUIA DE RECEBIMENTO

DEVEDOR :

CREDOR :

Data Assinatura

A cada recebimento de material, o almoxarife fará uma ficha “ad hoc”, com a relação dos artigos, sua quantidade, pêso, etc., ficha que será conferida no escritório com a fatura, quando esta chegar.

As fichas de EXPEDIÇÃO e de RECEBIMENTO são de cores diferentes, e são numeradas seguidamente e antecipadamente.

Como elas têm o mesmo formato das fichas DEVEDOR/CREDOR, elas serão agrupadas, no fim do mês, no coletor do “DIÁRIO”.

Para êstes dois tipos de fichas, não é necessário o almoxarife escrever o nome dos títulos a debitar e a creditar, nem mesmo o preço quando em serviço interno, bastando deixar o espaço em branco. Esta classificação dos títulos poderá ser feita pelo guarda-livros.

Êssas fichas podem pois ser utilizadas por pessoa que não conhece a fundo o Plano da Contabilidade.

Todo o movimento do mês deve ser lançado nestes três tipos de fichas: grande parte à medida do correr dos dias, o resto no último dia do mês, tais como:

transcrição do movimento de Caixa, se êste fôr feito por livro,

transcrição de tôdas as somas do Livro Ponto,

relação das empreitadas ou mensalidades a creditar, de acôrdo com o serviço feito,

relação dos ordenados mensais dos empregados que não figuram no Livro Ponto,

relação dos débitos mensais dos empregados (cooperativa médica, clube esportivo, leite, etc.).

O agrupamento de tôdas estas fichas por ordem alfabética de devedores constituirá o “Diário” (de escrituração mensal).

Êstes lançamentos serão então recopiados nos títulos e subtítulos do Razão, do Livro Auxiliar único, e dos Livros Contas Correntes.

O método de contrôle (balancete mensal) será explicado mais adiante.

Sistema gráfico por meio de fichas:

Este terceiro sistema de grafia: só fichas, apresenta algumas facilidades a mais, pois os lançamentos do Livro Caixa serão feitos diretamente em fichas.

As Contas Correntes (Terceiros e Empregados) serão também feitas sôbre fichas como explicado mais adiante.

O Livro Auxiliar será substituído pelas fichas de mesmo modelo, ou pelas fichas de desdobramento.

Também poderão ser usados outros sistemas apregoados por empresas comerciais, mediante certas adaptações.

É preciso lembrar aqui que não existe proibição legal em nossas leis comerciais, acêrca do uso da contabilização por meio de máquinas.

O arquivamento de tôdas as fichas será feito em gavetas de madeira ou de aço, apropriadas, e munidas de fechadura.

Se houver necessidade da contabilidade ser feita na fazenda e em outro local, com todos os detalhes, qualquer sistema acima descrito poderá ser fácilmente adaptado, pois bastará empregar todos os documentos em quantidade dupla, sendo a metade deles destinados ao escritório central.

Por exemplo:

Ficha	DEVEDOR/CREDOR	3	vias, sendo 1 no tóco
"	EXPEDIÇÃO	4	" " 1 " "
"	RECEBIMENTO	3	" " 1 " "

etc.

(CONTINUA)

EQUILIBRE SUA ADUBAÇÃO COM
POTASSA

A GRANDE REGULADORA DAS COLHEITAS PESADAS.

COMPLEMENTO
DO FÓSFORO



INDISPENSÁVEL
E DO AZÓTO

Use Cloreto 60% ou Sulfato de Potássio 48% K20 — Fosfato bicálcico "Fertiphos" — 38 a 42% P205 — Sulfato de amônio 21% N

Folhetos gratuitos e informações para importação:

SOCIEDADE DE POTASSA E DE PRODUTOS AGRÍCOLAS LTDA.

Av. Ipiranga, 674 - 7.º - Salas 708 a 712 - Fone 34-1247 - Caixa Postal 6082
SAO PAULO

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO

Engenheiro-agrônomo, Subdivisão de Estações Experimentais, Instituto Agrônomico, Campinas

(Continuação)

4 — TANGANICA

4.1 — Roteiro da Viagem

A figura 13 é uma representação gráfica do nosso trajeto por Tanganica, que foi o seguinte, segundo datas e lugares visitados:

Dia 18 de Julho de 1950 — Chegada a Mochi, na região do Quilimanjaro, em Tanganica, procedentes de Náirobi e visita às plantações de café da "Kifumbo Estate", do Sr. J. Cassel, onde ficamos hospedados.

Dia 19 — Visita à "Coffee Curing Works"; visita à Estação de Café de Liamungo; visita a duas propriedades cafeeiras de nativos, filiados ao "Native Coffee Board".

Dia 20 — Visita à "Grain Storage Department"; visita à Associação dos Produtores de Café; partida para Tanga; visita à Associação dos Produtores de Sisal de Tanganica.

Dia 21 — Visita à "Amboni Estates Ltd." e à "Emjesani Estates", duas das maiores fazendas de sisal da África; visita à Estação Experimental de Sisal, em Negomeni; visita ao laboratório de entomologia para estudos do "Sisal Weevil", na fazenda "Cange Estates", da Associação de Produtores de Sisal de Tanganica.

Dia 22 — Chegada a Dar-Es-Salaan, capital de Tanganica; entrevista com o Presidente do Conselho de Ministros; idem com o Ministro do Comércio e Finanças; idem com o Ministro da Agricultura; visita à Câmara de Comércio.

Dia 23 — Visita ao matadouro frigorífico; visita ao Governador Geral.

Dia 24 — Chegada a Cângooa, para visitar as grandes plantações de amendoim do "Ground Nut Scheme", onde permanecemos até dia 26.

Dia 27 — Chegada a Muanza, à beira do Lago Vitória; visita ao mercado nativo de algodão de Buqueúmba; visita a um pôsto hindú de compra de algodão.

Dia 28 — Visita à Estação Experimental de Uquiriguru e partida para Nova Chinianga.

Dia 29 — Visita à Organização de Pesquisas de Tzê-Tzê da África Oriental Inglesa; visita ao campo de demonstração agrícola para nativos. Partida para Tabora.

Dia 30 — Visita ao "David Livingstone Memorial" nos arredores

de Tabora, célebre mercado de escravos, de há um século atrás; partida para Moçambique, via Endola, na Rodésia do Sul e Salisburi, capital daquêle país.

4.2 — Descrição Geográfica

a) **Posição geográfica** — Tanganica é país marítimo do Oceano Índico. Situa-se ao sul do Equador, entre as latitudes 1°s e 12°s e entre as longitudes 30° a 41°E de "Greenwich". Encontra-se, portanto, na mesma faixa que abrange os estados brasileiros de Alagoas ao Maranhão.

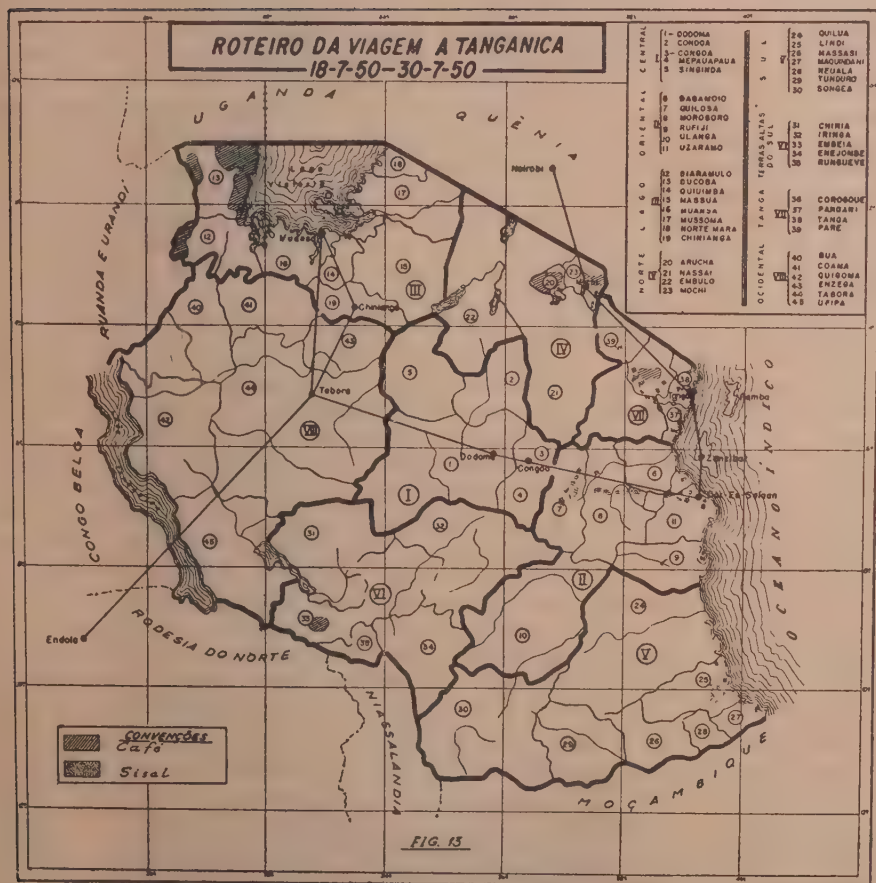
b) **Diferença horária** — Os afastamentos longitudinais entre São Paulo e Dar-Es-Salaan são de 85° e a diferença horária entre aquêle país e o nosso Estado é de quase 6 horas adiantadas.

c) **Limites** — São as seguintes as confrontações de Tanganica: Quênia e Uganda ao Norte; Oceano Índico a Leste; Moçambique, Niasalândia e Rodésia do Norte ao Sul; Congo Belga, Ruanda e Urundi a Oeste.

d) **Extensão territorial** — As distâncias máximas norte-sul e leste-oeste de Tanganica, medem, respectivamente, 1150 e 1050 quilômetros. A superfície do país se traduz por uma área aproximada de 968.000 km², inclusive 51.000 km² de águas interiores, quase tôdas lacustres. O tamanho de Tanganica é de quase quatro vezes o do Estado de São Paulo.

e) **Topografia** — O território de Tanganica é quase todo constituído por uma extensa planície elevada. Sendo país marítimo, possui faixa costeira, que é estreita, variando de 16 a 60 km. Avançando para o interior, começa um moderado contraforte, que se dilui no grande altiplano tanganicano, o qual toma a maior porção do país, com uma altitude quase constante de 1.300 mts. acima do mar. A monotonia da imensa planície, entretanto, é quebrada por dois acidentes fisiográficos de significação mundial, porém antagônicos, que ocorrem nas fronteiras do país: o primeiro, ao norte, representado pelo Quilimanjaro, que é a maior massa montanhosa do continente, cujo cimo atinge 6.456 metros; o segundo, a oeste, na divisa com o Congo Belga, corresponde à maior depressão da África, representada pelo Lago Tanganica e escarpas adjacentes. É este lago o segundo em profundidade no mundo. Mede, da superfície à parte mais funda, nada menos de 836 metros. Esparsas elevações ainda aparecem ao longo do Rift Valley, assim como a depressão correspondente à bacia do Lago Niasa. Mas a feição topográfica dominante é a de extensa planície, que, partindo da fronteira de Quênia, só se detém às ribanceiras do Zambeze, na Rodésia do Norte.

f) **Hidrografia** — Abrange um grande sistema lacustre e outro fluvial. **Lagos** — Considerável porção dos lagos do centro da África estão na área territorial de Tanganica: Lago Vitória, na fronteira com Uganda; a maior parte do Lago Tanganica; Lago Niasa no extremo sul; e os lagos Natron, Maniara, Eiasi e Ruqueva, situados no centro do país. **Rios** — O sistema fluvial pode ser dividido em 2 grupos de cursos d'água: o dos rios que demandam o Oceano Índico e o dos que



correm para os lagos. Os principais rios da vertente oceânica, são: o Ruvu, que nasce nas fraldas do Quilimanjaro; o Rufiji, que é navegável por 90 km, a partir da sua embocadura; o Rovuma, que tem um curso de 800 km e nasce nas montanhas a leste do Lago Niasa. Entre os rios tributários dos lagos, os mais importantes são: Mori, Mara e Cagera, que deságuam no Lago Vitória; o Malagarasi, que é tributário do Tanganica; o Songueve e Ruhuhu, que desembocam no Lago Niasa. Há a considerar ainda, que no Lago Tanganica acha-se a nascente do Rio Zaire, da Vertente Atlântica. O lendário Rio Congo ali nasce com o nome de Lualaba, curso d'água cuja direção tanto preocupou Livingstone, mas que foi explorado e revelado ao mundo por Stanley. Não obstante ser Tanganica uma terra tão cheia de lagos, possui uma rede fluvial paupérrima, especialmente no que tange aos médios e pequenos cursos d'água. Nesse país, a questão da água assume proporções tão sérias quanto às do Nordeste brasileiro. A escassez d'água é ali fator limitante do desenvolvimento da atividade humana. Anualmente, quase todos os rios se extinguem na estiagem. Por outro lado, não são numerosos os cursos de água e o seu volume é reduzido. No norte, apenas os rios Rufiji, que desagua no Oceano Índico, ao sul de Dar-Es-Salaan e o Grummetti, que desagua no Golfo de Speke, no Lago Vitória, se mantêm correntes o ano todo. Há a considerar os ribeirões que, do Quilimanjaro e das elevações fronteiriças de Ruanda e Urundi, correm o ano todo e demandam a planície. Entretanto, na estiagem, ao deixarem as montanhas, começam a perder volume e ao cabo de 200 e poucos quilômetros, secam completamente. O que resta do seu curso, até o mar, é o leito enxuto onde a areia e os seixos expostos reverberam os raios ardentes do sol do Equador. Atravessamos essa região durante a estação seca. Presenciamos indígenas na faina de abrir cacimbas, em meio a areia resequida dos leitos dos rios, para obtenção da água para uso doméstico e para a bebida do gado.

Em Tanganica, as regiões onde os rios correm o ano todo, representam apenas 1/10 da superfície do país. Nos 9/10 restantes, não há água corrente durante 8 meses. Entretanto, não se vêem cisternas ao pé das moradas. A altitude é de 1.200 metros e o lençol friático está a mais de 100 de profundidade. Com exceção das grandes elevações, a cobertura vegetal é a savana, monótona pela sua homogeneidade.

Foi nesse país que, pela primeira vez, deparamos com o "baobá" (**ADANSONIA DIJITATA**), padrão das regiões semi-áridas, nas duas costas da África, ao Sul do Equador. É uma árvore bizarra. Surge, abruptamente, do chão, com tronco descumunalmente grosso, cuja altura não vai além de 5 ou 6 metros, conservando o mesmo diâmetro da base ao topo de onde parte uma copa relativamente pequena, à grossura imensa do tronco, formado por galhos volumosos, curtos e retorcidos. Na estiagem se despe de todas as folhas e a silhueta do esqueleto da árvore nos dá a impressão de um ente torturado, abandonado na vastidão da planície africana, com os braços abertos a implorar misericórdia. É uma árvore útil ao nativo: os frutos, cosidos com peixe, servem de alimento, fibras são retiradas da casca do tronco e as folhas são usadas como combustível.

A cobertura vegetal da África é reflexo bem fiel do clima ou do lençol de água. Enquanto lá, na maioria dos casos, a savana é consequência dos fatores climáticos, aqui em São Paulo, o “campo” ou o “serrado”, parecem resultar do tipo de solo. São frequentes, na África, os casos de lavouras diferentes em sítios próximos, determinadas pelo regime de chuvas, embora a composição dos solos seja a mesma.

4.3 — Solos

São nove os principais tipos de solo de Tanganica e se distribuem de acôrdo com a seguinte classificação (1):

a) **Solos das Planícies** — E' um complexo pouco conhecido, ocupando as áreas semi-áridas dos altiplanos.

b) **Solos dos Planaltos** — Usualmente formado sôbre material transportado pela erosão. Denuncia ausência de cálcio e toma praticamente 1/3 do território de Tanganica. Corresponde ao grande planalto tanganicano.

c) **Solo Argiloso Preto ou Cinza** — São solos escuros, plásticos quando úmidos e fendilham-se profundamente quando secos. Os solos dêste tipo são muito conhecidos pelo nome comum de “black cotton soil”. Ocorre numa extensão pequena, principalmente nos vales dos rios que desembocam ao norte do Lago Tanganica.

d) **Solos Vermelhos não Lacterizados** — Ocorre em todo o país, ocupando aproximadamente 25% da sua área, porém, em forma de grandes manchas esparsas e irregulares. As maiores porções acham-se na bacia do Lago Vitória, ao norte e no litoral sul. São solos vermelhos, pobres em cálcio, por vêzes ácidos e outras vêzes alcalinos. Correspondem às áreas de culturas alimentares. Como que por ironia, são regiões tipicamente malarígenas e infestadas pela tzê-tzê, especialmente a mancha que se encontra ao sul do país, na borda oceânica. Nesse tipo de solo, à beira do Lago Vitória, acham-se pequenas culturas de café Robusta.

e) **Solo Vermelho Lacterizado** — São solos vermelhos, ácidos e e correspondem à extensa faixa que acompanha a margem oriental do Rift Valley e cujos sistemas hidrográficos são tributários dos lagos Tanganica e Niasa. São terrenos profundos, bem drenados, camada fértil pouco profunda que se degrada com grande rapidez quando usados inadequadamente.

f) **Solos Vulcânicos** — São solos jóvenes de Tanganica e, como o nome está indicando, originários de lava vulcânica. Constituem a “nata” das terras do país. São representados por três manchas de extensão muito modesta: duas ao norte, na fronteira de Quênia, das quais a maior corresponde à região de Quilimanjaro, Arusha e Mochi, enquanto a outra está próxima do Lago Vitória; a terceira ocorrência

(1) Mapa de solos de tanganica — Calcado no “A Provisional Soil Map of East Africa” by G. Milne, 1936. Publicado pelo Survey Division Dep. of Lands and Mines — Dar-Es-Salaam.

corresponde à elevação que separa o Lago Niasa do Lago Ruqueva. Estes solos têm especial significação, por serem os adequados ao café Arábica.

g) **Solos Aluviais** — São solos que se acham em formação, em pequenas áreas, nos deltas dos cursos d'água que desembocam no oceano.

h) **Solos Salinos** — São modestas extensões marginais a dois ou três pequenos lagos. São, sobretudo, alcalinos.

i) **Solos Arenosos** — São solos silicosos em que as diferenças são determinadas quase exclusivamente pela presença de matéria orgânica. Ocorrem na orla oceânica ao lado dos "Solos Aluviais".

Uso do solo — Os trabalhos anti-erosivos e de recuperação do solo em Tanganica, não tomaram o incremento que verificamos em Quênia e Uganda. Nem mesmo nas áreas de agricultura de europeus, constatamos trabalhos dessa natureza, com a frequência com que os vimos no "Highlands" de Quênia.

Ao nos dirigirmos de Muanza para Chinianga, pudemos observar o efeito típico do "overstoking" na destruição do solo, em zona livre da tzê-tzê. Durante a seca, o gado móe o chão, a terra fica solta, o pasto arrazado e, à primeira chuva, a camada mobilizada e finamente pulverizada pelos cascos dos animais, é arrastada para as partes mais baixas. E isso na planície, onde os terrenos têm de 3 a 4% de declive. A região comportaria maior população humana, se a densidade bovina fôsse menor e uma agricultura em maior escala pudesse ser praticada. E' caso corrente na África o do incremento dos rebanhos em detrimento das áreas para a produção de alimentos, mesmo que a carne não entre na dieta dos habitantes da região. Entre o Lago Vitória e Chinianga, o povo é mais pastor que agricultor. A terra é bôa e própria para algodão e sorgo. A produção da malvacea poderia ser aumentada com a ampliação da área, não fôsse a densidade bovina. Ali o boi, hoje como no tempo de Livingstone, continua a ser a moeda para a aquisição de espôas e índice da riqueza do homem.

De Chinianga a Salisbury, capital da Rodésia do Sul, o quadro é sempre o mesmo: savanas desabitadas ou terras de indígenas, degradadas pela erosão. De Nianza a Salisbury, a planície só é interrompida pelo Rift Valley e, mais adiante, pelas ribanceiras do Rio Zambeze. A distância é de cerca de 1.600 quilômetros. Percorremos êsse grande trajeto por estrada de ferro, de automóvel e o terminamos de avião, de Tabora a Salisbury. Vista do ar, apenas a 15 minutos daquela capital e que emergem, da savana resequida, esparsas fazendas de europeus, onde a terra está bem defendida da erosão. Tôdas têm açudes, que denotam a semi-aridez da região. E' o mesmo tipo de solo e de vegetação que vem desde o Lago Vitória. Ao redor de Salisbury há bem montadas propriedades agrícolas de gado e trigo, em terreno completamente plano e de uma secura tremenda. A monotonia só é quebrada pelos montes de resíduos das minas de carvão. Do avião podem ser vistos os reservatórios d'água para bebida do gado nas fazendas. A defesa do solo contra a erosão é feita por meio de cultura em faixas de nível, entre as quais há uma estreita cinta de terra vegetada

com uma gramínea, possivelmente capim de Rhodes. A margem das estradas é vegetada e o serviço de distribuição das águas é feito por interessante e uniforme trabalho de drenagem por meio de esgotos a distâncias certas.

Ali o departamento de estradas de rodagem tem a seu serviço agrônomos trabalhando em equipe com os engenheiros rodoviários, a fim da harmonizar o rodoviarismo com os interesses imediatos da agricultura marginal às estradas. Lá não são conhecidos os casos de prejuízos às culturas e danos de maior monta às fazendas na execução do trabalho de drenagem das estradas, como é comum entre nós. E' um exemplo que o nosso DER deveria imitar.

A planície que foi vista continua para o Oriente, emergindo com frequência, do seu seio, elevações rochosas eriçadas. Nos espaços entre essas massas agressivas há fazendas de gado e de cereais. O que não se vê é água. Era julho quando sobrevoamos a região.

4.4 — Clima

O zoneamento climático de Tanganica subordina-se à topografia do país. De um modo geral, podem ser consideradas as quatro zonas seguintes:

a) **Zona da costa** — Quente e úmida, especialmente na estação chuvosa. Os pontos mais elevados dessa faixa estão a 500 metros de altitude e quando o grau de umidade ali é menor, ocorrem noites relativamente frescas.

b) **Zona do planalto central** — Esta faixa abrange os terrenos que ficam entre 600 e 1.200 metros. A temperatura é mais amena, mas as variações da amplitude térmica são consideráveis nas 24 horas do dia.

e) **Zona dos lagos** — Possui altitude ao redor de 1.200 metros e difere da zona do planalto central pelo maior teor de umidade na atmosfera.

d) **Zona alta** — Abrange as áreas entre 1.600 a 3.000 metros de altitude e corresponde às elevações que se acham sobre o planalto central. E' considerada, pelos meteorologistas locais, de clima temperado, embora se desconheça ali o fenômeno da geada. O melhor clima de Tanganica é o de noroeste do Lago Niaza, região que, além de situar-se no extremo sul do país, acha-se a cavaleiro das elevações correspondentes ao entroncamento dos braços oriental e ocidental do "Rift Valley".

4.5 — O plano do amendoim de Tanganica

Já nos referimos às diferenças de comportamento dos fatores climáticos dentro de áreas reduzidas em Quênia. O clima do tipo continental, como o de Tanganica, quase sempre caracterizado pela escassez das chuvas, apresenta, entretanto, contrastes muito mais frisantes do que em Quênia.

Exemplificaremos com o que se passou na localidade de Congoa, região africana que serviu de teatro ao esquema inglês do amendoim (ARACHIS HIPOGAEA) e que lá ficou célebre, por ter desfeito a lenda da infalibilidade dos planos britânicos. Em uma área de 36.000 ha,

constatamos quão chocantes eram as desigualdades das médias pluviométricas, de lugar para lugar, dentro da mesma área, influenciadas por diferenças de altitude bem pequenas. Vimos uma bela roça de milho, em uma suave depressão do terreno e logo adiante, a menos de 5 km, por falta de chuvas, fracasso completo de uma cultura de amendoim, ao lado de medíocre cultura de girasol (*HELIANTHUS ANNUUS*) e, logo adiante, outra de sorgo, que logrou completo êxito. Constatamos a repetição do fato em mais outro local, dentro dos mesmos 36.000 ha.

Dissemos que, especialmente, os agrônomos ingleses da África conhecem a climatologia dos lugares onde operam, porque as condições do meio os obrigam a isso. Pode, portanto, parecer estranho o fracasso de Congoa. Acontece que nem os britânicos, tradicionalmente refletidos e calculistas, puderam safar-se à psicologia de após guerra. Desarmaram-se com a perda das colônias do Extremo Oriente. Voltaram-se de corpo e alma para a África. E, em Londres, no "Overseas Food Corporation" (Ministério das Colônias), tomados por uma espécie de frenesi, planejaram transformar da noite para o dia, uma região de savana semi-árida, talada de tzê-tzê, desprovida de cursos de água, em celeiro de gorduras da Inglaterra. E' como se desejássemos, de um momento para outro, metamorfosear o nordeste brasileiro no "Vale Imperial" da Califórnia, ou drenar a amazônia, saneá-la, modificar-lhe as condições naturais, torná-la habitável sem uma consulta aos fatores locais da região.

O desatino dos industriais ingleses encontra o seu motivo no seguinte fato. A "Unilever" é consórcio internacional que enfeixa uma grande cadeia de fábricas de sabão, margarina, cosméticos e dentifrícios. A sua importância afere-se pelos seguintes números: controla 516 companhias; ocupa mais de 200.000 operários em suas 250 fábricas; suas usinas transformam, anualmente, 2.000.000 de toneladas de gorduras animais e vegetais que correspondem a mais de 10% da produção mundial; o consórcio produz 2/3 do sabão com que os ingleses se lavam e 3/4 da margarina que a Europa Ocidental come. Sabões, dentifrícios, etc., que conhecemos com os nomes de "Lever", "Sunlight", "Lifebuoy", "Lux", "Pepsodont" e "Solidlox, são produtos da "Unilever".

Os industriais ingleses, idealizadores do esquema oficial do amendoim, com o Sr. Frank Samuel, diretor da "Unilever" à frente, substituíram os conhecimentos que os agrônomos britânicos da África Oriental Inglesa possuem da climatologia local. Não os consultaram. Alegaram que a técnica moderna, mecanização e adubos corrigiriam as vastas zonas não aproveitadas de Tanganica e de Quênia. Foram buscar agrônomos sul-africanos, que se dizem especialistas em agricultura de climas secos. Atiraram-se à gigantesca empresa. E, ao cabo de dois anos, sobreveio o inevitável: o maior fracasso de um empreendimento agrícola de que se tem notícia. Trinta milhões de esterlinos (Cr\$ 1.560.000.000,00) foram perdidos na voragem de Congoa. Só em maquinaria americana, dispenderam £8.000.000 (Cr\$ 416.000.000,00). E justamente no momento em que a Inglaterra desenvolve uma política de poupança, levada ao extremo de preterir o conforto e bem-estar dos

seus filhos, privando-os de tudo que a sua indústria produz de bom, a fim de incrementar a exportação e obter mais divisas.

Em Côngo, ao fim de três anos, haviam sido limpos, mecânicamente, 90.000 acres ou 36.000 ha (15.000 alqueires nossos). Desta área, conseguiram cultivar 28.114 ha. Decorridos 36 meses, o grande plano Inglês de óleos vegetais — para o qual chegaram a construir um oleoduto na África — se resumiu ao seguinte:

Quadro 13 — Resumo da produção de Côngo — Ano 1949/50

Culturas	Área em ha	Produção total ton-grãos	Médias de prod. quilos p/ha	Produção em sacos de 60 kg
Girassol ...	22.400	6.363	274	106.066
Milho	1.470	1.327	902	22.116
Amendoim .	3.800	1.166	306	46.640(*)
Sorgo	444	418	941	6.966

(*) O pêso do saco de amendoim é de 25 kg.

Foi êste o alto preço pago pela inadvertência, ao desconhecimento das condições de clima de Tanganica. Ante aquêlê tremendo fracasso não pudemos deixar de pensar que no Brasil, em qualquer dos pequenos municípios da Araraquarense, sem o aparato do “Ground Nut Scheme”, colheitas de 50.000 sacos de amendoim são frequentes. Ainda agora, ao mandarmos êste artigo para o prelo, deparamos com a seguinte estimativa da safra de amendoim das águas do Estado de São Paulo, .. 1952/53 (1): área — 92.195 ha (38.097 alqueires paulistas de 24.200 m²); produção em sacos de 25 quilos — 4.879.691. A mesma previsão consigna para a região agrícola de Marília, uma safra de 3.320.080 sacos de amendoim. A produção média por hectare, prevista, do amendoim das águas no Estado de São Paulo, é, pois, de 1.432 quilos, enquanto que a de Côngo foi de apenas 306 quilos pela mesma unidade de superfície.

Ao tratar do “plano do amendoim”, neste capítulo, não queremos deixar sem registro um fato que ignoravamos fôsse possível entre ingleses, mas que sempre se ouviu dizer ser privilégio de latinos: o de passar para o govêrno o onus de uma empresa falida, que a imprevidência e incapacidade da iniciativa particular arquitetaram. Ê êsse exa-

(1) Primeira previsão da safra 1952/53 — “A Agricultura em São Paulo”. Ano II, N.º 12, Dezembro 1952. Divisão de Economia Rural — Departamento da Produção Vegetal — Secretaria da Agricultura — Estado de São Paulo.

tamente o caso do amendoim dos ingleses. Como dissemos, a exploração foi iniciada pelo consórcio "Unilever" em 1946. Em 1949, diante da realidade do fracasso, a poderosa empresa conseguiu desvencilhar-se do seu negócio e passá-lo, falido, às mãos do Governo de Sua Majestade, através do "Overseas Food Corporation".

Como temos sido interrogados com frequência sobre os mirabolantes planos ingleses de produção de oleaginosas na África, vamos transmitir aos nossos leitores as notas tomadas durante a visita ao teatro das operações de Congoa. A nossa chegada coincidiu com a do estado maior inglês do "Groundnut Scheme", que viera da Inglaterra para deliberar sobre a maneira mais honrosa da técnica britânica descalçar a bota que a "Unilever" lhe impingira. Ocasão um tanto imprópria, porque o bom humor dos agrônomos sul africanos que nos receberam, estava mais ou menos ausente, ante a derrota sofrida na planície africana e de cujo epílogo estávamos sendo testemunhas.

Chuvvas — Uma só estação de dezembro a fevereiro, cuja média gira ao redor de 600 mm. A estação seca, como se vê, arrasta-se por 9 longos meses. **Posição geográfica** — Uma centena de quilômetros aéreos a noroeste de Dar-Es-Salaam. **Altitude** — 1.200 metros acima do mar. **Água** — Era um dos grandes problemas a enfrentar, pois o ribeirão mais próximo corre a 50 km de distância e a abertura de cisternas era quase impraticável porque, além de camadas rochosas a serem perfuradas, o lençol frático acha-se a cerca de 100 metros de profundidade. Vimos diversos carros-tanques, de uma frota de 40 unidades, que puchavam água para bebida dos prêtos, 50 km distante de Congoa. **Solo** — Segundo nos informaram, as depressões são de origem lacustre e os pontos mais elevados, originários do feldspato. Os primeiros são prêtos e os segundos de cor clara. Um e outro endurecem com a seca e, do meio da estiagem para o fim da estação, torna-se impraticável a agricultura mecanizada. Há ainda pequenas porções de terrenos vermelhos. Estes assemelhavam-se ao nosso solo de transição da terra roxa para o de campo e acusavam pH 4,6. Segundo os agrônomos de Congoa, dentre os fatores que mais concorreram para a derrota do plano do amendoim, o excessivo endurecimento do chão foi um dos principais, pois, as colhedoras mecânicas não lograram revolver o terreno pela impossibilidade de penetrá-lo. Informaram-nos que o desgaste dos discos dos destorroadores era da ordem de 4 polegadas diárias (10 cm). Mesmo a colheita à mão era operação difícil quanto desaconselhável para empresa daquela magnitude. Os técnicos ingleses estavam dando a denominação de "Woodland soil" ao tipo de solo, devido à vegetação existente. **Maquinaria** — 90% de procedência americana, da marca Massey Harris". Os campos, após a limpeza e defesa do solo contra a erosão, foram divididos em seções de 50 ha e cada uma dotada de um trator de 35 HP para respectivo cultivo. **Tratoristas** — Era uma das grandes dificuldades que estavam sendo enfrentadas, porque os prêtos da tribo Uagogo, que habitava Congoa, eram dos mais primitivos e muitos deles nunca haviam visto um branco. Contudo, era esse o material humano com que contavam. Entretanto, para as atividades de

mecânicos, especialmente para trabalhos de forjaria, manifestavam certa aptidão que os ingleses relacionavam à tradição metalurgista de que a África é detentora. **Mão de obra** — Até a época da nossa visita estavam sendo empregados 10.000 prêtos nos diversos trabalhos agrícolas. **Vestimenta do terreno** — Densa vegetação de arbustos das espécies COMMIPHORA sp., tendo de permeio especialmente nas baixadas algumas acacias (ACACIA SPIROCARPA) e largamente dispersos pela paisagem, o baoba. Causou-nos surpresa o fato de essa vegetação não se incendiar na estiagem, pois, a impressão é de que tudo estava seco e que bastaria um fósforo para “limpar” aquele chão impenetrável pelo emaranhado da vegetação. Viajamos por estrada de ferro a vapor e verificamos que, de fato, as fagulhas da locomotiva quando muito ateavam fogo a uma gramínea, de porte baixo, que não ia além da faixa limpa, marginal à linha férrea. O chão daquela savana não possui outra vegetação senão a arbustiva, não há facho e o lenho verde das COMMIPHORA, embora pareça seco, é incombustível. A limpeza, pois, do terreno é tarefa possível somente com os “buldozer”, portanto, operação de elevado custo. O clima, especialmente o grau de umidade, o tipo de vegetação, fazem da região de Congoa o “habitat” ideal para a mosca do sono. **Área limpa** — Estavam limpos, lavrados e defendidos da erosão e em cultivo, 36.000 ha e 28.000 ha achavam-se em processo de limpeza mecânica. **Benfeitorias** — A localidade de Congoa, em 1947, era a savana habitada por esparsos grupos de prêtos e por animais selvagens, especialmente elefantes e rinocerontes. Em 1949, Congoa era uma cidade que nascera do dia para a noite, com residências, bancos, hotéis, oficinas, depósitos, eletricidade, etc. As edificações eram pré-fabricadas, de madeira, mas a maior parte de material Armco corugado. Todos os edifícios eram modestos, denunciando uma preocupação de poupança. Entretanto, o capital neles empregado, era vultuoso, considerado o seu número elevado. **Futuro da empresa** — Verificado o fracasso do empreendimento agrícola, mas com o fim de evitar perdas totais, era pensamento dos dirigentes do “plano do amendoim”, tentar a bovinocultura em rotação, com uma cultura a ser ainda determinada. A densidade da população bovina seria, provavelmente, de 1 rez para cada 2 alqueires paulistas. Orientando a empresa nesse sentido, era pensamento limpar mais 150.000 ha de savana para as pastagens. A tendência era para reduzir o cultivo do amendoim a 4.000 ha e tentar a rotação de pasto com milho e sorgo, nos sítios onde as condições de umidade o permitissem. **Combustíveis** — Todo o movimento da enorme empresa era feito a poder de gasolina e óleo Diesel, tornando elevada a despesa, especialmente o primeiro destes combustíveis, indispensável para manter a frota de viaturas para condução do pessoal técnico, que era sustentada pela empresa. **Defesa contra a erosão** — O trabalho estava sendo feito por meio de cordões de nível, com o enleiramento da coivara da savana. **Semeadura** — Ante o insucesso da colheita mecânica do amendoim plantado no sulco, consequente ao endurecimento do chão, na época da apanha, ia ser tentado o plantio na leira. **Pragas** — O maior inimigo do amendoim é o cupim. A maneira de combatê-lo consistia em só fazer a semeadura com chuva ou terra bem molhada. **Va-**

riedades de amendoim — A que vimos denominava-se “Natal Common”, naturalmente procedente de Natal, na África do Sul. Era uma fava com película clara, de reduzido tamanho e quase que invariavelmente com 2 sementes. **Pesquisa** — Após os primeiros insucessos foram montados laboratórios de pedologia, fisiologia e uma estação experimental. Todos trabalhavam no afan de descobrir a planta que pudesse salvar o maior “panamá” dêste século. Estudos de água no solo, relacionados à fisiologia do amendoim, do girassol, sorgo e milho, estavam em andamento. **Girassol** — O “groundnut scheme”, logo após o primeiro cultivo, estava quase convertido em um “Sunflower scheme”, pois o girassol tomava o lugar do amendoim, apesar de também não se comportar satisfatoriamente. As maiores flôres que vimos na improvisada estação experimental local, tinham mais ou menos 12 cm de diâmetro e a quantidade das sementes chochas era considerável.

Na grande empresa falhou completamente o espírito prático e objetivo dos seus idealizadores e responsáveis. E, diga-se a bem da verdade, o que não é próprio dos ingleses. Por toda a África inglesa, por onde andamos, verificamos agricultura, comercialização e indústrias, orientadas com grande objetividade. No “Groundnut scheme” notamos uma grande vontade de acertar após a irreparável perda de um fabuloso capital. Era como se desejassem “colocar uma tranca na porta depois da entrada do ladrão”.

Fomos recebidos pelo pessoal de Congoa com certa impaciência e com manifesta pressa de que nos despedíssemos. Aquêlê mau estar que a nossa presença provocava, especialmente aos sul-africanos, nós o compreendemos perfeitamente, pois era a maior confissão do seu grande fracasso. Aliás, Congoa constituiu uma exceção, porque em todos os lugares de influência inglesa por onde passamos, fomos cavalheirescamente recebidos.

Ainda em Tanganica, visitamos extensa região, onde o fenômeno de antagonismos climáticos se manifesta com frequência. Quem, de Muanza, na barra do Golfo de Speke, no Lago Vitória, olha para o sul, tem à sua frente, a perder-se, infinda planície. É o planalto de Tanganica, que vai se deter, no extremo sul do país, às ribanceiras do Rift Valley, que o separa da Rodésia do Norte. Lateralmente, o planalto é confinado pelos braços oriental e ocidental do Rift. No sentido norte sul, a grande planura tem uma extensão superior a 700 quilômetros. A diferença de nível entre êsses pontos é de apenas 200 metros: à beira do Lago, a altitude é de 1.250 metros e, no extremo oposto, é de 1.450, o aclave principia em Muanza e, suavemente, se eleva no sentido sul. Percorremos essa região pelo ar, por estrada de automóvel e por ferrovia. Vencemos uma distância superior a 1.000 km. Visitamos estações experimentais, culturas de algodão e de plantas alimentares de nativos, atravessamos zonas pastoris e vastas savanas interditas ao homem, devido à tzê-tzê. Toda a agricultura ali está condicionada a um mínimo de chuvas e à sua distribuição. A região está sob o regime de duas estações úmidas: a das “grandes” e a das “pequenas chuvas”. O volume das precipitações e a sua distribuição variam de uma localidade para outra, embora as distâncias que as separam não sejam gran-



FIGURA 14 — Aspectos de Tangânicá: "A" — girassol em vez de amendoim, Côngo, 25/7/950; "B" — savana, vegetação típica, incombustível, que foi removida mecanicamente para cultivar amendoim, Côngo, 25/7/950; "C" — "baoba", padrão das regiões semi-áridas da África, Côngo, 25/7/950; "D" — indígenas abrindo cacimbas no leito seco do rio, terra de "baoba", Nova Chinianga, 26/7/50.

des, como se pode vêr: em Muanza, à beira do Lago Vitória, chove 990 mm por ano; em Chiniânga, 95 km para o sul, a coluna de água é de 900 mm; em Tabóra, 150 km além da última localidade, as chuvas atingem 750 mm; nas bordas do Rift Valley, a coluna pluviométrica varia entre 1.200 e 1.500 mm. Em Côngo, no leste do planalto, a coluna de chuvas mede anualmente, 650 mm e só há um período de chuvas que vai de dezembro a fins de fevereiro.

No planalto paulista, a diferença de nível entre a capital do Estado e as barrancas do Rio Paraná é de 500 metros, a extensão é de pouco mais que 700 km e a média anual de chuvas é de 1.300 mm em quase toda a sua extensão.

Segundo o agrônomo de Chiniânga, a média anual de chuvas em sua região é de 900 mm. Há ocasiões em que em 10 dias precipitam-se 600 mm do total médio ficando 300 mm para o resto do ano. Com tempo regular, as culturas praticáveis são as de algodão, sisal, sorgo e penicetum. Por outro lado o regime de dois períodos úmidos compromete, comumente, as culturas se, em um dêles, as chuvas não caírem em épocas certas. Nessa localidade, as "pequenas chuvas" vêm em novembro e dezembro, enquanto que as "grandes chuvas" caem em março, abril e maio. Os meses de janeiro e fevereiro são secos, bem como os de junho, julho, agosto, setembro e outubro.

(Continua)

MUDAS DE CAFÉ

bem assim como de plantas frutíferas e ornamentais V. S. encontrará na firma

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo

LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO
REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Governo do Estado de São Paulo)

Capital realizado Cr\$ 100.000.000,00

FAZ TODA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS

sobre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina	27 — Itapetininga	54 — Ribeirão Preto
2 — Amparo	28 — Itapeva	55 — Rio Claro
3 — Andradina	29 — Itú	56 — Rio de Janeiro
4 — Araçatuba	30 — Ituverava	57 — Sta. Cruz do Rio
5 — Araraquara	31 — Jaboticabal	Pardo
6 — Araras	32 — Jaú	58 — Santo Anastácio
7 — Atibáia	33 — Jundiá	59 — Santos
8 — Avaré	34 — Lençóis Paulista	60 — S. Bernardo do
9 — Barretos	35 — Limeira	Campo
10 — Batatais	36 — Lins	51 — São Carlos
11 — Baurú	37 — Lucélia	62 — S. João da Boa
12 — Bebedouro	38 — Marília	Vista
13 — Botucatu	39 — Mirassol	63 — São Joaquim da
14 — Birigui	40 — Mogi-Mirim	Barra
15 — Brás (Capital)	41 — Novo Horizonte	64 — S. José do Rio
16 — Caçapava	42 — Olímpia	Pardo
17 — Campinas	43 — Ourinhos	65 — S. José do Rio
18 — Campo Grande	44 — Palmital	Preto
(Mato Grosso)	45 — Penápolis	66 — São Simão
19 — Campos do Jordão	46 — Pinhal	67 — Sorocaba
20 — Casa Branca	47 — Piracicaba	68 — Tanabi
21 — Catanduva	48 — Pirajúi	69 — Taubaté
22 — Franca	49 — Pirassununga	70 — Tietê
23 — Gália	50 — Pres. Prudente	71 — Tupã
24 — Goiania (Est. Goiás)	51 — Pres. Venceslau	72 — Uberlândia (Mi-
25 — Guaratinguetá	52 — Quatá	nas Gerais)
26 — Ibitinga	53 — Registro	

O CAFÉ SOLÚVEL

“Segundo certa opinião, o chamado “café solúvel”, preparado pelos norte-americanos, representa para a cafeicultura brasileira uma ameaça tão grande quanto a concorrência africana e o aumento da produção em países latino-americanos. Antes de mais nada, a ser verdadeiro esse modo de vêr, ao mesmo perigo estariam sujeitos os cafés africanos e dos outros países da América Latina, pois o café solúvel emprega as mesmas misturas do torrado ou moído.

Com efeito, esse preparado é uma essência em pó, concentrada, do produto recém-torrado. Contém apenas as partes solúveis dos grãos de café. Uma pequenina colher desse pó, colocada numa xícara de água fervendo, produz boa bebida, com excelente aroma e sabor. Não deixa sedimento algum na xícara ou na cafeteira, ao contrário do que se verifica com o produto exclusivamente torrado e moído. As primeiras fórmulas continham carboidratos para reter o sabor das partes solúveis do café. Mas já agora muitas marcas mantêm perfeitamente o sabor e o aroma sem necessidade de nenhum estabilizador. Isso se deve ao aperfeiçoamento do maquinário para preparar o café solúvel, alguns deles com melhoramentos dos mais avançados na técnica de preparação e acondicionamento de alimentos.

O café solúvel foi introduzido no mercado norte-americano antes do início da última guerra. Até 1939, vendiam-se alguns tipos de café — dito solúveis — para serem preparados na xícara. Mas êsses primeiros produtos ainda continham partículas insolúveis, que ficavam depositadas na xícara. Quando surgiram, em 1939, os atuais preparados, não encontraram imediata aceitação. Em 1944, o Exército norte-americano requisitou todo o café dêsse tipo para envio às suas tropas, e todos os soldados apreciaram imensamente a facilidade do seu preparo e a qualidade do produto. Terminada a guerra, o café solúvel, antes exclusivo dos militares, foi por êstes procurado no mercado, o que provocou a generalização do seu consumo. Daí para cá, êste tem aumentado extraordinariamente. Em novembro de 1945, apenas 3,5% do café vendido nos empórios dos Estados Unidos eram do tipo solúvel. Em março de 1948 já essa porcentagem atingia 7,7. Em 1952, segundo se divulgou na convenção da “National Coffee Association”, promovida em Boca Raton, na Florida, as vendas ultrapassaram 18% do total, sendo que, em algumas áreas, alcançaram 25% do café vendido pelos empórios. No varejo, as vendas de café solúvel, em 1952, foram superiores a 135 milhões de dólares.

“Um frasco de quatro onças de café solúvel estabilizado com a adição de carboidrato — diz uma revista agrícola norte-americana — é considerado como equivalentes a 80 ou 90% de uma libra-peso (0,454 quilograma) de café moído. Esse frasco, quando usado em conformidade com certas condições, rende 32 xícaras; nas residências particulares, preparam-se normalmente 35 xícaras com uma libra-peso de café moído. Nos restaurantes e outros lugares, onde se prepara o café em grandes quantidade, uma libra de café moído rende 40 xícaras. O café solúvel pode ser guardado por um longo período de tempo, mesmo depois de aberto o frasco, e a última colherada que se usar se parece

bastante com a primeira. Poucas famílias pequenas se dispõem a comprar três libras de café moido de uma vez; porém, o frasco de 12 onças de café solúvel (equivalente a três libras de café comum) é o que o consumidor prefere”.

Mas do simples fato de o café solúvel representar uma economia de 8 a 20% para as donas-de-casa, em relação ao café moido, não é lícito concluir que o consumo de café brasileiro irá diminuir nos Estados Unidos. Ao contrário, ante a facilidade de preparo do café solúvel, tudo indica que a procura dessa bebida aumentará extraordinariamente, estendendo-se mesmo a regiões onde se preferem, nos meses frios, bebidas alcoólicas e outras. Mas razoável será, portanto, afirmar que o sistema de preparo do café empregado pelos norte-americanos contribuirá para a mais ampla difusão do produto.”

N. da R. — A opinião expressa na anterior entrevista e parte final deste comentário é idêntica à que expuzemos em artigo publicado neste Boletim (V. pág. 584 do n.º 305, de julho de 1952).

(Do “O Estado de S. Paulo” 28-1-53)



Milhões de cafeeiros restaurados com Salitre do Chile

O revestimento abundante é condição essencial para o cafeeiro produzir satisfatoriamente.

Restaurar a parte foliácea e aumentar os ramos produtivos do seu cafezal com o auxílio do **Azoto Nitrico do SALITRE DO CHILE** aplicando em cobertura 300 gramas por cafeeiro: metade de Julho a Outubro e o restante de Dezembro até fins de Janeiro.

Totalmente assimilável e aproveitado desde a sua aplicação, revigora e estimula o desenvolvimento e satisfaz as exigências da planta. Como atestam centenas de cafeicultores progressistas, o **SALITRE DO CHILE** é o adubo que SEMPRE proporciona os melhores resultados. Obtenha o maior benefício de sua adubação consultando gratuitamente ao Departamento Agrônomico de

ADUBO NATURAL DE RENOME MUNDIAL

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS
Rua Florêncio de Abreu, 270 — São Paulo

A RESTAURAÇÃO DOS CAFÉZAIS, A IRRIGAÇÃO E O BANCO DO BRASIL

CARLOS WHATELY

“O sr. Carlos Whately, experimentado lavrador de café na Sorocabana e dirigente da S.R.B., depois de recente viagem pelas zonas cafeeiras do Estado, mostrou-se alarmado com o estado de decadência dos cafézais paulistas. Surpreendeu-se ainda ao verificar que muitos lavradores procuram encontrar solução para o mal apenas na irrigação artificial. Essa medida, naturalmente aconselhável, estaria sendo transformada numa panacéia. Foi precisamente tendo em vista o combate a esse mal, que o sr. Carlos Whately, cafeicultor sèriamente preocupado com a defesa dos recursos naturais, e que vem constantemente adubando e protegendo as suas lavouras, escreveu o presente artigo — verdadeiro brado de alerta pela melhor colocação do problema da recuperação da rubiácea bandeirante.

Está na ordem do dia a restauração dos cafézais, cuja decadência é impressionante, principalmente nas chamadas zonas novas, como pudemos recentemente observar em longa excursão empreendida a tôdas as regiões cafeeiras do Estado.

O problema é de tal gravidade que só um conjunto de medidas poderá solucioná-lo. Urge, pois, atacá-lo sem mais delongas, se não quisermos assistir dentro de muito pouco tempo à completa “debacle” do que ainda nos resta do mais nobre dos produtos que formam a riqueza agrícola do nosso Estado, aquela que plasmou uma civilização e a cuja sombra foram criadas e ainda prosperam quase tôdas as atividades econômicas do país.

Ê tal a balburdia que lavra entre os cafeicultores na ansia de aumentar a produtividade de suas lavouras, que se torna urgente o início de uma campanha esclarecedora, orientada pela Secretaria da Agricultura, a fim de serem evitadas consequências nefastas e imprevisíveis.

Sem o menor apóio na técnica e na lógica atribui-se à irregularidade das chuvas a culpa máxima pela decadência cafeeira e, como medida recuperadora unilateral exclusiva, alvitra-se a irrigação artificial, sendo postergada ou esquecida a adubação.

O êrro está sendo, infelizmente, oficializado pelo Banco do Brasil, ao abrir, generosamente os seus cofres para o financiamento de custos equipamentos de irrigação e ao mesmo tempo dificultando e restringindo a importação de fertilizantes. Destarte, torna-se conivente na adoção de métodos irracionais e confusos, que só trarão prejuízos à nossa cafeicultura. A verdade é que os cafézais já periclitantes não podem mais suportar equívocos e êrros que sèriamente comprometam a sua sobrevivência.

O financiamento indiscriminado do aparelhamento de irrigação de cafézais, tanto recuperáveis como irrecuperáveis, além da incompre-

ensão da medida, poderá criar consequências embaraçosas para os cafeicultores beneficiados e mal sucedidos porque mal informados. Seria insensatez condenar a irrigação dos cafèzais. O êrro está na irrigação de solos depauperados, sem prévia e adequada adubação, desvirtuando-se os objetivos colimados, porque sem elementos nutritivos básicos à disposição da planta, a água nada mais será do que imprevidente desperdício.

Consequentemente, toda preferência deveria ser concedida ao financiamento da adubação e não da irrigação, pois a adubação sem irrigação apresentará sempre resultados positivos quando feita racionalmente, enquanto a irrigação em solos empobrecidos, sem adubação, está fadada ao fracasso na maioria dos casos, porque por maior que seja a irregularidade das chuvas, sempre choverá, mas os fertilizantes, a não ser uma quantidade ínfima de azôto, nunca cairão do céu. Não existindo mais húmus e nem elementos minerais naturais no solo, a água só poderá apressar o seu esgotamento. Portanto, não se compreende, nem se justifica, a liberalidade do Banco do Brasil em benefício de uma irrigação por vezes dispensável e da sua sovinice para uma adubação absolutamente indispensável. Os que defendem unilateralmente a irrigação dos cafèzais, justificam-na na abundância de frutificações obtidas em outros tempos e ingenuamente atribuídas com exclusividade à maior frequência das chuvas, como se o milagre fosse operado por estas e não pelos elementos básicos da nutrição vegetal, inicialmente existentes no solo, dissolvidos e levados para o organismo das plantas pela água. É evidente a falta de raciocínio e de lógica. Não difere consideravelmente o volume pluviométrico do norte do Paraná e das várias regiões de São Paulo e, no entanto, é flagrante a disparidade de frutificação de Estado para Estado, de município para município e de vizinho para vizinho, prevalecendo sempre a maior riqueza da terra e as adubações acertadas. A água, nessas condições, será sempre um imprescindível e precioso complemento da adubação e nunca uma solução básica da conservação e recuperação cafeeira.

As chuvas, reanimando naturalmente os cafeeiros, arrefecem, via de regra, o entusiasmo pela adubação, na crença errada de uma restauração natural e cômoda. Logo, porém, se desvanecem as esperanças porque a única garantia de frutificações abundantes está no vigor das palmas periodicamente renovadas e não nas fôlhas que, parcamente, revestem os cafeeiros decadentes. A água sem adubos em terras esgotadas poderá proporcionar fôlhas, mas não palmas abundantes. Portanto, a recuperação cafeeira é problema essencialmente de adubação, mas de adubação racional bem entendido.

O problema da recuperação cafeeira resume-se simplesmente no emprêgo de matéria orgânica de qualquer natureza, como lastro fundamental, superenriquecida pelo azôto, ou melhor dito, pelo azôto nítrico e pelo potássio, devendo o fósforo ser empregado com parcimônia, a fim de serem evitadas frutificações prejudiciais à estrutura dos cafeeiros em período de restauração. A preferência do azôto nítrico é ditada pela urgência da assimilação. Os resultados de adubações nessas condições constatados durante nossa excursão por várias regiões cafeeiras do Estado, são incontestavelmente positivos e esse método

deve ser aconselhado, propagado e adotado. O bicho mineiro, testemunho vivo da decadência dos cafêzais paulistas, e as demais pragas insidiosas que afetam as suas fôlhas, não são apenas uma consequência das longas estiagens, mas sobretudo do enfraquecimento dos cafeeiros, martirizados por fome tremenda.

O Banco do Brasil pode e deve facilitar o financiamento da irrigação, mas exclusivamente para lavouras convenientemente adubadas e, portanto, recuperáveis. Mas sem financiamento fácil e amplo, não haverá adubação generalizada e consequentemente não haverá recuperação cafeeira mesmo que chova normalmente ou irrigue-se. Portanto, a unilateralidade do financiamento em benefício de poucos e em detrimento de muitos será, além do mais, francamente odiosa.

Infelizmente, é problemática a subsistência dos cafêzais, pois já é elevado o número dos irrecuperáveis, e faltam disposição e conhecimento para impedir o total definhamento dos restauráveis. Não soubemos prevenir e mais difícil será remediar. Mesmo premidos por necessidades inadiáveis, quando somos obrigados a converter em dólares parte do café destinado ao consumo interno, nota-se indiferentismo e displicência, ignorando-se que os cafeeiros estão morrendo de fome com a agravante de se desconhecer a maneira de alimentá-los convenientemente."

(Da "Fôlha da Manhã" de 2-12-1952)

CRÉDITO CAFEIRO NO MÉXICO

"O boletim da Comissão Nacional do Café, do México, divulgou o seguinte: O Presidente da República concedeu autorização ao presidente da Comissão Nacional do Café, sr. eng. Rebolledo Clement, para que inicie um novo programa de crédito aos cafeicultores o qual consiste de empréstimos a largo prazo (5 anos) ao juro anual de 6%. Dessa forma a Comissão Nacional do Café, ao mesmo tempo que leva ao cafeicultor melhores sistemas de trabalho e cultura, vae proporcionar-lhe o crédito necessário, com amortização deferida, até que os cafêzais comecem a produzir. A primeira aplicação dêsse tipo de crédito rural está sendo feita em 25 hectares do "ejido" de Coatepec, Estado de Veracruz, e constitue um ensaio do novo programa conjuntamente com a assistência técnica. Os fundos para êsse ensaio foram proporcionados pela Comissão Nacional do Café e provêm da receita da referida Comissão com a venda de plantas de seus viveiros.

"Como as instituições de crédito no país não concedem empréstimos com as características acima descritas, os fundos daquela Comissão não poderiam ser melhor empregados. O departamento Técnico da referida Comissão está a cargo do programa havendo já iniciado a plantação no ejido de Coatepec com plantas de seus próprios viveiros. Os resultados eventualmente obtidos deverão servir de base para o planejamento de futuros créditos cafeeiros. México necessita, incrementar sua indústria de café, de vez que ela constitue uma das melhores fontes de receita daquêlê país".

(Do Escritório Pan-Americano do Café de
Nova York — 31-10-1952)

POR QUE SEMEAR CAFÉ NO FUNDO DE UMA COVA, A 30 OU 40 CM. DE PROFUNDIDADE ?

José Ferreira VELOSO
Engenheiro-agrônomo

“Essa é outra prática integrante do processo de cultura extensiva do cafeeiro. Ela, afora contrariar as leis da natureza, pois o nó vital da planta fica enterrado no solo, não encontra justificativa alguma, a não ser no comodismo e na facilidade de se estabelecer, num prazo curto, extensas lavouras de café. Depois do terreno estar alinhado, entram as turmas de operários que vão abrindo covas em série acelerada (não há necessidade de qualquer aprendizado) e em pouco tempo tem-se uma plantação com centenas de milhares de touceiras de café.

A natureza, entretanto, nos ensina de um modo diverso: a semente cai na superfície do solo, úmido e coberto pela floresta, e aí germina. Mas como a floresta foi derrubada, as sementes não encontram mais ambiente favorável para germinar ao nível do solo; ideou-se, então, naqueles tempos longínquos, fazer uma cova, depositar aí as sementes e cobrir tudo com achas de madeira. Nessas condições as sementes estarão num meio muito favorável, de sombra e umidade, para se desenvolverem. Os cuidados posteriores são mínimos. Tem-se, assim, um cafézal formado com muita facilidade mas com sacrifício das plantas.

No momento atual, quando as zonas velhas estão sendo objeto de justificado interesse para o estabelecimento de novos cafézais, é necessária uma mudança radical nos métodos de cultivo para evitar os males do passado. Não devemos nos aferrar a processos antiquados, usados pelos nossos tetravós, processos esses que, podendo ser concebíveis naqueles tempos, hoje, com os progressos da agricultura, são completamente arcaicos. E o exemplo é tudo. Haja vista aqui no vizinho município de Cotia: a maioria dos seus sitiantes pega num V-5 e ara a terra tão bem como os que melhor o sabem, pois viram os japoneses trabalhar. Essas lavouras novas que estão sendo estabelecidas nas zonas velhas devem ser as pioneiras na aplicação dos métodos racionais da cultura do cafeeiro para que seus exemplos floresçam e frutifiquem.

O escritor e fazendeiro Louis Bromfield, que aqui já esteve por necessária uma mudança radical em Ohio, disse, entre outras coisas que já se foi o tempo em que se podia dizer — “sou um puro e legítimo “agricultor”. “Não somente os dias que correm forçaram o agricultor a ser um “capitalista” — disse Mr. Bromfield, que é proprietário e gerente de sua fazenda. O agricultor do futuro deverá ser em parte um cientista, em parte um especialista e em parte um negociante”. Parece razoável, diz a revista “Califórnia Citrograph”, de janeiro de 1952, aceitar essas conclusões de Mr. Bromfield. O sucesso atual na agricultura depende de 25% da ciência, 75% da especialização e 100% do tino comercial. Essa é a moderna agricultura.

A plantação de um cafézal deve ser iniciada nos canteiros bem cobertos por ripas ou bambus formando uma sombra tapada, tanto de cima como de todos os lados. A terra desses canteiros deverá ser muito bem trabalhada e isenta de pragas. Neles serão espalhadas as semen-

tes de café previamente despolpadas, secas à sombra e na proporção aproximada de 1.200 por metro quadrado. Com o auxílio de uma peneira cobrem-se as sementes com uma leve camada de terra. Um regador de crivo muito fino será empregado para aguar os canteiros uma ou duas vezes por dia.

Ao cabo de mais ou menos dois meses, inicia-se a germinação com as duas "orelhas de onça" despontando como as duas primeiras folhas e que não são nada mais que a própria semente metamorfoseada em um par de folhas. Nessa ocasião já deverão estar prontos os laminados (cestinhos) em número suficiente, cheios com terra, amarrados com uma volta de arame bem fino e encanteirados sob ripados de sombra tão fechada como a dos canteiros. Esses cestinheiros, com 8 cm de diâmetro e 25 a 30 de alto, serão dispostos de maneira que possam ser regados com facilidade. Quando as mudas dos canteiros estiverem com 4 ou 6 folhas deverão ir para os cestos, ocupando uma cada cesto. À medida que forem crescendo, a luz irá sendo aumentada. Quando estiverem com 30 ou 40 cm de altura, estarão em condições de irem para o terreno definitivo.

A melhor época para se iniciar os canteiros é nos meses de março ou abril; em junho as sementes estarão nascidas e em novembro ou dezembro as mudas encestadas irão para o terreno que nessa ocasião deverá estar todo coveado em curvas de nível.

Esse serviço é fácil de ser executado por qualquer camarada da fazenda que tenha disposição para o trabalho. Para isso faz-se um triângulo, onde se fixa um nível de pedreiro. Nada de aparelhos complicados com tripês, lunetas e miras, pois aqui não há necessidade de exatidões de milímetros e nem de centímetros. Três homens com esse triângulo marcam e coveiam de 1.200 a 1.500 covas por dia, covas essas com capacidade apenas para conter o cestinho e que serão abertas com 2 ou 3 golpes de enxadão. Um dos homens carrega o triângulo, outro vai na frente abrindo covas mestras e o terceiro vem atrás, com uma vara marcada nos espaçamentos desejados, repicando o coveamento.

Devido ao terreno não ter sempre a mesma declividade, as curvas de nível, ora se aproximam demais, ora se afastam muito. É preciso, na ocasião da plantação, desprezar as curvas muito próximas ou intercalar outras onde o afastamento por excessivo.

Fica assim estabelecida uma lavoura em "renque de nível" em que tudo será mais fácil de ser executado e onde o principal objetivo visado foi manter a integridade do solo com a boa vegetação dos cafeeiros.

A substituição da lavoura se fará antes que ela entre em franca decadência e por um processo de rodízio tri-anual, tirando um pé e deixando dois. Essas plantas novas, colocadas no lugar das velhas deverão vegetar bem porque: 1.º) encontrarão um solo que não está erodido; 2.º) terão sombra muito próxima de dois lados; 3.º) nos outros dois lados poderão ser plantados, de cada lado, 6 ou 8 pés de milho que, amarrados por cima, depois de produzirem, completarão a sombra para o melhor desenvolvimento das replantas."

(Da "Fôlha da Manhã" de 24-1-1953)

"O CAFÉ, MARCO DE UMA NOVA ERA NO PARANÁ

Além de seus serviços próprios, tanto sob o ponto de vista de informações como de colaboração, procura este Boletim acompanhar o que de melhor se publica em relação à cafeicultura, no Brasil e no mundo, transcrevendo em suas páginas os estudos que mais se destaquem pelo valor de suas pesquisas, utilidade e objetividade.

Assim procedemos com referência a trabalhos de maior ou menor amplitude, e com particular realce transcrevemos especializadas reportagens feitas sobre o carê na África, no Paraná e no Espírito Santo, estampadas em matutinos desta Capital.

Abrimos, hoje, nossas colunas para publicar, *data vênica*, uma pormenorizada e metódica reportagem do Sr. M. Mazzei Guimarães, na *Fôlha da Manhã*, de S. Paulo, em novembro e dezembro últimos. Muito embora o estudo em questão não trate apenas de assuntos relativos ao café, julgámos interessante transcrevê-lo na íntegra para melhor informação aos leitores deste Boletim que desejem inteirar-se sobre a economia paranaense. — N. R.

I

Introduziu a rubiácea profundas alterações na velha estrutura pastoril e extrativa do Estado

"Provavelmente, o Estado brasileiro mais difícil hoje para ser observado e compreendido é o do Paraná. Não se acha ele mais no estado bruto, como as áreas amazônicas; nem está no passo inicial do "rush" de desbravamento, como Goiás e Mato Grosso, onde o homem e a natureza como que ainda "posam", sem a euforia dos que integram numa tarefa, alheios às indagações e às tentativas de retrato; mas também ainda não atingiu a província sulina aquele aspecto relativamente estável das zonas inteiramente ocupadas do Brasil, como São Paulo e Minas Geraes, onde o desenvolvimento econômico e social se processa na medida das possibilidades dos recursos naturais, técnicos e financeiros, partindo de um mínimo de "incorporação" e "conhecimento próprio" que ainda não se alcançaram no Paraná.

Esse Estado, que está na moda no Brasil e no mundo, possui áreas apreciáveis ainda por ocupar. Ao mesmo tempo contem zonas já consideradas velhas, inclusive no norte, e outras em maturidade ou crescimento inicial, onde ainda se ouve o crepitar do fogo e o batido do machado. Por outro lado, o sul, (onde ainda se sente o "ritmo curitibano") de formação mais antiga e de desenvolvimento econômico retardado, sente o impacto da riqueza "nortista", formada vertiginosamente, e reage com modificações na antiga estrutura pastoril e extrativa. O "dinheiro do café" esparrama-se por todo o Estado através do imposto e de outros

processos de interpenetração econômica e social no espaço geográfico. A concessão de terras nas áreas novas do noroeste a fazendeiros sulistas é uma das formas dessa "osmose". A maior influência política do sul (que só agora tende a perder a hegemonia demográfica), com a tradição de mando de suas grandes famílias (as "paranistas"), também contribui para que aquela difusão da riqueza descoberta na zona setentrional se traduza em boas estradas, escolas e edifícios públicos nos velhos municípios campineiros meridionais. Por sua vez, correntes humanas de vários quadrantes do país e do mundo começam a aportar em larga escala ao Paraná, trazendo influências contraditórias. Estamos assim diante de um Estado complexo, de um mosaico de estágios econômicos e de múltiplas reações regionais e humanas, de difícil análise e teorização. Seria arriscado, numa simples série de reportagens, procurar caracterizar o "momento" paranaense, em linhas definidas; ao contrário do que fizemos em relação ao Vale do Paranaíba mineiro e a Goiás e Mato Grosso, quando procuramos tirar conclusões gerais e apontar tendências, nesta série do Paraná preferimos descrever e anotar. Faremos apenas algumas tentativas de conclusões isoladas sobre este ou aquele problema.

DESENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO

Apesar da dificuldade de dados estatísticos e informes objetivos, inclusive oficiais, sobre o Paraná (resultante natural dos rápidos movimentos econômicos e demográficos que ali se registram), tentamos dar uma idéia de conjunto do Estado nesta reportagem introdutória. Segundo revelou o censo de 1950, foi ele a unidade federativa que, por notória influência do café, mais cresceu de população em 10 anos: o que significa tendência de urbanização, apesar da grande expansão rural. A cota da população rural em 1950 era de 75% sobre o total, contra 79% dez anos antes: o que significa tendênciad de urbanização, apesar da grande expansão rural. Estamos assim diante de um Estado que viveu intensamente um decênio como área típica de fronteira, aumentando a sua população principalmente à custa de afluxo de correntes imigratórias.

O "NORTE" E O "SUL"

O Estado é dividido em 10 zonas fisiográficas, 3 das quais pertencem ao chamado "norte" quase inteiramente: a do Ivaí, a do norte propriamente dito, e a de Tomasina. Apenas partes dos municípios de Pitanga e Campo Mourão, da zona do Ivaí, não poderiam ser consideradas setentrionais. Por outro lado, alguns municípios da zona sulista de Tibagi, como Congoinhas, e partes de Araruval e São Jerônimo da Serra, mais pertencem economicamente ao norte. De um modo geral, denomina-se "norte" a área do café, embora nela existam terras não recomendáveis para essa cultura e que tendem para o algodão, o pasto, a cana, os cereais. O divisor seria mais o clima (menos frio ao norte) e o revestimento vegetal básico (matas tropicais, para o norte, e predominância do pinheiro, do campo ou de matas subtropicais, para o sul): essas características determinam consequências econômicas importantes, como veremos nesta série de reportagens. Com base nessa divisão partida do café, teríamos o norte com cerca de 1 milhão de habitantes, ou quase a metade da população total, embora deva possuir cerca da terça parte apenas da área territorial do Estado, que é de 201.251 quilômetros quadrados.

Para maior facilidade de compreensão, quando, nestas reportagens, nos referirmos ao “norte” queremos indicar a zona do café, em que este predomina e é o centro principal da atividade econômica; e “sul” aquela onde se sobressaem as atividades derivadas do pinheiro, do mate e do campo (extração e pastoreio). A divisa partiria aproximadamente da confluência do rio Paracai no Paraná e caminharia para o leste com tendência para o norte (salvo na área do rio Ivaí, quando desceria para o sul, atingindo o seu extremo meridional onde o Corumbataí se funde com o Muquillão, antes de despejar-se naquele primeiro, ou, mais adiante, antes da embocadura do rio Alonzo, também afluente do Ivaí); e iria terminar na parte setentrional do município de Sengés, fronteiro ao de Itararé, neste Estado.

A TERRA SEGUNDO O REVESTIMENTO VEGETAL

Como acontece com Goiás e Mato Grosso, não existe um levantamento das terras do Paraná, segundo a sua utilidade para a agricultura. As indicações são mais ou menos vagas, e os interessados vão aprendendo com a experiência. Evidentemente sabe-se que não se planta café em campo nem trigo nas terras arenosas e quentes da região de Paranavaí, na confluência do Paranapanema e Paraná; mas não encontramos um estudo ou mapa com discriminação das terras segundo a sua qualidade para a agricultura; existe um muito bom de caráter fitogeográfico, e dele se pode partir para conclusões de interesse prático para a lavoura e a pecuária. De um modo geral, a chamada área de “terra roxa” pura acompanha o espigão da estrada de ferro ao norte, começando perto da fronteira paulista em Ourinhos e indo projetar-se além do rio Ivaí. Vimos outras manchas esparsas, como no município de Pitanga, às margens do Corumbataí, ao sul. O resto de terra aproveitada para café, porém, ou é “roxa misturada” ou mesmo, arenosa. O geógrafo Reinhard Maack, autor do mapa a que nos referimos e de interessante estudo sobre clima, solos e vegetação no Estado do Paraná, divulga elementos que permitem a classificação das terras do Estado, segundo a procedência vegetal, em: a) — matas (tropicais e subtropicais, exuberantes ou fracas, devastadas ou intactas, do litoral ou do interior); b) — araucárias, onde também se concentram os principais ervais; e c) — campos (que se dividem em campos cerrados, semelhantes aos do Brasil Central). De um modo geral o “norte” está na área de mata pluvial tropical, com variações de fertilidade conforme a maior ou menor exuberância da floresta; no “sul” se acham as terras de araucária e de campo, em geral menos férteis, sobretudo as últimas, que aliás também variam entre si (os campos de Palmas, por exemplo, são superiores aos de Castro). Nas terras de mata, se cultivam, com a derrubada, o café, o algodão, os cereais e a cana e se formam pastagens, conforme o clima dominante e as características do solo; nas de araucária se cultivam cereais, inclusive os de inverno, e também se podem formar invernadas artificiais; nos campos limpos, tenta-se agora o trigo e o pasto artificial, mediante processos de melhoramento do solo; o campo cerrado, com vegetação arbustiva e matos ralos, é pouco comum, sendo anotado na zona de Jaguariíva e na de Campo Mourão, permitindo, como no Brasil Central, formação de pastagens e roças, mas sendo utilizado geralmente em estado natural: pode ser mais ou menos fértil que o campo limpo, e a presença dêste, de preferência àquele, é mais uma decorrência do clima do que da qualidade do solo, tanto que é mais abundante ao sul. Como informação curiosa, anotamos a tese de Reinhard Maack, que, com suas observações no Paraná e em Goiás, apóia Leo Waibel, ao negar a tese de que o

campo cerrado é uma mata degradada, obtido pela atuação humana (fogo, machado, etc.). No seu entender, o campo é de formação mais primitiva que a floresta e tenderia a evoluir para o cerrado e a mata, se deixado em estado natural.

DESBRAVADORES: A SERRARIA, O "SAFRISTA" E O CAFÉ

Não se observou no Paraná um ciclo de desbravamento à base da mineração, como em Goiás e Mato Grosso. Depois das incursões dos bandeirantes e das reduções jesuíticas (há ruínas delas na área do Ivaí e do Paraná), as tropas e o gado constituíram o veículo de penetração econômica. Em tempos mais recentes, a extração da erva mate e da madeira do pinho e da imbuia provocaram grandes avanços para o interior e devastações de matas. Ao ciclo do mate e da serraria se combinou outro, o do "safrista", ou seja o do lavrador nômade, que queima as matas, faz as roças e solta os porcos para engorda nas culturas toscas, caminhando periodicamente e deixando atrás de si a "quiçaça" (mato baixo). É o precursor da ocupação agrícola do Estado, surgindo depois dele, em período recentíssimo, o desbravador para formação de café, mais organizado e com maiores recursos. Hoje, coexistem no Paraná, como atividades de penetração, a serraria, o "safrista" e o "ouro verde". Sérios distúrbios climáticos e outros são apontados pelos geógrafos em face do avanço contra as matas (Londrina ficou com os mananciais de água reduzidos em mais de 80% no espaço de 25 anos). Condena-se a derrubada de método e a despreocupação em manter reservas florestais e reflorestar. Mas o formador de café — o "paulista" — contra o qual se lançam as maiores críticas, sobretudo entre aqueles que se chamam "paranistas" (elementos apegados ao Paraná antigo), faz a sua defesa: "Derrubo a mata, espalho dinheiro e deixo uma cultura permanente; a serraria e o "safrista", vagando pelo sertão, só deixam o deserto e a capoeira". — M. MAZZEI GUIMARÃES.

(Da "Folha da Manhã", de 14-11-53)

II

Desponta a influência paulista mesmo nas inovações que se tentam na organização da tradicional fazenda

A POPULAÇÃO LIGADA AO CAFÉZAL SURGE QUASE TODA DA EXPERIÊNCIA DE SÃO PAULO

A expansão cafeeira, no norte do Paraná, constitui rigorosamente, um extravasamento do café paulista. Não será preciso falar nos pioneiros, nem localizar a origem de nascimento dos que plantaram os primeiros cafézais. Basta conhecer o processo das derrubadas, o estilo das plantações, os tratos culturais, o regime de trabalho, a organização dos sítios e fazendas: tudo reproduz o "complexo cafeeiro" que se formou em São Paulo, durante este século, após a abolição da escravidão. Além disso, a constante presença física, à frente da empresa, ou em cargos de administração e simples execução, de lavradores que se fizeram nas plantações paulistas, marcam o sentido daquela expansão: simples prolongamento da marcha do café, de dentro de São Paulo, para as áreas virgens que comportavam o plantio da rubiácea e ficam além do Paranapanema.

Algumas inovações, mais recentes, que se podem observar na formação das fazendas de café do norte do Paraná constituem ainda assim um reflexo da experiência paulista. É o caso, por exemplo, do espaçamento, que tende a tornar-se mais cerrado, e da semente que se procura obter de fontes que a selecionam melhor. São lições da agronomia paulista obtidas de uma cafeicultura que amadureceu e precisa recompor-se e que são aproveitadas desde o início, por muitas fazendas do Paraná. O vizinho Estado poderá assim evitar erros que se cometeram em São Paulo e que se vinham e, ainda se vêm cometendo lá também. Tudo dependerá da soma de recursos financeiros e técnicos que fôr posta à disposição do empresário e do progressivo esclarecimento deste. Embora ainda se possa caracterizar a cultura do café, na área paranãense, como repetição do estilo clássico de São Paulo, que se tende a abandonar aqui, existem lá melhores oportunidades que as registradas no desenvolvimento do "rush" paulista, para que se formem lavouras mais racionais e se tratem melhor as plantações. Entretanto, se vingar nos próximos dez anos o movimento de modernização da cafeicultura de São Paulo, quem quiser, depois, conhecer melhor o que foi o cafézal paulista nos primeiros lustros deste século deverá percorrer o norte do Paraná, de Cambará ao Ivaí.

O CAFÉ ATRAI OUTRAS CULTURAS

Em reportagem anterior (a primeira desta série), fizemos alusão às profundas alterações que o café introduziu e tende a introduzir na fisionomia econômica e social do Paraná. Neste e em outros trabalhos anotaremos marcas dessa influência. Uma delas deve ser ressaltada desde logo: a rubiácea criou no vizinho Estado ambiente para a grande agricultura comercial. Antes dela, a agricultura paranãense era quase que só de subsistência (dos próprios agricultores e das cidades perto das quais se alojavam) e se fazia em pequenas propriedades (colônias de origem estrangeira) ou nas roças dos "safristas", lavradores nômades que devastam a floresta e engordam porcos nas plantações de cereais, na parte não colhida. Depois do café, subiram os investimentos na agricultura, não só ao norte como no próprio sul. Terras que não serviam para o "ouro verde" e que se destinavam ao algodão, à cana e aos cereais; ampliação do mercado interno, em virtude do avanço demográfico e da maior capacidade aquisitiva "per capita"; acumulação de capitais que as primeiras e abundantes colheitas da rubiácea, quando as plantações se tornaram compactas, vieram permitir: conveniência econômica de aproveitamento das ruas dos cafézais para o plantio intercalar: desse conjunto de circunstâncias nasceu no Paraná uma fase agrícola, levada pela mão do café, que fez crescer notavelmente as safras paranãenses de açúcar, de feijão, de milho, de arroz, de algodão e que se refletiram inclusive no melhor aproveitamento das áreas sulinas, mais pobres, que passaram a ser mais bem assistidas técnica e financeiramente, por um governo com receita em ascensão vertiginosa. Duas indicações estatísticas retratam essa realidade: em 1931, na alvorada cafeeira, a área agrícola do Paraná era de 292.410 hectares, e em 1952, de 1.556.576, ou 5 vezes mais; em 1932 a receita estadual era de Cr\$ 24.000.000,00, e em 1952 a arrecadação efetiva deverá ultrapassar, de muito, a cifra de 1 bilhão de cruzeiros: aumento de 50 vezes em apenas 20 anos.

LIMITES NATURAIS E CULTURAIS DA ÁREA CAFEIEIRA

De acôrdo com levantamento da Divisão de Economia Cafeeira, 35 municípios produziram café no Paraná. Levantamento da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná (antiga Companhia de Terras) acusa 41. Mas este último abrange alguns municípios onde o café é quase símbolo: Antonina, Morretes, Guaraqueçava, ao sul, no litoral, e Curiuva e Tibagi, na área do pinheiral e do campo, que estão praticamente fora da zona cafeeira. Nas bases da recente divisão territorial (o avanço da rubiácea criou vários municípios novos ao norte do Estado), o número de unidades administrativas que cultivam a rubiácea, formando um só bloco territorial (o norte) deve andar em cêrca de 55.

Demos em reportagem anterior uma ligeira idéia da área do café. Em nossa viagem pelo Estado cortamos a "fronteira" quatro vezes. Uma, descendo de Apucarana para o sul (Ponta Grossa), no rumo da futura ferrovia Central-Paraná, quando encontramos plantações até as proximidades de Araruva, onde começam o pinheiro, o descendente do imigrante eslavo e o caboclo curitibano; barreiras contra o café. Outra, na volta, subindo de Guarapuava, zona de campo, e entrando em Pitanga, região de pinheiro e de mate, fomos encontrar, a noroeste desse município, no alto dos rios Muquillão e Corumbataí, antes de entrar em Campo Mourão, as primeiras notícias de café e as primeiras terras roxas de mata (na zona da araucária e do próprio campo, também existe terra roxa, e dizem ser notáveis a esse respeito as de Pato Branco, área de pinheirais, onde se ensaia o cultivo de trigo em larga escala). Na terceira vez, saímos do potencial cafeeiro e, caminhando para o noroeste, entramos nos campos limpos e de cerrado de Campo Mourão, acabando de novo (quarta travessia de "fronteira"), tomando rumo leste, por penetrar na mata tropical, à margem esquerda do rio Ivaí, onde, de três anos para cá, se formam os primeiros cafêzais.

Como dissemos, a área cafeeira do Paraná abrange municípios de quatro zonas fisiogeográficas: Tomasina, Norte, Ivaí e Tibagi (pequena parte desta última). Toda a área de Tomasina (parte do chamado "velho norte") é cafeeira; toda a zona norte (outra parte do "velho norte" — como Cambará, Jacarêzinho, Cornélio Procopio, etc. — e parte do "novo norte", a menos recente, como Londrina, Sertanópolis, Porecatú, etc.) é também cafeeira; da zona do Ivaí podem ser excluídas partes consideráveis dos municípios de Pitanga, Campo Mourão e Peabiru; e do Tibagi, temos redutos cafeeiros apenas ao norte, em Congoinhas, São Jerônimo da Serra, Araruva e Rio Bom, onde existem faixas utilizadas ou utilizáveis para a rubiácea.

O divisor do café no Paraná é sobretudo o clima. E este se conhece melhor pela vegetação: onde as matas boas para cultivo acusam padrões vegetais sensíveis à geada (palmito, embauba), termina a "área tropical" e o frio espanta o formador de café. Daí a irregularidade da "fronteira" do café, que não obedece as linhas rígidas traçadas do leste para o oeste, mas acompanha a orla sinuosa da mata tropical, que às vezes recua para o norte, outras se aprofunda para o sul.

Isso não significa, porém, que toda a área do norte, de origem florestal, sirva para café. A rigor, a famosa "terra roxa" pura, considerada a melhor, caminha em estreita faixa, desde a fronteira paulista, em Ourinhos, acompanhando o traçado da estrada de ferro (o "espigão"), até projetar-se além de Maringá e saltando o rio Ivaí, após o qual não marcha mais que 40 quilômetros. Haverá

manchas aqui e ali como nas margens do Paranapanema, mas o caminho da terra roxa está marcado pelas cidades que se ergueram à margem dos cafézais ("Aqui, não se sabe onde acaba a cidade e começa o café" — disse-nos um lavrador) e que está na memória de todos os que conhecem o roteiro leste-oeste do desbravamento paranãense: Cambará, Andirá, Cornélio Procopio, Ibiaporã, Londrina, Cambé, Rolândia, Mandaguari, Maringá, Peabiru...

Mas, além da terra roxa, se planta café em terras de mata de roxa misturada e até em terra arenosa (arenito de Botucatu). Quem caminha, por exemplo, de Maringá para o noroeste sai rapidamente da faixa de terra roxa e entra em contacto com a misturada e a simplesmente arenosa. E não pode deixar de temer pela sorte dos cafézais, plantados em lombadas de muito declive, sem cuidados contra a erosão, e que não apresentam a mesma exuberância das plantações de Jandiaí e de Londrina. São terras de cultura mais próprias para os cereais, o algodão, a cana e outras plantas tropicais, bem como para a pastagem. Aliás, já se observa tendência para essas atividades em ditas áreas, e apenas o alto preço do café e a falta de uma legislação disciplinadora da distribuição da rubiácea, no seu avanço para o oeste, têm retardado aquele aproveitamento mais racional das florestas de terra vermelha e branca do norte do Paraná.

O fato é que dos 60 mil quilômetros quadrados que, aproximadamente, integram o norte do Paraná (velho e novo), nem 20 mil se comporiam de terra ótima para café, e alguma com topografia desfavorável.

Além dos limites físicos, existem outros, de ordem cultural, que se opõem à marcha do café: o sulista que, através dos seus caboclos, fundaram roças nas matas do Ivaí; o explorador do pinheiro, muitas vezes descendente de eslavos, que veio até Apucarana (cidade do norte, de largos traços gauchos); o produtor de erva mate: são obstáculos humanos, que, como base em costumes antigos, em gênero de atividades e pendor profissional, lutam contra o café. E invariavelmente são desalojados onde há interesse comercial em explorar a rubiácea. "Isso aqui está ficando apertado" — disse o "safrista" da margem esquerda do Ivaí ao formador de café que o indenizara das despesas com sua choça e roçado e o convidara para ficar na fazenda em abertura, como formador. E foi mais para o oeste, onde os movimentos ainda podem ser livres, através de roças nômades, que abrem simples clareiras nas florestas e não exigem a mobilização de esforços e a vida disciplinada de uma fazenda de café.

GENTE E REGIME DE TRABALHO

O empresário do café do norte do Paraná se compõe, na maior parte, de paulistas, ou melhor, de pessoas ou entidades com experiência do café em São Paulo, embora nem sempre naturais daqui. Mas há também grande número de mineiros e noristas, que vieram diretamente para o meio paranãense. Existem ainda alemães (como os de Rolândia, imigrados antes da guerra), japoneses (que adensaram as entradas nos últimos anos), e outros estrangeiros, que se deixaram fascinar pela rubiácea. Entre os sitiantes, domina o antigo colono e empreiteiro de café de São Paulo, que foi formar lavoura entre Londrina e Maringá e acabou formando um lote próprio. A população de trabalhadores (empreiteiros, colonos e simples camaradas) é composta de elemento nacional (boa parte oriunda de São Paulo). O nosso Estado treina, inclusive, verdadeiros exércitos de imigrantes nordestino, mineiros e baianos, que anualmente atravessam o Paraná e

vão aproveitar a experiência aqui recebida em zona de possibilidades mais amplas, embora muito mais rústica. O trabalhador paranaense em regra não gosta do café: recolhe-se aos campos gerais, em Sengés, Jaguariaiva, Ponta Grossa e Castro, ou aos de Guarapuava, ou à extração de madeira e mate em Pitanga, ou às matas subtropicais onde o café não o alcança, e aí se dedica ao gado, à indústria extrativa e à roça andeja como os porcos que seguem no seu rastro. Poucos os estrangeiros assalariados nos cafêzais do Paraná: e em geral são antigos italianos de São Paulo. Experimenta-se agora, em pequena escala, imigração direta de peninsulares, e a amostra colhida por nós em Cornélio Procópio (FOLHA DA MANHÃ, de 16 de agosto último) não se revela animadora.

Domina nas fazendas o sistema de colonato para o trato do café formado. Anotamos salários anuais de Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 2.000,00 por mil pés, com terras à parte para plantio de cereais, ou autorização para plantio intercalar. O camaráda comum recebe de Cr\$ 30,00 a Cr\$ 50,00 por dia, conforme zona (quanto mais nova e mais rústica, salário mais alto). A formação de café apresenta várias modalidades de retribuição, como as que se seguem: prazo de 4 anos, pagamento de Cr\$ 3,00 a Cr\$ 3,50 por pé formado, sem colheita pelo formador; prazo de 4 anos, pagamento de 1,00 a Cr\$ 1,50 por cova, com colheita até o 4.º ano pelo formador (a mais comum); prazo de 3 anos, a Cr\$ 1,20 por pé, com a colheita do 4.º ano à meia (pouco comum). Os pagamentos são efetuados em parcelas anuais, que se subdividem em outras, bimensais (há muita variação a respeito). E há a formação mais rústica, de 5 e 6 anos, quando o dono entrega o mato em pé e a água no correjo, deixando o formador colher o café até a entrega (trata-se de fazendeiros de poucos recursos). Existe ainda o chamado "sistema Lunardeli", dos grandes fazendeiros e que consiste em dar a tarefa da formação a único empreiteiro pessoa de recursos e larga experiência, recebendo o contrato a terra bruta e entregando o café formado, no fim do prazo, com remuneração de 5 e 6 cruzeiros por pé. O grande empreiteiro subempreita a terceiros, mas é o único responsável perante o proprietário da terra.

Em próxima reportagem procuraremos examinar o material que se pode utilizar para responder a estas perguntas: quantos pés de café tem o Paraná? Qual a sua produção efetiva? Quais as suas possibilidades próximas e remotas? —

M. MAZZEI GUIMARÃES.

(2-11-52)

III

Divergem as estimativas quanto à extensão da área plantada com a rubiácea naquêl Estado.

Quantos cafeeiros existem dentro da área da embauba, do palmito, do camarará de meia légua, do jaborandi pintado, da figueira branca, do pau dalho, do ortigão e de outros padrões vegetais que atestam clima ou terra boa para café no norte do Paraná? Essa grande superfície de cafêzal, que tende a ser limitada, ao sul, pelo pinheiro e o mate e, ao norte e a noroeste, pela terra arenosa, deverá suportar, no mínimo, um bilhão de pés, mesmo se houver o cuidado de desprezar muito chão — que ora se vem aproveitando — por conveniências de ordem topográfica (perigo de geada) ou de qualidade do solo (menos fértil, mais erodível). E embora os limites da expansão estejam teoricamente fixados, na prática o ciclo das derrubadas ainda deverá caminhar por muitos anos, dependendo a implan-

tação do café nas áreas desbravadas de vários fatores, como os preços da rubiácea, as disponibilidades de capitais agrícolas, os controles governamentais, a concorrência de outras culturas (o algodão e o pasto poderiam competir seriamente a oeste do Ivaí, a nova zona de penetração) e o aperfeiçoamento do critério do formador na escolha de terras para o "ouro verde".

Quando estivemos no Paraná, em meados de 1950, estimamos uma existência de 500 milhões de pés entre formados e em formação. Baseamo-nos em informes particulares, já que não havia estatísticas oficiais dignas de crédito. Mais recentemente se fizeram levantamentos que acusam quantidade inferior àquela estimativa. Mas ainda assim, muitos conhecedores do norte do Paraná insistem em aceitar aquela estimativa de 500 milhões para 1950 que hoje estaria avolumada para mais de 600 milhões. A verdade é que as divergências estão indicando a necessidade de um recenseamento mais rigoroso, por agentes oficiais, em cada município do norte do Estado.

ONDE SE FIXARÁ A MAIOR FAIXA CAFEIEIRA DO BRASIL

São Paulo possui atualmente pouco mais de um bilhão de pés, e a tendência é a redução desse número, pois há muitos cafézais, que, mesmo aos altos preços vigentes, tendem a tornar-se antieconômicos. E embora o movimento de modernização venha a ser mais lento do que geralmente se supõe, deve esperar-se que a cafeicultura paulista existente, vestígio da velha monocultura cafeeira que imperou em nosso Estado, seja substituída por uma cultura, de caráter intensivo, e associada a outras atividades, inclusive pecuária. A policultura, dentro até do mesmo estabelecimento, deverá substituir, entre nós, o cafézal dominante, a que se subordinavam algumas culturas de subsistência — mera forma de pagamento do colono — pomares de frutas e gado de custeio e estêrço. Torna-se fatal assim que a hegemonia cafeeira, em quantidade de pés plantados e em produção global, passa para o Paraná.

Ao contrário do que aconteceu em São Paulo, onde as melhores terras para a rubiácea manchavam o solo paulista (na zona de Ribeirão Preto foi onde se encontrou área continua mais extensa); no Paraná o cafézal tende a persistir numa grande superfície seguida, desde a região de Cornélio Procopio (capital do "velho norte"), até a parte mais recente do "novo norte", nas duas margens do Ivaí, com Maringá como principal centro. O roteiro, em largos traços, seria, no futuro, este: Cornélio, Londrina, Maringá. Seria centralizada nessa área a maior mancha cafeeira do país, com cerca de um bilhão de pés. No sul de Mato Grosso, não se espera surto semelhante (a terra é muito "manchada"), e em Goiás, na zona de melhores perspectivas — a central — vários fatores (seca, topografia irregular e também a constância de "manchas") talvez não permitam, mesmo em futuro remoto, a instalação de um parque cafeeiro, em área praticamente continua, que comporte não diremos um bilhão, mas pelo menos meio bilhão de pés.

A PAUSA DIANTE DA RUBIÁCEA

Se víssemos no Brasil uma época econômica e social semelhante à do fim do século passado e início deste, a implantação do café no norte do Paraná, com os maiores recursos técnicos e financeiros hoje existentes, ter-se-ia processado

mais aceleradamente. Entretanto, por paradoxal que pareça, balanceadas as novas vantagens e dificuldades, a marcha extensiva do café se tornou hoje mais difícil do que há 50 anos.

Para facilitá-la podem alinhar-se os seguintes fatores: a) — existência de mais capitais para investimentos no país; b) — acumulação de uma rica experiência cafeeira, que se põe a serviço da expansão do Paraná e outras zonas novas; c) — existência no país de mão de obra intensamente treinada no cafézal; d) — maior facilidade de transportes e comunicações; e) — possibilidades de emprego imediato de melhor técnica agrícola, embora o processo de derrubada da floresta ainda se faça nos moldes clássicos; f) — queda vertical da produção brasileira, em virtude da crise de 1929 e da decadência maciça dos antigos, cafézais paulistas, o que estimula novos plantios em zonas virgens.

De outro lado, porém, apontam-se os seguintes tropeços para o moderno “rush” cafeeiro no Paraná e no Brasil: a) — ausência do braço escravo, que lastreou a expansão cafeeira no Império, e estancamento do grande surto imigratório de trabalhadores rurais estrangeiros que se observou paralelamente à marcha do café no Vale do Paraíba e sobretudo nos “oestes” paulistas, o “velho” (Campinas e Ribeirão Preto) e o novo (Araraquarense, Noroeste, Alta Paulista, Sorocabana), lacunas que não foram supridas satisfatoriamente, em número ou em qualidade, pelas migrações internas, de trabalhadores de São Paulo à procura de áreas novas, e de nordestinos, baianos e mineiros; b) — tendência de alta dos salários e de melhoria da legislação trabalhista, de proteção ao trabalhador; c) — atração da cidade e da indústria sobre a mão de obra rural; d) — formação de um mercado interno no Brasil, o que estimulou a implantação de culturas que não apresentavam aspectos comerciais há 50 anos atrás; e) — alguma diversificação na pauta exportadora de artigos agrícolas (surgiram o algodão, a banana, a laranja, para competir com o café); f) — tendência de racionalização da agricultura paulista de exportação no setor do café e do algodão, o que mobiliza capitais e organização que, em outras circunstâncias, tenderiam exclusivamente para a expansão geográfica da rubiácea; g) — a preocupação, sobretudo em São Paulo, área exportadora de capitais para o Paraná, com investimentos de grande envergadura fora do âmbito agrícola (incorporações imobiliárias, industriais de tecidos e outras, mineração, eletrificação, etc.), que há 50 anos eram embrionários; h) — maior preocupação da massa rural em ascender à direção da empresa agrícola, através da propriedade, do arrendamento e da parceria; i) — receio de uma nova superprodução, como das décadas de 20 e 30.

Em suma, essa marcha para o complexo da economia brasileira teria de reduzir o ímpeto do avanço cafeeiro no país, tirando-lhe aquela fisionomia de obsessão que caracterizou a marcha da rubiácea pelos solos paulistas. No próprio Paraná, a influência daqueles fatores se reflete, já se observando ali sinais de distorção da primeira tendência monocultora, com empreendimentos no setor do pasto, do algodão, da cana de açúcar, dos cereais e da própria indústria — que apenas a coincidência de preços excepcionais do café (excepcionais para os cafézais de terra nova) não tem permitido sejam mais volumosos. O fato é que, aparentemente, em 1951 e 1952 se plantou menos café no norte paranaense do que em anos anteriores, embora ainda haja terras muito boas intocadas, como acontece até em Jandáia, município que se incorpora quase ao “novo norte menos recente” e onde predominam grandes fazendeiros absenteístas, preocupados naturalmente com investimentos de outra natureza nos grandes centros, e em guardar matas como seguro de

família e lastro. Atribuem-se a dificuldades de crédito e de transporte a queda no ritmo das plantações, sobretudo em 1952, e até certo ponto o argumento vale: mas a “seleção de crédito” nada mais seria, em última análise, do que o reflexo de uma “pausa” em face da rubiácea e o efeito da concorrência de outros setores da economia nacional, que antes não competiriam em “interesse” com o café; e a própria dificuldade da estrada pode significar, às vezes, que se preferiu uma rodovia para uma jazida de carvão ou uma fábrica de cimento do que para um cafêzal.

ESTIMATIVA FEDERAL: 325 MILHÕES DE PÉS

A última estimativa oficial (Divisão de Economia Cafeeira), válida para a safra de 1952/53 (colheita de 1952) acusa um total de **325.204.100 cafeeiros para o Estado do Paraná, dos quais 211.104.824 em produção e 114.099.285 novos**. Quase todos os cafêzais se localizam na “área norte”, tomada no sentido genérico, e o principal reduto seria o de Mandaguari (município que acaba de desmembrar-se em Mandaguari, Marialva, Mandaguaçu, Nova Esperança, Paranavai e Maringá), que contaria com 55 milhões de pés, dos quais 30 milhões novos: situa-se na chamada zona do Ivaí, a de mais recente surto cafeeiro: é o “novo norte”. Como segundo município, figura o de Apucarana, também no “novo norte”, com 26 milhões de pés dos quais 14 milhões novos, e também essa circunscrição está subdividida hoje em outros municípios (Apucarana, Jandaia, Rio Bom, Arurúva). Segue-se Cornélio Procopio no “velho norte”, com 24 milhões de pés, dos quais apenas 5.077.035 novos. As seis áreas abaixo abrangeriam, de acôrdo com a DEC, quase a metade das plantações paranaenses:

Municípios (inclusive áreas recentemente desmembradas)	Localização	Cafeeiros
Mandaguari	Novo norte	55.000.000
Apucarana	Novo norte	26.000.000
Cornélio Procopio	Velho norte	24.000.000
Porecatu	Novo norte	20.295.000
Assaí	Velho norte	16.500.000
Sertanópolis	Novo norte	15.000.000
	Total	156.795.000

Desse total, 86.622.965 se constituiriam de cafeeiros em produção, o que constituiria bem menos de metade dos 211.104.824 em produção no Estado todo: o que trazia a influência do “norte novo”, na área mais recente (Mandaguari e Apucarana) sobre o norte velho (Cornélio e Assaí) e a área menos recente do norte novo (Porecatu e Sertanópolis), de plantações mais antigas.

A COMPANHIA DE TERRAS: CÉRCA DE 400 MILHÕES DE PÉS

A Cia. Melhoramentos do Norte do Paraná (antiga Companhia de Terras do Norte do Paraná), entidade profundamente ligada ao norte paranâense, de cujo desbravamento foi a principal propulsora, a partir do “ciclo de Londrina — (abertura do norte novo) — também efetuou o seu levantamento. E os dados que apresenta também não permitem o otimismo de muitos fazendeiros e observadores sobre o montante cafeeiro do Paraná. Um seu avaliador percorreu as zonas cafeeiras e estimou a área em 373.568.219 pés, dos quais 183.328.727 novos e

190.239.491 em produção (base, no terceiro trimestre de 1951). Esse levantamento estaria hoje modificado, porque parte dos novos entraram em frutificação na safra de 1952 e porque novos plantios se efetuaram. O sr. Herman de Moraes Barros, superintendente daquela companhia, calcula que se deve acrescentar 5% como novas plantações, no último trimestre de 1951 e em princípios de 1952 (não os plantios que se processam agora no final de 1952). Nessa base, haveria atualmente no Paraná, entre novos e velhos, perto de 400 milhões de pés.

DEC X COMPANHIA

Como se vê, a Companhia dá menor volume que a DEC aos cafés velhos e maior aos novos, e se se pode explicar a diferença entre aqueles (o levantamento efetuado pela empresa é um pouco anterior), a divergência quanto aos novos é considerável (mais de 76 milhões de pés), o que indica como é precário ainda o "dato estatístico" sobre o café no Paraná. As principais faltas de coincidência entre a estimativa da DEC e a da Companhia residem na circunstância de que aquela parece ter subestimado o potencial cafeeiro do "norte novo", como se vê, a seguir:

Municípios (Inclusive Áreas Recentemente Desmembradas)		DEC	Companhia
Mandaguari		55.000.000	67.000.000
Jaguapitã		12.000.000	25.000.000
Apucarana		26.000.000	31.100.000
Arapongas		13.000.000	18.000.000
Campo Mourão		6.000.000	15.065.000
Londrina		14.600.000	17.000.000
Total		126.600.000	173.165.000

Só nesses seis municípios verifica-se uma diferença para mais, no levantamento da Companhia, de 46.565.000 pés, o que é apreciável. Se computarmos os demais municípios do "novo norte" (Bela Vista do Paraíso, Cambé, Ibitiporã, Porecatu, Rolândia e Sertãozinho, inclusive áreas recém-desmembradas), a diferença para mais no cálculo da Companhia sobre o da DEC, é de 52.500.200 pés. Já no "norte velho" e áreas marginais do café do Paraná (Antonina, Morretes, etc.), a DEC é mais otimista: acusa 131.138.400 pés contra 127.002.318 dados pela Companhia (diferença de mais de 4 milhões de pés). Parece-nos que, por estar mais bem organizada no norte novo, cuja formação por assim dizer patrocinou e onde retalhou a maior parte das melhores terras de café já ocupadas, a Companhia tem maior credencial do que a DEC para estimar a área cafeeira ali existente. A DEC teria mais autoridades para o norte velho, onde uma produção e um comércio mais antigos e regulares permitem melhor avaliação das fazendas e safras pela fiscalização oficial.

O VALOR DO CÁLCULO A OLHO

Muitos lavradores e comerciantes de terra e de café no Paraná acham baixa a estimativa da DEC e da Companhia. Os comerciantes de terra em geral refe-

rem-se à área superficial que a rubiácea deve ocupar, nas duas margens da estrada de ferro e acrescentam o café de "além estrada de ferro", e alguns chegam a falar em 700 milhões de pés, dos quais cerca da metade seriam de povos. Os comerciantes de café falam mais em termos de safra, argumentando, sobretudo com cafés despachados clandestinamente. Entre os lavradores, a impressão dominante também é de volume maior que o acusado pelas estatísticas. E o reporter que com esta viagem completou praticamente todo o seu "curso" sobre o Paraná cafeeiro, indicado em excursões anteriores, tem a impressão, "grosso modo", de que de fato devem existir no Paraná mais do que os 400 milhões de pés que as estatísticas confrontadas permitem que se estime e que dão ao Estado uma terceira posição no país. (Minas possui mais de 480 milhões de pés, embora quase todos velhos). A própria divergência entre a DEC e a companhia constitui sintoma de como "cálculo a olho" ainda tem voz no norte do Estado vizinho.

Em próxima reportagem (a terceira e última específica sobre o café, nesta série do Paraná) analisaremos a produção dos últimos anos e as exportações por Paranaguá. O material reunido interessa inclusive ao cálculo para responder a esta pergunta constante: quantos cafeeiros possui o Paraná? — **M. MAZZEI GUIMARAES.** (28-11-52)

IV

Multiplicou-se 40 vezes durante o período de 30 anos a safra cafeeira no norte paranaense.

DEPOIS DA GUERRA, PARANAGUA FIRMOU-SE RAPIDAMENTE COMO GRANDE PORTO EXPORTADOR DA RUBIACEA

O Estado do Paraná não tem uma única saída para os seus cafés exportáveis. Essa circunstância dificulta a avaliação de sua safra anual, já que nem todas as remessas para outros Estados, para exportação, ou consumo interno, são controladas estatisticamente. O critério mais comum para a avaliação das safras é o registro das sacas remetidas para os portos de exportação. Trata-se de café destinado a consumo nesses portos, consumo a bordo, comércio de cabotagem e sobretudo à exportação para o exterior. É o que se denomina, na praxe cafeeira, de café exportável". Deve-se computar ainda o consumo interno do Estado (andaria entre 400 e 500 mil sacas) e o produto que sai clandestinamente, por motivos comerciais ou fiscais e que chega aos portos com a rubrica de "paulista".

De qualquer maneira, como se verifica dos números que arrolaremos nesta reportagem, a tendência da cafeicultura paranaense é para a produção de maiores safras. E isso, não propriamente em virtude de melhoria da produtividade por mil pés dos mesmos cafeeiros, mas pela entrada constante e progressiva de novos cafêzais em produção, todos os anos. Assim mesmo, houve anos de forte recuo (influência de seca ou geada), e, de um modo geral, parece que as colheitas dos anos pares são mais produtivas, em condições normais, que as dos anos ímpares, é a alternância rítmica de anos bons e máus que também caracteriza a cafeicultura paulista e que se compreende facilmente, pois em seguida a uma carga forte, as plantas tendem a suportar menor frutificação na safra imediatamente posterior.

SAFRA AUMENTADA 40 VEZES EM 30 ANOS

A produção cafeeira no Paraná começou a ter importância comercial há cerca de 30 anos. Já em 1920-21 se registrava uma safra exportável de 111 mil sacas. Era produto do chamado "norte velho", na sua parte mais antiga (Tomassina, Ribeirão Claro, Jacarèzinho, Santo Antonio da Platina, etc.). Nessa área, os cafêzais caminharam para produções crescentes, reforçadas logo depois pelas safras de Cambará, Cornélio Procópio e outros pontos do "norte velho" mais recente. Já nos fins da década de 30, os cafêzais do "norte velho" começaram pressionar. Mas a tendência durante os primeiros anos de guerra era para uma certa estabilidade, quando, após as safras más de 1942/43, 1943/44 e 1944/45 (grandes geadas e secas), a produção começou a subir, tendendo a acelerar-se, pois, findo o conflito, com mais facilidades de combustível para transporte, o ritmo de plantios avançou consideravelmente. Vejamos, em números, os marcos dessa evolução:

Anos comerciais	S. exportável (1.000 sacas)
1920/21 a 1924/25 (média anual)	102
1925/26 a 1929/30 (média anual)	324
1930/31 a 1934/35 (média anual)	438
1935/36 a 1939/40 (média anual)	791
1940/41 a 1944/45 (média anual)	615
1945/46	674
1946/47	1.138
1947/48	1.550
1948/49	1.885
1949/50	2.318
1950/51	4.026
1951/52	2.842
1952/53 (estimativa)	4.226

Deve ficar claro que o ano da colheita é o primeiro designado na referência ao ano comercial. Assim, quando falamos 1949/50, queremos referir-nos à colheita escoada no segundo semestre de 1949 e primeiro de 1950, mas colhida durante o ano de 1949 (quase toda no terceiro trimestre do ano, no Paraná, de safra mais atrasada que a de São Paulo).

Como se vê do quadro acima, em 30 anos, as safras paranâenses embarcadas para os portos aumentaram mais de 40 vezes. Com as entradas progressivas de cafeeiros novos, durante pelo menos os próximos 5 anos, e considerando-se que a maioria das árvores em produção está apenas caminhando para a plenitude, dificilmente poderemos falar daqui por diante em safra exportável do Paraná abaixo da casa dos 4 milhões de sacas. Note-se ainda a influência da guerra na ascensão paranãense. A partir de 1949, as colheitas atinge num novo padrão de volume (mais de 2 milhões de sacas).

A PRODUÇÃO NAS VARIAS ZONAS

Aquela produção exportável (Café ostensivamente remetido para os portos de embarque — Paranaguá, Santos e Rio), deve somar-se a produção para consumo local, geralmente de produto inferior. Calcula-se que ela seria de 400 a 500 mil sacas, e nesse volume deve incluir-se o mercado fronteiriço, isto é, Estados vizinhos que consomem café do Paraná remetido por vias internas, como seria o caso da Alta Sorocabana em São Paulo. Não se deve esperar grande consumo de café no sul do Paraná para baixo, onde o uso do mate e do chimarrão é muito difundido. Se juntassemos o consumo interno à produção exportável (embarque controlado para os portos), a safra do Paraná em 1950 teria sido de 4.400.000 a 4.500.000 sacas; em 1951, de 3.250.000 a 3.350.000, e a atual de 4.600.000 a 4.700.000. Aliás, a Secretaria da Agricultura do Paraná estima a produção do Estado em 4.799.000 sacas, conforme recente previsão, e, como é natural, ao contrário da DEC (que só conta o "café exportável), àquela pasta calcula o produto saído da árvore.

De acôrdo com a previsão da Secretaria, a área de maior produção estaria no setor agrícola de Londrina (que abrange, aproximadamente, a parte menos recente do "novo norte") e se localiza entre os rios Tibagi, a leste, e o Pirapó, a oeste, indo da área limitante dos pinheirais, ao sul (Araruva, São Jerônimo da Serra), até o rio Paranapanema, ao norte. Coloca-se a seguir, a região mais nova, (o "novo norte mais recente"), o setor agrícola de Maringá, abrangendo a maior parte da zona fisiogeográfica do rio Ivaí, e que se situa a oeste do rio Pirapó, ocupando as duas margens do primeiro rio citado até onde chegou, a oeste, o desbravamento com base no café. Tende a situar-se aí a maior zona produtora, pois ainda é onde se encontram terras boas para derrubada de mata e plantio. Em terceiro lugar está o setor agrícola de Cornélio Procopio, que abrange o "norte velho" mais recente, e onde predominam cafezais em plena maturidade e força produtora, situa-se entre o rio Tibagi (oeste) Paranapanema (norte), rios Laranjinha e Cinzas (leste) e campos gerais e pinheiros (sul). Trata-se de área geográfica menor que as duas anteriores. Temos finalmente o "velho norte" mais antigo (o setor agrícola de Cambará) que abrange os mais velhos municípios cafeeiros do norte do Paraná, situando-se entre os rios Laranjinha e Cinzas, a partir da desembocadura daquele quanto ao último (oeste), rio Paranapanema (norte), rio Itararé (fronteira com São Paulo, a leste), e zona de campos do sul. Nessa parte mais antiga do "velho norte", onde a cafeicultura se iniciou mais ou menos durante a primeira guerra mundial, encontramos cafezais "velhos", de 20 a 35 anos, e muitos deles fazem lembrar as plantações decadentes de São Paulo. Tem caído a produção dessa área por mil pés e existe ali menos cafeeiros do que há 5 ou 10 anos passados. Assim, em 1946, o município de Tomasina contava 2.360.000 pés e hoje não passa de 2.200.000; o de Venceslau Brás contava 1.010.000, e hoje se limita a 157.000; o de Siqueira Campos tinha 1.555.000 e hoje está com 1.337.230; Cambará caiu de 8.547.000 para 6.878.911; Ribeirão Claro desceu de 5.150.000 para 4.725.000, e assim por diante. Poucos os municípios do setor, como Santo Antônio da Platina e Bandeirantes, de terra velha, que apresentam aumento, de acôrdo com as estimativas oficiais que temos em mãos: a tendência da parte menos recente do "norte velho" é para o declínio cafeeiro, fazendo lembrar já o ritmo de queda das zonas antigas de São Paulo, como a Mogiana. Por aí se vê que nem tudo é ascensão no atual momento cafeeiro do Paraná.

Vejamos a produção por setores agrícolas, de acôrdo com a estimativa da Secretaria da Agricultura, a que nos referimos:

Setores Agrícolas	Sacas de 60 quilos	% Sobre
	Em 1952	Total
Londrina	1.865.000	38,9
Maringá	1.293.000	26,9
Cornélio Procópio	1.043.500	21,7
Cambará	597.500	12,5
TOTAL	4.799.000	100,0

De acôrdo com a previsão acima o município de maior produção seria o de Mandaguari, com 800.000 sacas (há pouco esse município foi desmembrado, como já dissemos, devendo possivelmente passar a liderança cafeeira a Maringá, que acaba de receber autonomia). O segundo município produtor seria o de Apucarana (490.000 sacas) e ele também acaba de ser desmembrado, sendo provável que perca o lugar para Jandáia do Sul. Outros municípios cafeeiros importantes quanto ao número de pés: Cornélio Procópio, Porecatu, Arapongas, Londrina, Rolândia, Bela Vista do Paraíso...

O CAFÉ PARANAENSE CARIMBADO DE PAULISTA

Mas, computados o café embarcado para os portos e o de consumo local, estaria avaliada a safra paranãense? Os conhecedores dos negócios da rubiácea no vizinho Estado afirmam que não. Não é de hoje a tendência de remessas clandestinas de café, que chegam a Santos ou ao Rio como "paulista". O misto: rodovia até Estações da E. F. Sorocabana a estrada de ferro Paulista mais próxima de onde se transporta a produção de ferrovia para o pôrto bandeirante. Já se chegou a calcular o "desvio" em cerca de 15% sobre a safra total. Evidentemente, esse movimento, mais ou menos constante, varia conforme o volume da safra: quando esta é menor, como em 1951, a pressão evasora é menor também. Vários motivos são apontados para o fenômeno: dificuldades de transporte para Paranaguá, limitação das instalações do pôrto para o volume das safras estaduais, preferência pelo sistema de negócios e pelo melhor preço que se obtém em Santos, interesse em fornecimentos para grandes mercados internos (Capital e Distrito Federal), onde se registram crises periódicas de abastecimento e — mais recentemente — atrativo por transações de câmbio negro de dólar que se conseguiram fazer na praça do Rio com base na rubiácea.

De acôrdo com as estatísticas, oficiais, os despachos de café paranãense para os portos assim se distribuíram a 31 de outubro: para Paranaguá, 3.386.317 sacas; para Santos, 356.512 sacas; para o Rio, 175.662 sacas. A safra exportável já escoada seria assim de 3.918.491 sacas, ou 93% sobre o total estimado.

Entretanto, se examinarmos os embarques de café pela E. F. Sorocabana (não temos elementos para examinar as remessas rodoviárias e clandestinas para o Rio), verificaremos que um adicional deve de fato ser acrescido anualmente às safras paranãenses. E' café com carimbo paulista colhido nas plantações do Paraná. Partindo da safra estimada para os setores de Presidente Prudente e Avaré (regiões cafeeiras da Sorocabana) pela Secretaria da Agricultura de São Paulo e deduzindo-se deles o consumo regional de café local (cerca de 170 mil sacas, ou

seja o excesso apresentado pela produção sobre os embarques em 1951/52, ano em que a pequena safra paranãense e pouco interesse em pôr café em Santos, devido ao regime de cotas e demora nas liberações, devem ter contribuído para que se tornasse nula a contribuição do vizinho Estado nos despachos pela E.F.S.), concluiremos que a estrada de ferro se alimenta com cafés de outras procedências. Vejamos:

Safras	Prod. da Sorocabana menos cons. local	Despachos de café pela E.F.S.	Exc. dos embarques sobre a prod. menos
1948/49	1.378.050	1.935.712	557.662
1949/50	1.011.975	1.231.994	220.019
1950/51	911.140	1.757.452	846.312
1951/52	947.163	946.702	—

Como temos feito nesta reportagem, o ano designado é o “comercial”, isto é, o do escoamento, e corresponde às colheitas do primeiro ano civil designado. Assim, quando dizemos 1948/49, queremos referir-nos à colheita de 1948, ou mais propriamente ao “ano agrícola” de 1947/48.

Pelo que se verifica do quadro acima, salvo em 1948/49, quando havia estoques do D.N.C. a escoar no interior e quando se processou grande saída deles, a partir de 1949/50 o excesso dos embarques encontra explicação, sobretudo em ... 1950/51, quando não havia nenhuma saca do D.N.C. a comercializar no país inteiro. De onde teria saído a grande diferença de quase 850 mil sacas, que deu à Sorocabana em 1950/51 excepcional projeção no movimento cafeeiro para Santos? Não seria da abundante safra paranãense de 1950? De outras zonas de São Paulo, não parece possível, já que tôdas disputam ferrenhamente o café — mercadoria nobre para fretes — e não há mesmo interesse prático em preferir esta ou aquela ferrovia mais longínqua, devido ao regulamento de embarques: liberação nos portos pela ordem cronológica dos despachos.

Na safra de 1952/53, situação semelhante se desenha, embora Santos possua uma cota oficial apreciável de café paranãense. Uma nova grande safra forçaria remessas para a Sorocabana, onde tomariam o rótulo de “paulistas”. Pelo menos os embarques da ferrovia têm crescido este ano: até 31 de outubro, despacharam-se nela 1.065.506 sacas, contra 800.171 em igual período de 1951/52 e ... 1.042.762 em 1950/51 (ano da grande contribuição paranãense). Na verdade, a safra da Sorocabana este ano é maior que a dos dois anos anteriores, estando calculada em 1.394.880 sacas; mas como faltam 8 meses para terminar o ano comercial (novembro a junho) e como o café do Paraná é colhido mais tardiamente, não será surpresa um novo movimento extraordinário, como já se prenunciava.

Diante desse fato comprovado estatisticamente (de remessas do café do Paraná, como paulista, para Santos), não resta dúvida que as safras paranãenses devem ser maiores que as registradas nas estatísticas oficiais, pelo menos nos últimos anos. E daí, de duas uma: ou há mais cafeeiros em produção do que o acusam as estatísticas oficiais (a ponto de que a safra exportável de 1950/51 subisse de 4.026.000 para quase 4.900.000 sacas, só com o acréscimo do produto paranãense escoado pela Sorocabana para Santos, (fora, portanto, o consumo esta-

dual), ou a produtividade dos cafeeiros do Paraná é maior do que os cálculos oficiais (cêrca de 80 arrobas em 1952, segundo a DEC). Muitos observadores acreditam mais naquela primeira hipótese.

PARANAGUA, PORTO CAFEIRO EM ASCENSÃO

O pôrto de Paranaguá cresce com o avanço cafeeiro pelo norte do Estado. Até 1950 não figurava como centro exportador da rubiácea, e a pequena produção paranaense se escoava por Santos, salvo a reduzida cota da região de Antonina, que saía por êsse porto, ou mesmo, em pequenas quantidades, por Paranaguá, embora êste não figure nas estatísticas destacadas que se divulgaram. No biênio 30/31 a 31/32, a média de Paranaguá (remessas para o exterior) atingia 157.460 sacas. Estava abaixo de Vitória e da Bahia e mal poderia competir com Angra dos Reis. Era um pequeno porto, e assim permaneceu, embora com alguns progressos, até meados da guerra. Só recentemente passou a figurar como grande porto cafeeiro nacional, ultrapassando rapidamente Vitória e disputando agora o segundo lugar com o pôrto do Rio. Vejamos a evolução do pôrto paranaense, segundo dados oficiais:

Anos comerciais (junho a julho)	sacas	% sôbre o total brasileiro exportado para o exterior
1932/33 a 1933/36 (média)	230.207	1,62
1936/37 a 1939/40 (média)	548.427	3,70
1940/41 a 1943/44 (média)	320.885	3,15
1944/45 a 1947/48 (média)	531.878	3,59
1948/49	1.325.371	7,47
1949/50	1.798.849	10,35
1950/51	3.003.632	18,1
1951/52	2.865.208	17,5

Como se vê, tem subido a participação daquele porto no mercado exportador, tanto em números absolutos como relativos. A ligeira queda em 1951/52 se deve à diminuição da safra estadual (o pôrto só embarca café paranaense). Em 1952/53, nos primeiros quatro meses do ano comercial (julho a outubro), Paranaguá figurava em segundo lugar, ultrapassando o Rio, com 1.263.715 sacas, ou 22,5% sôbre o total: acréscimo de 32% sôbre o volume de igual período de 1951/52. Se ainda o Estado do Paraná (segundo produtor do país) tem maior cota relativa na produção nacional (seguramente 30% da safra exportável colhida em 1952) do que o seu pôrto, êste vem avançando continuamente e uma política especial de transportes (rodovia e ferrovia Central-Paraná, de Apucarana, na boca de entrada da maior área cafeeira do norte até Ponta Grossa, de onde se alcança Paranaguá) e maior vigilância fiscal tendem a dificultar no futuro as remessas para Santos e Rio. A própria tendência de considerar-se o café de Paranaguá igual ao de Santos, a melhor organização das firmas exportadoras ("Santos muda-se para Paranaguá" costuma-se dizer) e o progressivo fortalecimento financeiro da praça podem eliminar ou pelo menos reduzir uma das desvantagens do pôrto — a de ser o café nele embarcado, do mesmo tipo, cotado com inferioridade nos mercados internacinais. A "reputação" de Santos seria assim "handicap" que

se extinguiria. Resta saber se o aparelhamento do pôrto comportará no futuro a grande carga de café que sôbre êle deverá despejar-se, vinda da maior faixa cafeeira que se forma no Brasil de hoje.

(30-11-52)

V

A marcha da rubiácea no norte do Estado tem sido acompanhada de ampliação da agricultura em geral

LIBERAÇÃO DE GRANDES ÁREAS PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

E' tão habitual confundir café e monocultura, devido a condições peculiares da expansão da rubiácea no Brasil, que parece forçado destacar, numa reportagem, a influência do "ouro verde" na ampliação e diversificação agropecuária do Paraná. Mas a verdade é que o cafézal criou novas perspectivas para a agricultura comercial no vizinho Estado, como já assinalamos em reportagem publicada a 20 de novembro último. Dentro da economia isolada do sítio ou da fazenda, é admissível argumentar que, antes da rubiácea, a produção seria mais variada, visando à subsistência dos moradores locais; mas, no conjunto econômico do Estado, a marca "Paraná" passou a sobressair-se em outros setores, impulsionada pelo cafeeiro. E assim quando se fala hoje em "feijão do Paraná" e "milho do Paraná", e mesmo em "trigo do Paraná", não se deve pôr de lado a influência poderosa que a rubiácea exerceu no sentido de transformar a agricultura paranaense, de mesa subsidiária do pastoreio, do mate e da serraria, com mercados limitados na área rural e urbana do Estado, em fonte de importante comércio interestadual e até internacional (muito milho e feijão que sai de Santos para o exterior, como "paulista", provem na realidade do Estado sulino).

Essa influência diversificadora do café, à primeira vista paradoxal, deve ser compreendida dentro da realidade histórica do Paraná, Estado que vivia de atividades extrativas, — inclusive a pastoril, largamente extensiva — e do comércio de tropas, com pequenas manchas de agricultura em volta das cidades principais e outras manchas maiores, nas áreas florestais, de roças nômades dos chamados "safristas", dedicadas à engorda bruta de porcos. O café, com a sua organização complexa, a sua capacidade de atrair e formar capitais e a sua força de acumulação demográfica, introduziu poderosos elementos de progresso econômico e social na vida paranaense, determinando o aumento e a elevação de nível do mercado interno, a abertura de zonas em massa, o contacto do Estado com parcelas ponderáveis do comércio nacional e mundial e a possibilidade de utilização de grandes áreas, antes fechadas pela floresta e a distância aos esforços relativamente humildes do madeireiro e do safrista. A própria economia da fazenda de café, obrigou o formador, no sertão distante, mal servido de transportes, a reservar áreas para pasto, a fim de abrigar animais de trabalho e sustento, e a incentivar a produção de cereais: de um lado, para garantir a subsistência da comunidade pioneira e, de outro, para baratear o custo de formação, pois a terra para mantimentos é computada no salário do colono ou empreiteiro. As terras "marginais", ou melhor, impróprias para o café, por motivos de ordem topográfica ou de qualidade, foram tendo outros destinos — e daí a formação, ao lado do pasto e da roça, de culturas comerciais, como a do algodão, a da cana, a da invernoada e,

mais recentemente, a dos próprios cereais de verão e inverno, que começa a surgir entre os cafêzais do norte, em forma de lavouras solteiras e de fins diretamente econômicos.

Parece-nos assim que não se introduziu no Paraná, com o café, a típica economia de "plantação", onde tudo vem de fora. Numa era de penúria de alimentos em todo o país e em todo o mundo, a formação do cafêzal tendeu simultaneamente para um esforço de auto-abastecimento e acabou transbordando da terra nova e fértil para inundar anualmente os mercados de "quitanda" paranaense: o feijão, o milho, o algodão, a batata... Não seria ainda exagêro verificar no fenômeno aquela influência mais geral, referida em reportagem anterior, quando falamos na "pausa diante do café", como resultante da diversificação da economia brasileira, que, complicando-se, faz solicitações e exerce pressões sobre o sentido da ocupação e exploração das terras virgens do Paraná, que não se observaram nos primeiros desbravamentos da mata paulista, por exemplo, quando a vida econômica nacional era mais simples e nitidamente voltada para os mercados externos.

MAIS CAFÉ, MAIS ÁREA GERAL CULTIVADA

O fato é que a agricultura no Paraná sobe com a expansão cafeeira. O desenvolvimento da área cultivada, nos últimos 20 anos, não deixa margem a dúvidas, acompanhando o ritmo de aumento das safras exportáveis de café:

Períodos	Área cultivada geral (hectares)	Café exportável (sacas)
1931/35 (média anual)	398.027	438.000
1936/40 " "	484.065	791.000
1941/45 " "	759.539	615.000
1946/50 " "	1.130.434	1.513.000
1951 " "	1.556.776	4.026.000

Como se verifica, salvo no período de 1941/45, quando as safras cafeeiras foram violentamente atingidas por irregularidades climáticas, na medida em que sobe o café ascende a área cultivada total. E ainda que, de acordo com dados oficiais (Ministério da Agricultura), o cafêzal tende a ocupar área relativa maior (13% sobre o total cultivado em 1945, 18% em 1948 e 19% em 1951 — fato explicável por atravessar o Estado justamente uma fase de expansão cafeeira — o que não se pode negar é que a rubiácea, no seu surto, contribuiu para alargar as fronteiras da agricultura paranaense, dando-lhe mais espaço geográfico desbravado, mais recursos de dinheiro e técnica, mais mercado e melhores ligações comerciais, interestaduais e internacionais. Assim, se deduzirmos o café, o Paraná possuía, em 1945, apenas 745.543 hectares da área cultivada, e em 1951 passou a 1.265.000, ou 70% mais. Isso para não fazer confronto com 20 anos antes, quando a área cultivada, exclusive o café, não passaria de 250 mil hectares.

NORTE, O GRANDE CELEIRO AGRÍCOLA

Essa influência da rubiácea sobre a expansão da agricultura paranaense se demonstra ainda pelo fato de que justamente na área em que ela se instalou

(e em tôdas as terras cultiváveis e férteis do Estado se acham na zona cafeeira, o "norte") é que aumentou a área cultivada mais intensamente. Embora, lamentavelmente, não tenhamos obtidos dados oficiais do Departamento Estadual de Estatística (aqueles que nos foram fornecidos, se publicados apenas demonstrariam erro grosseiro da mencionada repartição, que não se mostra assim à altura do progresso econômico do Estado), temos informações particulares idôneas que atestam a supremacia agrícola do norte, mesmo fora do café. Assim, de acôrdo com estimativa do jornalista Bacilla Neto, publicada no Boletim da Associação Paranãense dos Cafeicultores, o norte produziria quase 100% do algodão paranãense, cerca de 78% do feijão, quase 60% do milho e cerca de 83% do arroz. Infelizmente, nesse cálculo algumas áreas do norte, incluídas, pertencem economicamente ao sul, como seja a maior parte da zona fisiogeográfica do Tibagi e parte da do Ivaí. Mas a exclusão dos municípios sulistas não alteraria substancialmente o cálculo. Outra fonte particular, igualmente idônea, calcula que o milho em 1950 teve no norte 58% de sua produção, o arroz mais de 90%, o feijão quase 80%. Como se vê, os cálculos particulares se aproximam. Em matéria de agricultura, o sul é mais expressivo que o norte, nas principais culturas, apenas no trigo, (quase 99% sobre o total estadual) e na batata (82% sobre o total). Trata-se, aliás, de culturas que encontram no sul condições climáticas e tipos de agricultores (de origem européia mais ou menos recente), mais adequados.

COMO SUBIRAM AS SAFRAS

Com o aumento da área cultivada além do café, subiram muito nos últimos 20 anos as safras paranãenses. Algumas indicações a esse respeito podem ser úteis. Assim é que o algodão em caroço, de que se colhiem em 1945 apenas 22.311 toneladas, subiu constantemente e chegou a mais de 66 mil toneladas em 1952 (estimativa preliminar do Ministério da Agricultura); o arroz em casca passou de 45.694 toneladas em 1945 para 151 mil em 1952; a cana de açúcar (cultura que já alimenta quatro grandes usinas no norte do Estado) ascendeu de 319.684 a 558.998 toneladas; o centeio (no sul do Paraná é onde se produzem mais de 70% desse cereal no Brasil), de 6.113 para 12.175 toneladas; o feijão, de 118.387 para 233.255; o milho, de 665.018 para 918.144 toneladas (e 1952 não foi ano bom para esse e outros cereais de verão no Paraná, esperando-se para 1953 safra recorde que dificilmente poderá ser transportada normalmente); e, finalmente o trigo, cultura típica do sul, também prosperou na "era do café, passando de 15.125 toneladas em 1945 para 46.030 em 1952 (o Paraná é o terceiro Estado produtor do país, seguindo-se ao Rio Grande do Sul e a Santa Catarina, e já se pode dizer que ali existe triticultura comercial organizada). Apenas a batata, cultura sulista, é que não tem subido muito. Usamos o ano de 1945 como termo de comparação, porque após esse ano de fim de guerra intensificou-se o plantio da rubiácea no Paraná, o desbravamento aumentou consideravelmente de ritmo e a produção do "ouro verde" ascendeu 7 vezes.

COMO SE PROCESSA A CULTURA DE CEREAIS DE VERÃO

O grosso da produção de cereais de verão no Paraná (arroz, milho e feijão) se faz nas ruas dos cafézais formados (salvo nos mais velhos e bem cuidados, onde já se proíbe o plantio intercalar, pagando-se mais para o colono em

dinheiro, ou dando-se terra por fora), mas sobretudo nas plantações recentes da rubiácea, onde a intercalação de cereais é a regra praticamente absoluta. Entretanto, já existem algumas culturas comerciais de milho, "solteiras", a respeito da qual é melhor a rede de comercialização, tanto para o mercado estadual (o Paraná mantém grande criação de suínos), como para exportação (a Cargill, única empresa que funciona no país com base em silos e transporte a granel, possui um silo coletor em Arapongas — norte novo, mais recente — de onde faz remessas para o silo maior e distribuidor de Ourinhos, no sul de São Paulo, (E. F. Sorocabana). Outra fonte importante da produção de cereais no Paraná, particularmente nas matas não tomadas pelo café, é a roça do "safrista", que, em grande parte, é destinada aos porcos com o milharal simplesmente quebrado, encarregando-se o animal da colheita e alimentação incontinente. O "safrista" é um personagem do sul, que avançou até o norte. Existe ainda o pequeno sitiante, que fez lavouras de subsistência própria e vende as sobras.

Também, como processo preliminar da formação de pasto (e a invernoada, como assinalaremos em reportagem posterior, vai ganhando campo no norte do Paraná e até no sul), a roça de cereais é notada. Igualmente em terras recém-desbravadas, enquanto não se planta café, por embaraços de qualquer natureza, ou onde se planeja outras culturas (cana, algodão, etc.), os cereais "amansam" a terra durante um ano ou mais.

Fator limitante do cultivo de cereais no Paraná é a dificuldade de transportes e de armazenamento. Contam-se, anualmente, fortunas que são feitas à custa dos lavradores, por intermediários gananciosos. A própria lei de preços mínimos, em virtude daquelas deficiências e de defeitos de seu mecanismo de execução, tem favorecido, os especuladores, sem estimular os lavradores. Na última safra (1951-52), os preços dos cereais estiveram relativamente bons, porque a safra foi menor que a de 1950-51 e registraram-se grandes quedas nos Estados centrais (São Paulo, Minas, Goiás, e Mato Grosso). O fato é que houve negócios este ano, nas vendas dos produtores, de milho a Cr\$ 75,00 a saca, de arroz até a Cr\$ 150,00 e de feijão até Cr\$ 130,00 e mesmo mais. Mas essa não é a regra; habitualmente o lavrador vende mal, dado o grande represamento de safras nas zonas produtoras.

O ALGODÃO TENDE PARA O OESTE

O algodão tem o seu reduto tradicional na região Assaí-fronteira entre o "norte velho" e o "novo", onde existem núcleos nipônicos dedicados à cultura. Mas a área algodoeira vem se expandindo para a zona de terra roxa misturada ou arenosa, para os lados de Bela Vista, Porecatu, Centenário, e tende a ampliar-se mais na zona de Paranavaí, entre o Ivaí e o Paranapanema, bem como a oeste deste, à margem esquerda, fora da gleba marginal de terra roxa, que se destina preferencialmente ao café. Afirma-se mesmo que a faixa do "ouro branco" de São Paulo-Paraná tenderá a localizar-se entre Alta Sorocabana e a região de Paranavaí, com o Paranapanema de permeio. Características de clima e solo indicariam a malvacea como a cultura ideal dessa área interestadual. O algodão é cultivado no Paraná mais ou menos em rodízio com os cereais ou como preparador da formação de pastagem, sendo que apenas em Assaí se pronunciou até agora uma certa especialização, com a permanência mais duradoura da malvacea na mesma área. A produção de sementes ainda não está satisfatoriamente organizada, havendo importação ostensiva ou clandestina de semen-

tes paulistas. Mas a Secretaria da Agricultura pretende organizar serviço semelhante ao de São Paulo, de produção e distribuição de sementes. A variedade mais plantada é a "Campinas", selecionada pelo Instituto Agrônomo de Campinas neste Estado.

A MANCHA DE CANA

A cana poderá difundir-se largamente no norte do Paraná, nas áreas de terras misturadas e mesmo nas roxas, à medida em que forem liberadas as cotas de produção de açúcar. O Estado deverá produzir em 1952-53 o volume de 540.000 sacas de açúcar de usina, o que significa acréscimo de mais de 12 vezes sobre o nível de 1945-46. As safras vêm crescendo e mal bastam para as necessidades estaduais. Além do açúcar de usina, a cana do Estado, como no resto do país, serve de matéria-prima para o açúcar de engenho, a rapadura, a aguardente e o álcool.

AGRICULTURA DO SUL

O trigo e a batata, como dissemos, são culturas do sul, e a última comercialmente mais antiga. Localizam-se em Ponta Grossa, Castro, Irati, São Mateus do Sul, e mais recentemente terras boas de pinheiro e de campo vêm sendo aproveitadas em Guarapuava e sobretudo em Pato Branco e Clevelândia para os trigais. Os campos de Guarapuava e Palmas, além de serem os melhores do Estado, são favorecidos por precipitações pluviométricas mais regulares que as do norte. Contam-se ainda a grande altitude e o clima frio e seco dessas áreas sulinas. Em Pato Branco e Clevelândia, onde não estivemos, existem, segundo informes verbais e escritos que nos deram, boa terra roxa de mata de araucária. Sério problema para a batata paranaense é a falta de transporte rápido para os grandes centros de consumo e de armazéns apropriados. Muitos líderes agrícolas e técnicos vêm propondo a especialização do Estado em produzir batata-semente, que seria adquirida para plantio comercial em São Paulo e outros Estados produtores, mais próximos dos grandes centros consumidores. Um produto mais caro compensaria a fatalidade da queda da produção.

O PARANÁ AGRÍCOLA DENTRO DO BRASIL

Com o surto cafeeiro, o Paraná aumentou a sua importância relativa, dentro da agricultura brasileira. Em 1931, da área cultivada total do país, o Estado contribuía com apenas 3%; em 1936, ainda não chegava a 4%; em 1941 já atingia 5%; em 1946 subia a 6% e em 1951 participava com 9%. Nesse último ano, figura como o quarto Estado em área cultivada do país, seguindo-se a São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Nos últimos dez anos, entre os principais Estados agrícolas, foi o que registrou maior aumento de área (133%). O Paraná é hoje o segundo produtor de café do país (seguramente 30% sobre a safra exportável de 1952). Em algodão é o quinto e tende para o segundo e terceiro lugar (depois de São Paulo e Ceará); em arroz é o sexto; em batata é o terceiro (depois de São Paulo e do Rio Grande); em feijão é o segundo (depois de Minas) e tende para o primeiro lugar; e em milho é o terceiro (depois de Minas e São Paulo). Coloca-se ele assim em posição de liderança entre as grandes culturas

nacionais. E na medida em que se formarem as grandes cidades, a chamada "pequena agricultura" (pomares e hortas) deverá assumir importância comercial; já fomos encontrar em Arapongas, em pleno "norte novo", a 2 horas de automóvel de Londrina, o lançamento das bases de um viveiro de mudas de citrus, que, poderá vir a tornar-se um bom negócio no norte do Estado, para abastecimento do mercado interno e mesmo para exportação. Não resta dúvida assim que, apesar das aparências em contrário, no Paraná nem tudo é café; e pelas próprias exigências da cafeicultura e do estágio econômico e social do país, a marcha desbravadora da rubiácea importa em libertar uma grande área para a agricultura brasileira. — **M. MAZZEI GUIMARÃES** (5-12-52)

V I

Nos últimos dez anos a pecuária tem evoluído em ritmo mais lento que a produção agrícola

Apesar da grande área de campos do Paraná e da velha tradição pastoril, o valor da safra agrícola, na era do café, supera nitidamente o da pecuária. Não dispomos de dados antigos, de caráter comparativo, entre a produção animal e a originária da lavoura; mas, considerando-se a primitiva preponderância do pastoreio, o comércio de tropas e a subordinação da roça do "safrista" nômade ao criatório ultraextensivo de suínos — pode-se acreditar que nos primeiros vinte anos deste século as atividades agrícolas ainda tinham menor expressão comercial. Na década de 30, porém, os sintomas são de preponderância da lavoura, já acionada pelo café, e na de 40, o ritmo de evolução da agricultura deixa longe o apresentado pela vida pastoril. Entre 1941 e 1950, a renda bruta dos agricultores subiu mais de 11 vezes, enquanto a obtida pelos pecuaristas, apesar da grande valorização dos produtos de origem animal (escassos em todo país nos últimos dez anos), não ascendeu mais que 5 vezes. Em 1941, a renda agrícola bruta superava 4 vezes a pecuária; em 1950, passou a superá-la entre 9 e 10 vezes. No concerto nacional, o Paraná vem representando, nos últimos 10 anos, entre menos de 3% e menos de 4%, quanto ao valor da produção brasileira de origem animal, dando sinais de estacionamento, quando não de decadência relativa; pois, na produção agrícola do país, o valor relativo da lavoura paranaense sobe de ano para ano, inda de cerca de 5% em 1941, em ascensão praticamente permanente, até 10% em 1950 e provavelmente cota maior ainda em 1952. Finalmente, esta observação introdutória à reportagem: o Paraná é o oitavo Estado do Brasil, quanto ao valor da produção animal, sendo mesmo provável que, computando-se o gado em pé exportado (que não se registra nas estimativas oficiais), Goiás e Mato Grosso, exportadores de animais vivos em larga escala, o superem, relegando-o para o décimo lugar.

OS CAMPOS DO PARANÁ

O paraná foi muito decantado como zona dos campos e pinheirais. Na realidade, porém, os campos naturais, limpos e cerrados, onde se desenvolve o criatório extensivo, não passariam de 17.500 quilômetros quadrados, segundo o geógrafo Reinhard Maack. O mais que se conta como campo não passaria de matas de araucárias devastadas e de ervais em intensa exploração. A essa área de campos naturais deverá acrescentar-se naturalmente a das pastagens formadas e semi-formadas, tanto junto dos ervais e dos pinheiros, como das próprias matas tropicais,

mais ou menos exuberantes), ao norte, e das matas subtropicais, a sudoeste. Os campos paranaenses se localizam: a) — na zona dos “campos gerais”, da margem esquerda do rio Itararé, na fronteira com São Paulo, a nordeste do Estado, e caminhando para o centro-sul, passando por Tibagi, Ponta Grossa, Castro, até atingir, ao sul, a zona de Rio Negro, junto ao rio do mesmo nome, na fronteira com Santa Catarina; b) — na zona de Guarapuava (os “campos de Guarapuvava”, considerados melhores), na área meridional mais ao centro do Estado, tendo Palmas como limite sul, e separando-se dos “campos gerais” pelos pinheirais e ervais da zona de Irati; c) — e finalmente os campos cerrados, tipo savana, da área de Campo Mourão (a noroeste), Jaguariava (a nordeste) e São Jerônimo da Serra, às margens do Tibagi, de superfície pequena, num total calculado de apenas 650 quilômetros quadrados (segundo o geógrafo acima citado).

PECUARIA EXTENSIVA

Nesses campos se pratica uma pecuária obrigatoriamente extensiva, que não proporciona acabamento satisfatório do gado bovino para abate e comporta quantidade irrisória de reses por alqueire. O rebanho vacum paranaense em 1950 se compõe apenas de 919.960 bovinos, o que significa o 13.º rebanho do país. E não vem aumentando satisfatoriamente, pelo menos em relação às necessidades da expansão demográfica e econômica do Estado, que conta hoje com uma população muito mais elevada que a de 1940 e sobretudo com poder aquisitivo mais forte (influência ainda do café). A população bovina teria dobrado entre 1940 e 1950, se admitirmos que a estimativa oficial de 1950 teria partido dos dados do censo daquele primeiro ano, o que muitos põem em dúvida; mas a qualidade do gado não melhorou e numerosas boiadas passaram a ser importadas nos últimos anos, povoando o Estado apenas na fase da engorda. Realmente, o Paraná hoje é importador de gado bovino, ou magro, procedente de Mato Grosso, pelo porto São José, no rio Paraná, ou via Sorocabana paulista, para engorda em invernadas do norte; ou gordo, originário da Alta Sorocabana de São Paulo e remetido, na maior parte, para abate imediato em Curitiba (há marchantes da capital paranaense que operam sistematicamente naquela área de engorda paulista).

FORMAÇÃO DE INVERNADAS

Diante das solicitações crescentes do mercado interno, formam-se invernadas, em ritmo ascendente, nas terras desbravadas do norte não reservadas para o café, e será possível aguardar, no noroeste do Estado, de terras de cultura, mas arenosas, tendência para um rodízio sistemático, no futuro, entre a pastagem e o algodão, a exemplo do que acontece na Alta Sorocabana. O capim colônio, de tanto êxito no noroeste paulista, vem sendo plantado nas invernadas norte-paranaenses. E já existe em vários municípios a atividade normal de invernista, com objetivos nitidamente comerciais.

Um ex-secretário da Agricultura (o agrônomo Lacerda Werneck) concedeu o plano de fomentar-se a formação de pastagens artificiais no Estado, tanto nas terras de cultura como nas de campo. Considera estes praguejados e quase inúteis, comportando, por outro lado, o estágio econômico e financeiro do Estado, uma tentativa de restaurá-los, à base de gramíneas, mediante melhoria mecânica do solo (através de aração) e química, com o uso de corretivos e adubos. Aliás, em Castro, uma cooperativa de holandeses, ali instalada há cerca de 40 anos, vem promovendo a melhoria dos campos, inclusive com o emprego de leguminosas

melhoradoras. Em reportagem posterior, faremos referência mais demorada a essa iniciativa. O fato é que, não apenas nos campos, mas também e sobretudo em terras devastadas, de araucária, matas tropicais e subtropicais, seria possível introduzir formas mais racionais de formação de pastagens, para melhoria do potencial pecuário do Paraná. Será possível aguardar que, com as crescentes solicitações internas, as dificuldades de abastecimento fora e a melhoria dos recursos financeiros do Estado e dos particulares, se processe um movimento de formação de pastagens artificiais, mais acentuado que o atual, aproveitando as melhores terras de cultura de 2.^a e de campo. O movimento valeria não apenas para o gado de corte, mas também para o leiteiro. No setor leite, o Paraná ocupa, da mesma forma, lugar relativamente modesto, não contando com estabelecimentos de laticínios sob inspeção federal (sinal de pobreza) e figurando como décimo Estado produtor de leite para consumo em natureza e para indústria, com apenas 40.432.000 litros (1951). No entanto, na área dos campos talvez mais pobres do Estado, em Castro, os holandeses de Carambei conseguiram organizar uma florescente indústria de laticínios, com base em gado semi-estabulado. Por sua vez, os alemães, nos campos mais finos de Guarapuava, ensaiam, na Colônias de Entre-Rios, iniciativa semelhante.

RAÇA E QUALIDADE DO GADO

Nas invernadas do norte do Estado, predomina o novilho importado de Mato Grosso, com mestiçagem zebu, e em algumas fazendas existem plantéis de gado indiano. No entanto, no Estado considerado em conjunto predomina, entre o gado fino, o holandês, para fins leiteiros. Existem ainda matrizes de caracu e outras raças. Os rebanhos comuns do sul — o gado crioulo — apresentam traços de ascendência européia, mas em geral fornecem aspectos de maus produtores de carne e leite. O Paraná, Estado que se enriquece rapidamente com base na agricultura, terá que enfrentar o sério problema de melhoria de seu rebanho (tão importante como o da pastagem) se o zebu irá bem na área tropical ao norte, pode haver dúvida quanto ao seu comportamento no sul, mais frio, onde tende a concentrar-se a maior área gadeira do Estado. Tanto que os municípios sulinos de Guarapuava e Palmas possuem em conjunto perto de 360 mil cabeças ou cerca da terça parte do rebanho bovino total do Estado, segundo uma estimativa estadual de 1951.

O DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO DE CARNES

Habitualmente, 10 unidades federativas (inclusive o Distrito Federal) abatem mais gado bovino que o Paraná. Em 1950, porém, êle ultrapassou ligeiramente o Ceará, apresentando 169.106 cabeças, contra apenas 57.279 em 1940. A superioridade do avanço das matanças, nesse período, que subiram 3 vezes mais, enquanto o rebanho apenas dobrou, reflete aquela tendência de importação de gado vivo para abate a que nos referimos acima e a insuficiência do desenvolvimento pastoril do Paraná para atender às necessidades do mercado interno, em rápida ascensão de poder aquisitivo global e “per capita”. A produção de carnes obtida dos rebanhos abatidos atingia em 1940 cerca de 10 mil toneladas; veio subindo constantemente e em 1950 atingia 28 mil toneladas, ou menos de 3 vezes mais. Esse aumento menor da carne produzida, em confronto com o do gado abatido, significa que êste vem rendendo menos, apesar do reforço das importações de novilhos melhores, e atesta aquela nossa constatação: insuficiência de pastagem de qualidade para o bom preparo do boi e baixo nível zootécnico do rebanho crioulo de corte.

CONFRONTO ENTRE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E ANIMAL

A produção de origem animal, exclusive leite e laticínios, deve ter andado por cerca de 500 milhões de cruzeiros em 1950, contra quase 5 milhões da produção agrícola (principais produtos). Mesmo que incluíssemos o leite e derivados, a acrescentação de produtos da lavoura de menor projeção econômica talvez permitisse a permanência daquela diferença de 10 vezes, que em 1940, como dissemos, era de apenas 4 vezes. Na estimativa da produção agrícola, incluímos o café (mais de 3 bilhões em 1950), o milho, o arroz, o feijão, a mandioca, o trigo, a batata inglesa, a cana e outros de menor projeção.

Na da produção animal, incluímos a carne, o couro e outros produtos de origem bovina, a carne, a gordura, o toucinho e outros produtos de origem suína, bem como derivados de ovinos e caprinos.

POSIÇÃO NA PECUÁRIA SUÍNA

Se do ponto de vista econômico geral, a pecuária bovina é a mais importante no Paraná, a de suínos assume aspecto mais destacado em matéria de comércio interestadual. Existe inclusive um frigorífico em Jaguariaíva, dedicado à industrialização de porcos. O Paraná exporta banha para Estados vizinhos, especialmente São Paulo, e ainda fornece suínos vivos para matanças aqui. A produção de produtos de origem suína em 1950 pode ser estimada em cerca de 200 milhões de cruzeiros. A criação de porcos é predominantemente extensiva, perdurando o regime do safrista, com criação e engorda à solta, em plena roça. Mas nas fazendas de café do norte existe o sistema do mangueirão para criação e da ceva (chiqueiro) para engorda. Em alguns pontos, se organizam núcleos de exploração intensiva, como é caso da Cooperativa dos Holandeses, em Carambeí, no município de Castro. Quanto à população suína, o Paraná figura como o quinto Estado do país, situando-se abaixo de Minas, Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia; em 1950 acusava 1.886.650 cabeças, contra 1.477.000 em 1940. Mas o Paraná, apesar desse aumento modesto, possui grandes possibilidades no setor da pecuária suína, devido a facilidades na produção de milho e outros cereais, inclusive o trigo, que, numa fase mais adiantada de cultivo e industrialização, permitirá o aproveitamento de resíduos na suinocultura. O problema mais importante é o da melhoria do rebanho e particularmente dos sistemas de criação e engorda. As matanças de suínos, que em 1940, acusavam cerca de 255 mil cabeças, oscilaram durante o decênio (grande queda de 1946 a 1948, devido à peste suína), mas registravam 377.455 cabeças em 1950: cerca de 50% mais. Deve-se salientar, contudo, como dissemos, que o Paraná é o Estado exportador de suínos vivos e que a falta em São Paulo, onde há grande parque de industrialização animal, ativou bastante a procura de porcos nos chiqueiros, mangueirões e roças paranaenses.

Pouco expressiva é economicamente a ovinocultura e a caprinocultura paranaenses. Em matéria de equinos a muaras — apesar da grande área de campos naturais ou de zonas devastadas pela serraria e o safrista nas matas e nos pinheirais, que se aproveitam para produção animal — o Paraná também não se destaca muito: possui o sétimo rebanho equino do país e o nono de muaras.

Em próxima reportagem, ao examinarmos aspectos gerais do Paraná, faremos referência às duas atividades extrativas principais (o mate e a madeira), bem como às riquezas de origem mineral e perspectivas industriais.

(11-12-52)

(Continua)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 810

CARTA SEMANAL DO MERCADO

2 de Janeiro de 1953

O Bureau Pan-Americano do Café deseja a todos os leitores da **CARTA SEMANAL DO MERCADO** um Ano Novo muito feliz. A redação desta Carta, por seu lado, promete dedicar todos os seus esforços no sentido que esta publicação seja cada vez mais um instrumento de real valor para os cafeicultores e comerciantes dos países associados ao Bureau e contribua, assim, para a sua prosperidade individual tão necessária para a saúde econômica desses países.

SITUAÇÃO GERAL: Como de costume, e a despeito do ambiente de festividade, a última semana do ano presenciou uma boa atividade nos mercados causada tanto por reajustamento de posição para fins fiscais como por operações de compra e venda preparatórias do período de grande atividade que se prevê para os próximos meses.

Esse otimismo reflete-se particularmente no mercado de valores o qual continua mostrando grande firmeza. Nos mercados de produtos naturais básicos as cotações correspondentes a posições futuras também demonstram decidida firmeza ao passo que as cotações correspondentes aos disponíveis, que estavam descendo paulatinamente desde há bastante tempo, continuam refletindo o desaparecimento gradual da escassez que havia em muitos produtos, situação essa que está sendo substituída por uma de abundância devido à imensa expansão da capacidade produtiva aqui e no resto do mundo.

MERCADO DE CAFÉ: O melhor ambiente que se notou na semana passada relativamente a este mercado, continuou em evidência durante a semana em revista. Com efeito e considerando que houve apenas três dias de negócios, a atividade de compra e venda foi notável. Outro fato que contribuiu para dar maior estabilidade ao mercado, foi a absorção de vários lotes de café que estavam pesando sobre os disponíveis na praça.

Esta manhã a imprensa local publicou a notícia de que a União de Pesadores de Docas havia decidido declarar greve, havendo o receio de que a mesma poderia dificultar grandemente o movimento no pórto de Nova York bem como o movimento noutros portos da costa do Atlântico. Segundo os comentários da imprensa desta manhã, as partes em disputa encontram-se em profundo desacôrdo e até ao momento de se escrever esta CARTA havia indícios de que a referida greve bem poderá durar algum tempo antes que seja encontrada uma solução para aquele desacôrdo.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York foram negociados 336 lotes, fato que representa uma atividade apreciável quando se considera que a semana em revista contou apenas com três dias de negócios devido aos dias de festa do Ano Novo. Para o fim de sessão de quarta-feira, ao meio dia, as cotações registravam ganhos de 13 a 27 pontos. A posição aberta voltou a se contrair e a semana terminou

com 2.150 lotes pendentes de entrega, ou sejam 18 lotes menos que a cifra correspondente à semana anterior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Ao fechar do mercado na quarta-feira, os preços que se mencionavam para o grão era de aproximadamente 51,50c/ FOB para o Santos 4 e 56c/ a 56,25c/ para os cafés colombianos na base ex-doca Nova York. Devido ao efeito paralizador da greve acima referida bem como ao fato de que muitas casas não abriram hoje, torna-se impossível enumerar cotações rigorosas.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais		
			Europa	Outros	Total
BRASIL*	27-12-1952	128.000	92.000	12.000	232.000
	20-12-1952	157.000	158.000	19.000	334.000
	29-12-1951	184.000	19.000	30.000	233.000
COLÔMBIA**	20-12-1952	107.035	9.024	4.731	120.790
	29-12-1951	124.820	6.746	1.054	132.620

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em:		
		27-12-1952	20-12-1952	29-12-1951
BRASIL*	Santos	1.915.000	1.909.000	1.868.000
	Rio	321.000	331.000	629.000
	Vitória	65.000	54.000	112.000
	Paranaguá	a 2.086.000	b 2.097.000	c 1.042.000
	Pernambuco	13.000	13.000	10.000
	Bahia	25.000	28.000	19.000
	Angra dos Reis	46.000	44.000	58.000
	TOTAL	4.471.000	4.476.000	3.738.000
COLÔMBIA**	Barranquilla		127.703	157.008
	Cartagena		80.383	70.463
	Buenaventura		91.387	83.135
	Cucuta		144.057	92.906
	TOTAL		443.530	403.512

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
27-12-1952	83.333	63.663	91.437	238.433
20-12-1952	85.011	60.752	85.410	231.173
29-12-1951	99.561	56.623	24.249	180.433

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

(a) das quais 778.000 liberadas e 1.308.000 por liberar

(b) das quais 730.000 liberadas e 1.367.000 por liberar

(c) das quais 596.000 liberadas e 446.000 por liberar

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA**PAISES PRODUTORES**

Cuba: Segundo o boletim da firma local, George Gordon Paton & Co., a safra naquele país é calculado em 520.000 sacas, cifra que representa uns 9% de aumento sobre a colheita de 1951-52. A colheita atual, porém, será uns 12% menor que a de 1950-51 devido ao furacão que assolou as regiões produtoras. Excepto se a produção exceder substancialmente as estimativas atuais, os estoques de café vão estar baixos para o fim do ano de safra. É possível que o consumo do produto também seja menor como resultado da restringida safra açucareira, mas os preços para o consumidor já foram ajustados em escala menor, possivelmente para combater aquela tendência. De qualquer maneira, exportação de café cubano não será permitida informa o referido boletim.

ESTADOS UNIDOS: O Sr. C. W. Cook, gerent de vendas de Maxwell House da General Foods Corporation, pronunciou um discurso perante a Convenção anual da Associação do Chá e Café, do qual se transcrevem os seguintes trechos:

"Vinte e um por cento dos 20.000.000 de sacas de café que são consumidos anualmente nos Estados Unidos vão para os hotéis, restaurantes, hospitais, "cafeterias" nas fábricas etc. A maior parte, uns 72% vende-se através do varejo ao passo que uns 6% são consumidos pelas Forças Armadas, o que representa um consumo per capita consideravel para a gente no Exército e Marinha. Veja-se primeiro o café que é consumido pelos restaurantes, hotéis, etc. Trata-se de um negócio bastante considerável, pois é calculado em 500.000.000 de libras de café torrado por ano. E' interessante observar que cerca de duas terças partes desse volume é suprido por torradores locais, dos quais existem nos Estados Unidos uns 1.000. Um aspecto interessante desse negócio é o progresso considerável dos empacotamentos "fracionais" contendo de 2-1/2 a 3-1/2 onças de café muido muito fino e que se destinam às cafeteiras "silex". Não há cifras disponíveis na indústria, mas a julgar por nossa própria experiência, esse setor da indústria tem crescido nos últimos três anos de uns 13% a 20%. Se bem que represente uma operação dispendiosa, comparativamente, pensamos que esse setor da indústria constitue uma tendência salutar. O café preparado dessa forma é um bom café. Um dos últimos acontecimentos na indústria, que não se pode classificar ainda

de tendência, é o uso de cafés soluveis por parte de alguns restaurantes, hotéis, etc. É de esperar que essa nova forma de café ocupará um posto na indústria de alimentação pública.

"O café vendido através dos estabelecimentos varejistas continua sendo a base da indústria cafeeira nos Estados Unidos pois representa quase 2/3 de nossas importações do grão. Esses negócios atingiram níveis máximos em 1948 e 1949 mas desceram apreciavelmente em 1950 quicá devido à subida nos preços. É consolador observar, contudo, que a maior parte do terreno perdido já foi reconquistado e que as vendas no varejo continuam aumentando. O volume de vendas no varejo já ultrapassou a cifra correspondente ao mesmo período do ano passado. Parece evidente que o hábito do café está tão arraigado em nossas vidas que não temos disposição para sacrificá-lo mesmo em face dos altos preços atuais. É particularmente grato constatar o vigor contínuo nas vendas de café corrente paralelamente com a verdadeira conquista ganha pelos soluveis.

Quanto à maneira como o café é apresentado no varejo, não tem havido grandes alterações nos últimos cinco anos: uns 60% são latas ou vidro e 40% sacos de papel. Essa proporção varia de acôrdo com as várias regiões do país. Por exemplo, no Oeste, uma percentagem relativamente pequena das vendas apresenta-se sacos de papel ao passo que no sul e no sudeste pelo menos duas terças partes das vendas de café corrente são em sacos de papel. Quanto ao empacotamento em latas, uns 18% do café vendido nessa forma é em latas de 21lbs. Esse tamanho é especialmente popular no Midwest e no Pas West".

N.º 811

CARTA SEMANAL DO MERCADO

9 de Janeiro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Como de costume, nesta época do ano, os principais jornais publicam minuciosos estudos e análises sôbre as perspectivas para os negócios tanto aqui como no exterior. Da leitura dessas análises, poder-se-ia concluir que o ano de 1953 vae presenciar nova prosperidade e que esse otimismo é baseado em premissas sólidas. Contudo, os analistas também concordam que há necessidade de se exercer prudência à vista de certas dificuldades que por força vão exigir corajosa iniciativa e firme determinação.

Essa nota de prudência, aliás, já está exercendo certa moderação nos índices dos mercados, principalmente na bolsa de valores, fenômeno que é qualificado como basicamente estável pelos observadores os quais desde há tempo que vêm mostrando preocupação sôbre a longa e ininterrupta marcha ascendente dos valores.

Segundo cifra publicadas esta manhã, as espetativas de que o volume de vendas no varejo em 1952 ia ser pelo menos igual ou até superior ao volume de 1951, foram agora confirmadas. Esses dados preliminares indicam que as vendas no varejo em 1952 foram 1% superior às de 1951 e que as espetativas para 1953 são bastante alvareiras devendo esse volume exceder o do ano passado à vista da maior renda individual, da crescente produção industrial acompanhada por intensa concorrência entre produtos que deverá melhorar sua qualidade e possivelmente reduzir ligeiramente os respectivos preços para o consumidor.

PROPAGANDA DO CHA NOS ESTADOS UNIDOS: Segundo informa a imprensa desta manhã, a Associação do Chá neste país vae realizar na próxima segunda-feira uma conferência com os govêrnos da Índia, Ceilão e Indonésia, as

regiões produtoras mais importantes do mundo, com o fim de aumentar substancialmente os fundos para a propaganda da bebida oriental nos Estados Unidos. Segundo informa a imprensa, aquela Associação gasta por ano um milhão e meio de dólares na propaganda do chá nos Estados Unidos.

MERCADO DE CAFÉ: Exceto uma oscilação relativamente sensível na sexta-feira passada, causada pela greve do sindicato de pesadores de docas, que a princípio se reciou como podendo paralizar o porto, os preços no mercado mostraram grande estabilidade durante a semana em revista, havendo informação de boas compras por parte dos torradores. A vista de que a maior parte do país está agora passando pelos rigores do inverno, é de se esperar que a procura por café continue em expansão, de vez que não há indícios que os torradores locais hajam acumulado suprimentos. Pelo contrário, o fato de que tenham sido importados, segundo cálculos preliminares, cerca de dois milhões de sacas durante o passado mês de Dezembro, é indicação de que consumo de café neste país se encontra a bons níveis.

No contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York o número de operações voltou a ser limitado, havendo atingido unicamente 173 lotes. A tendência de firmeza em evidência na semana passada continuou em manifestação e para o fim da sessão de ontem os ganhos para o período eram de 4 a 32 pontos. A posição aberta contraiu-se em 25 lotes e para esta manhã era de 2.125 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O Santos 4 continua a ser vendido ao redor de 51,50c/FOB. O Paraná 4 tem avançado em comparação com o Santos 4 e hoje em dia é vendido ao redor 51c/FOB. Os colombianos continuam firmes ao redor de 56c/na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais		
			Europa	Outros	Total
BRASIL*	3-1-1953	155.000	88.000	21.000	264.000
	27-12-1952	128.000	92.000	12.000	232.000
	5-1-1952	188.000	160.000	5.000	353.000
COLÔMBIA**	3-1-1953	130.105	5.905	3.358	139.368
	27-12-1952				
	5-1-1952	85.645	14.311	2.360	102.316

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em:		
		3-1-1953	27-12-1952	5-1-1952
BRASIL*	Santos	1.914.000	1.915.000	1.862.000
	Rio	296.000	321.000	605.000
	Vitória	65.000	65.000	99.000
	Paranaguá	2.026.000 a	2.086.000 b	1.032.000c
	Pernambuco	17.000	13.000	15.000
	Bahia	25.000	25.000	18.000
	Angra dos Reis	43.000	46.000	48.000
	TOTAL	4.386.000	4.471.000	3.679.000

COLOMBIA**	Barranquilla	117.855	152.823
	Cartagena	78.688	69.026
	Buenaventura	101.882	89.026
	Cucuta	144.057	91.691
	TOTAL	442.482	403.062

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
	Brasil	Colômbia	Outros	Total
3- 1-1953	79.147	68.181	97.949	245.277
27-12-1952	83.333	63.663	91.437	238.433
5- 1-1952	106.667	56.626	27.496	190.789

(*) dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia

(a) das quais 706.000 liberadas e 1.320.000 por liberar

(b) das quais 778.000 liberadas e 1.308.000 por liberar

(c) das quais 581.000 liberadas e 451.000 por liberar

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Ecuador: Da revista "Foreign Commerce Weekly" de 29 de Dezembro de 1952, reproduz-se a seguinte nota sobre a produção de café naquele país: "Calcula-se que a safra de café para 1952-53 terminada em Novembro último, atingirá umas 385.000 sacas de 60 quilos. Esse total representaria um aumento de 37% sobre a safra de 1951-52, mas essa foi também inferior uns 20% à colheita do ano anterior. A-pesar de que os Estados Unidos continuaram ocupando em 1951-52 o primeiro lugar como comprador de café equatoriano, de vez que importa quase 50% do café exportável daquele país, a procura na Europa tem aumentado, tendo a Itália comprado uma terceira parte das exportações de 1951-52".

Colômbia: A safra Colombiana para 1952-53 é estimada em uns seis milhões de sacas, cifras que representa uns 5% de aumento sobre a colheita do ano anterior. A produção exportável deverá chegar a uns 5.400.000 de sacas, ou seja uns 7% mais que as exportações de 1951-52, segundo informa o Boletim local, "Notícias" com data de 23 de Dezembro último.

Guatemala: Segundo informa o mesmo boletim, uma lei recentemente proposta proíbe os cafeicultores ricos de depositarem dinheiro fora de Guatemala. Atualmente entre 20 a 30 milhões de dólares de capital privado de Guatemala encontra-se empregado em países vizinhos ou nos Estados Unidos ao passo que os limitados fundos do sistema bancário da República nem chegam para cobrir os empréstimos a curto prazo para o fomento e desenvolvimento da agricultura local. A nova lei, ao que parece, vae exigir que os compradores de café no estrangeiro depositem seus fundos num banco local antes de se proceder ao embarque do café que eles comprem. Logo que os referidos fundos sejam transferidos para

a conta do vendedor ou exportador guatemalteco, um pesado imposto recairá sobre os referidos fundos ao serem exportados.

ARGENTINA: "O Diário de Nueva York" informa de Buenos Aires que o Ministro de Assuntos Técnicos declarou ante ambas câmaras do Congresso que a produção de café na Argentina figurava entre os objetivos do segundo plano quinquenal. O referido Ministro explicou que há regiões apropriadas para a cafeicultura na Argentina, mas admitiu que devem ser vencidas primeiro as inconveniências das geadas. O Ministro expôs outrossim a futura política agropecuária da Argentina, afirmando a-propósito que serão destinados um milhão e meio de hectares à colonização rural, segundo informa o referido jornal.

ESTADOS UNIDOS

Anúncios aromáticos: Da publicação local, "Supermarket News", edição de 5 do corrente, reproduz-se o seguinte artigo sobre aquele assunto: "Com o fim de fomentar a venda de alguns artigos alimentícios, os armazéns "supermarket" pensam explorar o sentido de olfato dos clientes mediante o uso de aromas susceptíveis de estimular a tendência a comprar. Um novo aparelho está sendo agora aperfeiçoado para espalhar aromas de vários produtos alimentícios. Arthur J. Wagner, de New Jersey, por meio da AirScent Corporation encarregou uma firma de químicos especializados em armas de reproduzir sinteticamente os aromas de vários alimentos. O aparelho espalha os aromas na atmosfera das lojas a determinados intervalos. Várias essências de alimentos já foram aperfeiçoadas mas apresentaram-se certas dificuldades com a reprodução sintética do aroma de café recentemente torrado e moído bem como com o amendoim torrado. O Sr. Wagner pensa que essa nova técnica de anúncios pode contribuir grandemente para o fomento de vendas. Atualmente as máquinas estão sendo experimentadas com perfumes nos grandes armazéns de modas".

ÍNDIA: Do boletim do Indian Coffee Board reproduz-se o seguinte artigo sobre a luta contra insetos: "A rápida evolução de inseticidas químicos nos últimos anos introduziu no campo de proteção às plantas certa variedade de compostos orgânicos sintéticos de hidratos de carbone, clorinados e fosfatos orgânicos. Muitos desses inseticidas são melhores que os antigos devido a sua maior estabilidade e persistência de efeitos, a sua superior atividade inseticida para uma maior diversidade de doenças em doses econômicas e sobretudo devido à boa qualidade dos novos produtos. Os mais recentes e mais interessantes são os conhecidos sob o nome de 'sistêmicos' os quais têm a propriedade de serem absorvidos pelas plantas em pequenas doses comunicando-lhes suficiente veneno contra os parasitas sem prejudicar as próprias plantas. Esses novos inseticidas, ao contrário dos velhos como o D.D.T. e outros, não destroem indiscriminadamente os insetos úteis junto com os nocivos. Além disso os efeitos tóxicos desaparecem a poucas semanas de sua aplicação, em geral 4 a 6 semanas".

SITUAÇÃO GERAL: A semana decorreu sem acontecimentos de consequência. O mercado de valores esteve sob os efeitos de uma "correção técnica", segundo a opinião da maioria dos observadores, e para o fim da semana já dava si-

nais de recuperação. Os mercados de produtos primários estiveram sob moderada pressão como resultado das declarações do Governo de que as exportações de produtos agrícolas pelos Estados Unidos foram inferiores às do ano anterior à vista da maior abundância de muitos desses produtos. A divulgação daqueles dados causou uma descida no índice geral desse mercado e embora tivesse ocorrido uma ligeira recuperação na terça e quarta-feira, os observadores são de opinião de que esse índice deveria descer um pouco mais nos próximos meses até encontrar um nível mais em harmonia com a realidade da situação de abundância que agora predomina relativamente a produtos como o trigo, milho, algodão, borraça, etc.

Em sua mensagem final ao Congresso o Presidente Truman mostrou grande otimismo sobre o futuro econômico dos Estados Unidos, prevendo uma contínua expansão da sua economia acompanhada de maior poder de compra por parte da população e por uma crescente procura pelos produtos da indústria. O Presidente Truman realçou, outrossim, a necessidade de se aumentarem as importações dos Estados Unidos, de vez que só dessa forma se poderia pôr fim à crônica escassez de dólares pelo mundo e consequente debilidade das moedas estrangeiras.

MERCADO DE CAFÉ: Há notícias na praça de que durante a semana em revista houve um bom volume de negócios. Contudo, os compradores mostraram-se firmes em não fechar negociações senão sob a condição de vantagem nos preços. Como consequência, depois dos ganhos iniciais do princípio da semana nas cotações para os cafés brasileiros, devido à imposição do imposto de 10 cruzeiros por saca para cobrir as despesas para o novo Instituto do Café, os preços em geral regressaram aos níveis anteriores. Os preços para os demais cafés também retrocederam ligeiramente devido às características seletivas do presente mercado.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, a atividade continuou limitada, tendo sido negociados unicamente 263 lotes. As cotações no Contrato "S" flutuaram dentro de margens estreitas e sem significação. As oscilações foram apenas de 3 a 13 pontos. A posição aberta registrou certa expansão e para esta manhã era de 2.137 lotes, ou sejam 10 lotes mais que na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Como se disse no princípio, os níveis de preços para os cafés brasileiros são essencialmente os mesmos que regiam no fim da semana passada, isto é, ao redor de 51,50c/ por libra para o Santos 4 na base FOB e ao redor de 51c/ para o tipo Paraná 4 também na base FOB. Há notícia de que os cafés colombianos foram negociados em bom volume a preços que flutuaram entre 55-1/2c/ e 55-5/8c/ para todos os tipos.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais		
			Europa	Outros	Total
BRASIL*	10- 1-1953	190.000	70.000	31.000	291.000
	3- 1-1953	155.000	88.000	21.000	264.000
	12- 1-1952	182.000	168.000	2.000	352.000

COLÔMBIA**	10- 1-1953	75.774	5.873	1.920	83.567
	3- 1-1953	130.105	5.905	3.358	139.368
	12- 1-1952	81.572	7.390	1.114	90.076

Dados Mensais

BRASIL*	Dezembro, 1952& ..	817.000	577.000	59.000	1.453.000
	Novembro, 1952 ...	893.000	424.000	133.000	1.450.000
	Dezembro, 1951 ...	945.000	549.000	115.000	1.609.000

COLÔMBIA**	Dezembro, 1952 ...	502.385	43.467	16.129	561.981
	Novembro, 1952 ...	387.728	57.992	17.427	463.147
	Dezembro, 1951 ...	574.212	24.815	15.948	614.975

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	10-1-1953	3-1-1953	12-1-1952
BRASIL*	Santos	1.899.000	1.914.000	1.909.000
	Rio	316.000	296.000	662.000
	Vitória	37.000	65.000	110.000
	Paranaguá	1.985.000 a	2.026.000 b	1.008.000c
	Pernambuco	15.000	17.000	16.000
	Bahia	21.000	25.000	18.000
	Angra dos Reis	39.000	43.000	56.000
	TOTAL	3.312.000	4.386.000	3.779.000
COLÔMBIA**	Barranquilla	112.371	117.855	150.314
	Cartagena	77.692	78.688	70.253
	Buenaventura	146.618	101.882	118.799
	Cucuta	144.204	144.057	91.894
	TOTAL	480.885	442.482	431.260

ESTOQUES NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
10-1-1953	75.180	72.513	91.102	238.795
3-1-1953	79.147	68.181	97.949	245.277
12-1-1952	119.361	65.119	42.649	227.129

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia

(&) Dados preliminares sujeitos a retificação

(a) Das quais 736.000 liberadas e 1.249.000 por liberar

(b) Das quais 706.000 liberadas e 1.320.000 por liberar

(c) Das quais 598.000 liberadas e 410.000 por liberar

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAISES PRODUTORES

Brasil: Da revista local "Coffee and Tea" reproduz-se a seguinte nota sobre a produção de café no Paraná: "Segundo o nosso correspondente em Santos, o Secretário de Estado de Agricultura do Paraná estima a produção cafeeira nesse Estado para 1952-53 em 4.799.000 sacas de 60 quilos. Classificando essa produção por zonas, o cálculo daquela entidade é como segue:

Maringá	1.293.000 sacas
Londrina	1.865.000 "
Cornélio Procopio	1.043.500 "
Cambará	597.500 "
	<hr/>
	4.799.000 "

Segundo o Governador Munhoz de Rocha, a safra corrente atingirá uns 5.000.000 de sacas. Ele informa também que estão sendo tomadas as medidas necessárias para combater a "broca" e o "bicho mineiro".

Exposição Mundial de Café no Paraná: A mesma revista informa também que estão muito adiantados os planos gerais para a Exposição Mundial de Café em Curitiba que terá lugar no fim do corrente ano e durante 1954. Essa exposição incluirá as seguintes seções: História do Café — Recuperação de Solo — Estatística, Importação, Exportações — Cultura do Café — Luta Contra a Broca e outras Doenças — Economia Cafeeira — Maquinária Agrícola Cafeeira — Torrefação de Café através do Mundo — Estados Produtores no Brasil — Demais Países Produtores — Indústria Cafeeira nos Estados Unidos. Simultaneamente com essa exposição o Estado de Paraná vai patrocinar um Congresso do Café, no qual vão ser apresentados relatórios técnicos e outros dados sobre os vários aspectos da indústria.

PRODUÇÃO MUNDIAL

Ano 1952-53: A revista "Tea and Coffee", edição de Dezembro último, fez as seguintes considerações sobre a produção mundial de café para 1952-53: "Calcula-se que a produção mundial de café em 1952-53 atingirá 39.360.000 sacas em comparação com a estimada produção de 38.135.000 sacas em 1951-52. Calcula-se que 30.899.000 sacas dessa produção serão exportáveis, ou sejam uns 5% mais que a produção exportável de 1951-52.

"Espera-se um aumento na produção em todas as regiões produtoras importantes com exceção da Ásia e Oceania. Na América do Norte a produção deverá aumentar uns 4% e na América do Sul uns 2% ao passo que na África esse aumento deverá andar ao redor de 5%. Na Ásia e Oceania julga-se que haverá uma redução de uns 4%. O Brasil que normalmente produz quase metade da safra total, deverá ter este ano uma produção de 18.500.000 sacas. A nova tendência naquele país é a de assegurar maior rendimento por meio de variedades melhoradas, irrigação e fertilização de preferência ao número de árvores. Colômbia, que ocupa o segundo lugar entre os maiores produtores de café no mundo, deverá

ter uma safra substancialmente superior à de 1951-52 devido a condições climáticas favoráveis e às boas chuvas as quais foram bem espaçadas e distribuídas de Maio a Junho. As chuvas favoráveis no Equador também contribuíram para aumentar o rendimento da próxima safra ali, a qual deverá ser a maior até agora registrada no país. Similarmente espera-se safra melhor na Costa Rica, O Salvador, Cuba e Honduras. As chuvas extraordinárias de Maio na Etiópia e a renovação de cafeeiros em Madagascar deverão causar um aumento na respectiva produção desses países".

EUROPA

Importações na Suécia: De acordo com os dados publicados no boletim da firma local George Gordon Paton & Co., a Suécia importou durante o mês de Outubro último 70.371 sacas de café cru. Com essa importação o total para os primeiros dez meses do ano passado atinge 663.940 sacas, cifra que é de comparar com 570.655 sacas importadas durante o mesmo período de 1951. Os principais fornecedores de café à Suécia, nesses período, foram: Brasil, Colômbia, África Oriental Inglesa, Aden, Indonésia, Congo Belga, Etiópia, Guatemala, África Ocidental Portuguesa, Costa Rica, Jamaica,, O Salvador, Índia, Equador, México.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DO CHÁ: Segundo informa a imprensa local, a conferência mundial do chá que teve seu início no passado dia 12 do corrente tem por fim estudar os meios de conseguir uma participação conjunta dos países produtores de chá e comércio dos Estados num programa destinado a continuar a propaganda daquele produto nos Estados Unidos.

N.º 813

CARTA SEMANAL DO MERCADO

30 de Janeiro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: O ambiente econômico do país continua mostrando a mesma atitude de prudência e calma que tem caracterizado os negócios nas últimas três ou quatro semanas, agora, porém, mais acentuada devido à expectativa sobre a mensagem econômica do Presidente Eisenhower na próxima segunda-feira. Predomina aqui a impressão que o novo Presidente vai delinear algumas alterações na política econômica dos Estados Unidos as quais deverão exercer direta influência sobre o rumo dos negócios em geral.

Entretanto, os observadores descrevem a atual situação como estável e firme. A relação entre a capacidade produtiva e a procura continua bastante equilibrada para que mantenha a concorrência nos mercados, a qual tem sido, aliás, a característica dominante dos negócios o último semestre. Nas circunstâncias, e apesar do alto nível do consumo, os índices dos preços continuam em seu movimento horizontal com tendências fracionais de baixa, sobretudo para os cereais, tecidos e óleos.

MERCADO DE CAFÉ: O volume de negócios durante a semana em aprêço mostra que o interesse dos torradores tem sido relativamente limitado. Contudo, os níveis gerais de preços permanecem relativamente firmes, sobretudo no que diz respeito aos cafés brasileiros. Há indícios de que durante a semana os compradores concentraram sua atividade nos cafés lavados e suaves de Colômbia e América Central cujos preços mostraram, para a semana em revista, uma ligeira

baixa.

As observações nesta praça indicam que a situação geral do mercado obedece sobretudo à falta de pressão de vender por parte dos países produtores e à estreita relação no diferencial de preços entre os cafés brasileiros e os cafés de Colômbia e América Central.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York o volume de negócios no Contrato S" mostra uma redução de 101 lotes comparado com o volume da semana anterior, sendo negociados 200 lotes. As cotações no referido Contrato voltaram a mostrar firmeza, excedendo em todas as posições os preços da semana passada. No fim da sessão de ontem os ganhos eram de 8 a 15 pontos nas várias posições. No que diz respeito à posição aberta, houve uma contração de apenas 15 lotes pois somava, esta manhã, 2.096 em comparação com a cifra de 2.111 na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O mercado físico do produto esteve sob a influência de certa debilidade a qual abrangeu todos os tipos exceto os cafés brasileiros. Diz-se na praça que a atividade foi menor que na semana passada e que a nota dominante no mercado é a decidida firmeza do produto brasileiro. O Santos 4, FOB, continua sendo cotado entre 51,50 c/ e 51,75/; o Paraná 4 só é vendido de 51,15 c/ para cima.

No que respeita aos cafés colombianos as cotações mais mencionadas são entre 55,25 c/ e 55,50 na base ex-doca Nova York. O produto da América Central, bem lavado, é cotado a 54 c/ porto de destino.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais			
		Estados Unidos	Destinos Principais		
			Europa	Outros	Total
BRASIL*	24-1-1953	158.000	102.000	15.000	275.000
	17-1-1953	163.000	104.000	5.000	272.000
	26-1-1952	315.000	126.000	36.000	477.000
COLÔMBIA**	24-1-1953	138.351	112.120	4.482	154.953
	27-1-1953	76.985	6.214	2.830	86.029
	26-1-1952	132.301	5.559	2.627	140.487

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

Semanas terminadas em:				
Portos	24-1-1953	17-1-1953	26-1-1952	
BRASIL*				
Santos	1.747.000	1.802.000	1.887.000	
Rio	296.000	301.000	566.000	
Vitória	51.000	45.000	97.000	
Paranaguá	1.944.000 a	1.986.000 b	965.000b	
Pernambuco	12.000	14.000	16.000	
Bahia	22.000	22.000	15.000	
Angra dos Reis	30.000	30.000	53.000	
TOTAL	4.102.000	4.200.000	3.599.000	

COLÔMBIA**	Barranquilla	107.369	131.283	129.580
	Cartagena	78.823	79.646	70.937
	Buenaventura	138.725	158.372	81.600
	Cucuta	145.033	146.169	87.153
TOTAL		469.950	515.470	369.270

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semanas	Brasil	Colômbia	Outros	Total
24-1-1953	63.235	98.885	100.703	262.823
17-1-1953	70.476	72.583	102.220	245.279
26-1-1952	117.049	80.422	55.220	252.691

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

(a) das quais 721.000 liberadas e 1.223.000 por liberar

(b) das quais 779.000 liberadas e 1.207.000 por liberar

(c) das quais 583.000 liberadas e 382.000 por liberar

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA**PAISES PRODUTORES**

O Salvador: Do boletim "Fedecame", de O Salvador, reproduz-se a seguinte nota: "A Comissão Nacional do Café de México acaba de publicar um interessante livrinho sob o título "Manual Prático de Cafeicultura no México", o qual constitui a terceira obra de uma série de divulgação empreendida por aquela Comissão. O livro está redigido numa forma simples, ao alcance de nossos humildes lavradores, e apresenta-se profundamente ilustrado. O manual contém informação sobre a maneira de preparar a terra para os viveiros e inclui todas as fases da cafeicultura até a descrição das principais doenças e maneiras de evitá-las. Em seus capítulos 6, 7 e 8 faz uma extensa exposição do sistema de poda racional. O referido manual constitui um excelente guia para o cafeicultor mexicano bem como para todos os lavradores da FEDECAME. A redação do livro em questão esteve a cargo do Eng. Juan Pablo Duque, chefe do Departamento Técnico da Comissão Nacional do Café de México."

Venezuela:

Safra 1952-53: De "Coffee Intelligence", de 30 de Dezembro último, reproduz-se a seguinte nota sobre a safra 1952-53 naquele país: "O Banco de Caracas mandou-nos a seguinte informação sobre a safra de café naquele país para 1952-53: 'As primeiras remessas da nova colheita já foram recebidas nos vários estabelecimentos de beneficiamento. A fava está bem madura sendo também de bom

tamanho. As condições climatéricas parece que favoreceram o processo de secagem a qual foi conduzida em terreiros de cimento ou de ladrilho expostos à luz solar. As máquinas secadoras foram, também, usadas mas em pequena escala. Uma boa parte dos lavradores espera, este ano, uma safra melhor que a do ano passado. Em nossa opinião, a Venezuela poderá exportar pelo menos 500.000 sacas de café durante o período Julho de 1952 a Junho de 1953. Segundo os cálculos oficiais a safra exportável de 1952-53 poderá atingir umas 800.000 sacas mas nós duvidamos. A maior parte da safra, na parte central do país, só será movimentada entre Fevereiro e Maio de 1953. A região de Maracaibo encontra-se, agora, em plena atividade. Em Agosto último, as exportações de café por aquele porto haviam alcançado a cifra de 39.200 sacas; em Setembro foram de 53.783 sacas e em Outubro foram de 26.408 sacas. Temos a impressão de que em todo o país os lavradores estão de novo prestando atenção aos métodos de recondicionamento dos cafezais. Além disso, há regiões onde os arbustos velhos estão sendo substituídos por plantas novas e outras onde novos cafezais estão surgindo. O café tem sido um negócio remunerativo durante os últimos anos e os resultados vêem-se agora. Por todo o país têm sido melhorados e aperfeiçoados os estabelecimentos de beneficio. Como resultado disso, a Venezuela terá, este ano, uma boa quantidade de cafés naturais para exportação. Esses cafés "naturais" costumavam ser consumidos dentro do país mas o aumento na produção que tem sido comum a todas as regiões, tornou necessário buscar mercados para esses cafés no exterior".

EUROPA

Inglaterra: Da revista "Foreign Crops and Markets", de 19 do corrente, reproduz-se a seguinte nota: "Os primeiros leilões de café desde a segunda guerra mundial tiveram lugar a 9 do corrente organizados pelo Ministério de Alimentos e sua Seção de Vendas de Café, a qual é composta por reconhecidos membros da Associação de Corretores de Café. A última venda em leilão havia sido realizada em Dezembro de 1941 pouco antes de haverem sido decretados os controles sobre a distribuição e consumo do produto. Esses controles foram impostos em Janeiro de 1942 e estiveram em fôrça durante 11 anos consecutivos. Com o desaparecimento dos controles em Agosto último, o comércio livre do café foi restabelecido de novo na Inglaterra. Parte do café consumido no país é agora importado por comerciantes particulares, embora a maior parte continue sendo importado pelo referido Ministério de Alimentação tal como durante a vigência dos controles. As importações de café pelo Ministério de Alimentos são feitas por meio de contratos a longo prazo com os produtores coloniais".

Estadística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XIX

São Paulo, 13 de Fevereiro de 1953

N.º 325

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO SAFRA 1952/1953

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julho/dez.º	1.ª dezena janeiro	2.ª dezena janeiro	3.ª dezena janeiro	Totais
Santos a Jundiá	58 769	—	560	—	59 329
Sorocabana	1 198 779	2 454	5 981	2 265	1 209 479
Paulista	2 412 805	1 163	9 248	5 097	2 428 313
Mogiana	407 207	127	191	657	408 182
Araraquara	1 347 890	1 442	890	1 904	1 352 126
N. do Brasil	1 251 770	650	810	328	1 253 558
C. do Brasil	—	—	—	—	—
E. Rodagem	2 877	—	—	—	2 977
Total	6 680 197	5 836	17 680	10 251	6 713 964

Nota: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferrovário	Rodoviário	Ferrovário	Rodoviário	
julho/dez.º	108 348	272 843	1 210	23 763	406 164
1.º dez. Jan.º	2 369	1 160	—	—	3 529
2.º " "	1 200	398	—	—	1 598
3.º " "	—	762	—	—	762
Total	111 917	275 163	1 210	23 763	412 053

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/dez.º	1.ª dezena janeiro	2.ª dezena janeiro	3.ª dezena janeiro	Totais
Paraná	** 453 468	—	4 066	* —	457 534
Minas Gerais	104 556	200	311	* 1 151	106 218
Goiás	35 584	* —	* —	* —	35 584
Mato Grosso	1 850	—	—	—	1 850
Total	595 458	200	4 377	1 151	601 186

(*) — Incompletos

(**) — E.F.P.S.C. — dados retificados de acordo com as informações prestadas pela E.F.C.

**MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1952/1953 — (ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1953)**

Paulista	Despachado	Destino Alterado e Cancelado	Total	Liberado	A liberar
Anteriores	2 072 653	—	2 072 653	2 072 653	—
1. ^a dez. Agosto	675 992	330	675 662	675 662	—
2. ^a " "	801 439	—	801 439	801 439	—
3. ^a " "	851 406	—	851 406	683 760	167 646
1. ^a " Setembro	604 789	—	604 789	—	604 789
2. ^a " "	489 855	430	489 425	—	489 425
3. ^a " "	357 168	1 360	355 808	* 201	355 607
1. ^a " Outubro	238 751	4 995	233 756	—	233 756
2. ^a " "	153 930	1 058	152 872	—	152 872
3. ^a " "	155 018	2 904	152 114	—	152 114
1. ^a " Novembro	67 092	1 958	65 134	—	65 134
2. ^a " "	63 805	2 440	61 365	—	61 365
3. ^a " "	50 376	527	49 849	* 30	49 819
1. ^a " Dezembro	40 412	592	39 820	—	39 820
2. ^a " "	29 696	—	29 696	—	29 696
3. ^a " "	17 112	—	17 112	—	17 112
1. ^a " Janeiro	5 836	—	5 836	—	5 836
2. ^a " "	17 680	—	17 680	—	17 680
3. ^a " "	10 251	—	10 251	—	10 251
Total	6 703 261	16 594	6 686 667	4 233 745	2 452 922
Despoldado	7 726	—	7 726	7 726	—
Rodoviário	2 977	548	2 429	—	2 429
Total Geral	6 713 964	17 142	6 696 822	4 241 471	2 455 351
(Outros Estados até 31 de Jan).					
Paranaense	457 534	—	457 534	251 100	206 434
Mineiro	106 218	—	106 218	72 007	34 211
Goiano	35 584	—	35 584	30 421	5 163
Matogrossense	1 850	—	1 850	1 850	—
Total	601 186	—	601 186	355 378	245 808

(*) — Trânsito Especial

destino Alterado p/ "Interior e Capital"	3 064	
Apreendido	12 930	
Cancelado	1 148	17 142

SAFRA 50/51 — por liberar (dependendo de Ação
Judicial — 1.080 scs.)

SAFRA 51/52 — Apreendido — 1.000 scs.

ESTA PUBLICAÇÃO RETIFICA AS ANTERIORES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

NOVEMBRO DE 1952

(Sacas de 60 quilos)

Portos de embarque	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Novembro de 1952				
Santos	647 505	162	150	647 817
Paranaguá	260 923	—	30	260 953
Rio de Janeiro	323 143	51	17.669	323.194
Vitória	101 015	—	—	118 684
Angra dos Reis	35 196	—	—	35 196
Recife	2 100	—	45	2 145
Salvador	1 680	—	3 995	5 675
TOTAL	1 371 562	213	21 889	1 393 664
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maió	965 155	346	19 534	985 035
Junho	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Julho	1 072 676	293	27 854	1 100 823
Agosto	1 468 117	155	26 099	1 494 371
Setembro	1 627 434	172	30 493	1 658 099
Outubro	1 443 966	155	23 432	1 467 553
Total de Jan. a Nov.	14 386 619	2 557	271 533	14 660 709

NOTA: — Cifras sujeitas a retificação.

"PANCOMTEL"

COMTELBURU LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

**CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.**

Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO:

Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar

Fone: 23-0012

SÃO PAULO:

Rua Libero Badaró, 488 - 2.º andar

Fone: 3-4976

SANTOS:

Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278

(p)

Agências nos principais Estados do Brasil

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

DEZEMBRO DE 1952

(Sacas de 60 quilos)

Portos de embarque	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Dezembro de 1952				
Santos	696 014	158	—	696 172
Paranaguá	274 359	—	—	274 359
Rio de Janeiro	346 504	42	240	346 786
Vitória	90 034	—	16 859	106 893
Angra dos Reis	20 750	—	—	20 750
Recife	2 333	—	200	2 533
Salvador	5 143	—	3 790	8 933
TOTAL	1 435 137	200	21 089	1 456 426
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maio	965 155	346	19 534	985 035
Junho	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Julho	1 072 676	293	27 854	1 100 823
Agosto	1 468 117	155	26 099	1 494 371
Setembro	1 627 434	172	30 493	1 658 099
Outubro	1 443 966	155	23 432	1 467 553
Novembro	1 371 562	213	21 889	1 393 664
Total de Jan. a Dez.	15 821 756	2.757	292 622	16 117 135

NOTA: — Cifras sujeitas a retificação.

O PRECEITO DO DIA

CAFÉ, ALCOL E FOME

O café e o alcool fazem desaparecer, durante algum tempo, a sensação de fome, mas não evitam os efeitos da insuficiência de alimento: prisão de ventre, perda de peso e diminuição de resistência às doenças.

Procure alimentar-se convenientemente, evitando o álcool e o excesso de café principalmente antes das refeições. — SNES.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1952

CONTINENTES:	PAISES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	7.172	
	Áustria	1.723	
	Bélgica	8.775	
	Finlândia	9.284	
	Finlândia	34.100	
	França	61.332	
	Grã-Bretanha	2.100	
	Grécia	8.170	
	Holanda	22.250	
	Islândia	1.345	
	Itália	2.926	
	Noruega	500	
	Suécia	725	
	Trieste	1.603	
	Turquia	3.666	165.671
AMÉRICA DO NORTE: ..	Canadá	7.650	
	Estados Unidos	127.083	134.733
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	12.502	
	Chile	2.000	
	Uruguai	2.138	16.640
ÁFRICA:	Egito	833	
	Marrocos Francês	1.100	
	Sudoeste Africano	75	
	U.S. Africana	4.756	6.764
ÁSIA:	Aden	416	
	Chipre	850	
	Iraque	3.333	
	Libano	3.416	
	Síria	1.000	
	Transjordânia	9.765	
	Turquia	3.916	22.696
	Total p/ o exterior: ..		346.504
CABOTAGEM:	Norte	40	
	Sul	200	240
	TOTAL GERAL:		346.744

— Consumo de bordo — 42 scs.

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1952/53

E N T R A D A S						M O V I M E N T O					
M E S	Paulista	Mineiro	Goiano	Paraná	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retir. do estoque	Encontradas a—na verif. do estoque	Existência
Julho	632 319	6 205	616	45 903	—	685 043	706 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
Agôsto ...	771 189	350	3 030	22 345	—	796 914	834 265	828 283	4 796	—	1 705 616
Setembro .	882 249	5 126	4 080	28 265	—	919 720	847 586	851 565	2 714	—	1 775 036
Outubro ..	689 735	37 912	15 216	32 928	400	776 191	663 709	704 219	1 905	—	1 885 613
Novembro	545 909	10 897	6 595	37 828	—	601 229	646 000	601 601	45 332	—	1 795 510
Dezembro	718 644	9 892	1 500	64 123	950	795 109	696 857	681 473	21 907	—	1 871 855
Janeiro ..	463 386	7 618	—	59 015	500	530 519	598 182	602 220	40 543	—	1 763 619
TOTAL	4 703 431	78 000	31 037	290 407	1 850	5 104 725	4 993 063	4 978 933	123 087	266 598	—

**ENTRADA E EMBARQUE DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO,
DURANTE O MÊS DE JANEIRO E SAFRA 1952/53**

M E S E S		ENTRADAS	EMBARQUES
1952	julho	94.641	175.548
	agosto	181.972	216.216
	setembro	332.318	304.910
1.º trimestre:		608.931	696.674
	outubro	379.395	318.296
	novembro	401.005	323.143
	dezembro	335.046	346.744
2.º trimestre:		1.115.446	988.183
1.º semestre:		1.724.377	1.684.857
	janeiro	251.884	204.160

**ENTRADA E EMBARQUE DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO,
DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO E SAFRA 1952/53**

M E S E S		ENTRADAS	EMBARQUES
1952	julho	94.641	175.548
	agosto	181.972	216.216
	setembro	332.318	304.910
1.º trimestre:		608.931	696.674
	outubro	379.395	318.296
	novembro	401.005	323.143
	dezembro	335.046	346.744
2.º trimestre:		1.115.446	988.183
1.º semestre:		1.724.377	1.684.857

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1953

V I A S	P R O C E D Ê N C I A S						
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Goiás
E. F. C. do Brasil ...	8.480	—	—	—	—	—	—
E. F. Leopoldina	—	13.892	2.103	7.351	—	—	—
Regulador	—	—	—	8.396	—	—	—
Rodoviário	22.078	118.781	10.076	40.937	17.535	900	1.355
TOTAIS:	30.558	132.673	12.179	56.684	17.535	900	1.355
							251.884

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1952

V I A S	P R O C E D Ê N C I A S						
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Paraná	Bahia	Goiás	Total
E.F.C. do Brasil	13.400	3.828	—	—	—	—	17.228
E. F. Leopoldina	—	24.902	4.489	6.573	—	—	35.964
Regulador	—	—	—	3.889	—	—	3.889
Rodoviário	31.436	176.544	11.031	29.338	26.158	3.458	277.965
TOTAIS:	44.836	205.274	15.520	39.800	26.158	3.458	335.046

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JANEIRO DE 1953

(Em Cr\$ por 10 quilos)

D I A	S A N T O S			R I O	V I T Ó R I A
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 Sem des-crição	Tipo 7	Tipo 7
2	195 00	193 50	192 00	—	154 70
5	195 00	193 50	192 00	—	155 20
7	195 00	193 50	192 00	176 00	155 40
8	195 00	193 50	192 00	176 00	155 80
9	195 00	193 50	192 00	176 00	155 50
12	195 00	193 50	192 00	177 00	155 50
13	195 00	193 50	192 00	177 00	155 50
14	195 00	193 50	192 00	177 00	155 50
15	195 00	193 50	192 00	177 00	154 60
16	195 00	193 50	192 00	176 00	154 90
19	195 00	193 50	192 00	176 00	155 30
20	195 00	193 50	192 00	—	155 40
21	195 00	193 50	192 00	176 00	155 60
22	195 00	193 50	192 00	176 00	155 70
23	195 00	193 50	192 00	176 00	155 90
26	—	—	—	176 00	155 80
27	195 00	193 50	192 00	175 00	155 70
28	195 00	193 50	192 00	175 00	155 40
29	195 00	193 50	192 00	175 00	155 50
30	195 00	193 50	192 00	175 00	155 50
Média	195 00	193 50	192 00	176 00	155 17

O PRECEITO DO DIA

VACINA CONTRA A DIFTERIA

Até seis meses, a criança geralmente tem imunidade natural em relação à difteria. Mas, de um a cinco anos, essa imunidade quase não existe. Daí a necessidade de se vacinar contra a doença as crianças dessa idade.

Leve seu filho ao médico ou ao Centro de Saúde mais próxima, para vaciná-lo contra a difteria. — SNES.

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

JANEIRO DE 1953

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

D I A	S A N T O S			R I O	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 3 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 7
5	53 00	52 75	54 50	53 50	45 00
6	53 25	53 00	54 75	53 75	45 25
7	53 25	53 00	54 75	53 75	45 25
8	53 25	53 00	54 75	53 75	45 25
9	53 25	53 00	54 75	53 75	45 25
12	53 25	53 00	54 75	53 75	45 25
13	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
14	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
15	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
16	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
19	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
20	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
21	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
22	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
23	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
26	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
27	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
28	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
29	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
30	53 50	53 25	55 00	54 00	45 75
Média	53 41	53 16	53 93	53 91	45 59

○ PRECEITO DO DIA

LEMBRETO OPORTUNO

Os alimentos simples, de fácil preparo culinário, são os mais recomendáveis. Os alimentos muito temperados ou de conserva são de digestão difícil.

Evite os alimentos muito temperados ou de conserva; substitua-os por leite, ovos, frutas, verduras e legumes frescas. — SNES.

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maior	1 690 656	704 011	56 126	8 036	169 702	20 168	11 132	2 759 831
Junho	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
Julho	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
Agosto	1 705 616	283 226	31 388	9 043	337 571	8 695	6 313	2 381 852
Setembro	1 775 036	270 222	51 939	15 388	346 743	25 606	5 950	2 490 889
Outubro	1 885 613	289 984	35 895	17 876	341 644	54 753	6 591	2 632 356
Novembro	1 795 510	325 230	62 044	18 016	585 520	38 773	7 088	2 832 191
Dezembro	1 871 855	271 290	53 080	13 078	691 605	35 191	16 124	2 952 223
Novembro 1951	1 658 952	555 291	95 499	12 438	592 921	32 247	12 161	2 959 509
" 1950	1 550 134	645 973	50 202	13 283	499 866	20 725	21 928	2 802 111
" 1949	1 157 716	857 237	114 679	29 316	345 468	42 626	22 552	3 570 094
" 1948	1 112 657	782 891	49 854	72 624	333 517	54 495	18 510	3 424 548
Dezembro 1951	1 807 853	684 662	79 446	9 010	594 449	62 541	18 354	3 256 315
" 1950	1 666 001	659 672	52 258	11 042	547 305	29 725	23 921	2 989 924
" 1949	2 211 429	842 238	104 491	28 441	284 884	37 888	37 317	3 546 688
" 1948	2 128 582	845 299	16 515	71 256	366 532	45 592	34 532	3 508 308

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

JANEIRO DE 1953

ENTRADAS								Embarques	Despachos	Vendas	Café retirado do estoque	Existência	Existência em poder do D.N.C.
D I A	Paulista	Mineiro	Paranaense	Mato-grossense	Total	Liberado p/E.F.S.J.	Liberado p/E.F.S.						
2	22 719	200	2 124	—	25 100	14 800	10 300	4 530	15 405	28 848	—	1 892 425	438
3	22 784	356	2 025	—	25 108	14 809	10 299	12 686	18 160	5 795	—	1 904 817	438
5	17 327	400	2 300	—	20 027	11 727	8 300	18 500	21 031	19 432	—	1 906 374	438
6	18 515	400	1 095	—	20 010	12 600	7 410	17 124	—	11 988	—	1 909 260	438
7	18 504	297	1 200	—	20 001	10 703	9 298	7 175	44 421	41 400	—	1 922 086	438
8	18 355	—	1 690	—	20 045	11 545	8 500	30 930	28 183	24 706	—	1 911 201	438
9	18 431	—	1 595	—	20 026	11 022	9 004	34 500	27 270	34 973	1 809	1 894 918	438
10	16 215	300	3 500	—	20 015	10 015	10 000	18 417	44 055	35 911	—	1 896 516	438
12	15 815	240	3 990	—	20 045	10 043	10 002	27 313	24 716	16 282	28 765	1 859 983	438
13	16 397	—	3 606	—	20 003	10 002	10 001	43 251	42 287	26 470	—	1 836 735	438
14	17 101	—	2 400	500	20 001	11 000	9 001	32 937	30 377	28 123	—	1 823 799	438
15	17 729	—	2 300	—	20 029	11 024	9 005	29 554	22 198	26 615	—	1 814 274	438
16	17 676	—	2 325	—	20 001	11 000	9 001	29 288	15 324	26 929	7 888	1 797 099	438
17	17 679	—	2 335	—	20 014	11 516	8 498	22 905	24 070	8 635	—	1 794 208	438
19	18 216	—	1 800	—	20 016	12 009	8 007	23 750	19 084	11 944	137	1 790 337	438
20	17 430	—	2 570	—	20 000	12 001	7 999	31 892	23 189	36 522	—	1 778 445	438
21	16 224	1 600	2 190	—	20 014	11 005	9 009	20 378	30 798	31 965	—	1 778 081	438
22	17 809	—	2 200	—	20 009	11 897	8 112	25 984	25 171	28 234	—	1 772 106	438
23	17 115	500	2 400	—	20 015	11 511	8 504	39 774	37 059	20 781	1 886	1 750 461	438
24	17 087	1 125	1 795	—	20 007	11 882	8 125	30 736	10 455	15 192	—	1 739 732	438
26	17 613	—	2 390	—	20 003	12 001	8 002	4 050	—	—	—	1 755 685	438
27	18 018	—	1 990	—	20 008	12 001	8 007	4 625	34 239	26 238	—	1 771 068	438
28	17 706	—	2 300	—	20 006	12 001	8 005	21 136	18 417	39 739	—	1 769 938	438
29	16 850	850	2 300	—	20 000	11 500	8 500	33 342	21 865	24 142	—	1 756 596	438
30	16 617	1 000	2 400	—	20 017	12 005	8 012	14 347	13 512	29 481	—	1 762 266	438
31	17 454	350	2 195	—	19 999	12 002	7 997	18 558	10 934	25 303	58	1 763 649	438
Total	463 386	7 618	59 015	500	530 519	303 621	226 893	593 182	602 220	625 648	40 543	—	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

JANEIRO DE 1953

D I A	ENTRADAS								EMBARQUES					
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiás	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
2	9 313	11 956	—	3 935	—	—	8 480	33 684	713	—	713	—	—	304 261
3	—	—	—	—	—	—	—	—	17 683	42	17 683	42	—	286 536
5	—	4 057	—	3 980	—	—	—	8 037	9 165	—	9 165	—	—	285 408
6	—	13 968	485	1 898	—	—	—	16 351	—	100	100	—	—	301 659
7	6 348	5 315	1 053	5 478	—	—	—	18 194	11 400	—	11 400	—	—	308 458
8	—	7 484	—	1 056	—	—	—	8 540	1 000	—	1 000	—	—	315 938
9	—	3 531	1 650	—	500	—	—	5 681	—	—	—	600	—	321 074
10	—	—	—	—	—	—	—	—	7 015	—	7 015	—	—	314 059
12	—	4 774	2 811	5 683	—	—	—	13 268	22 480	—	22 480	—	—	304 847
13	—	4 155	—	—	—	—	—	4 155	5 475	—	5 475	500	—	303 027
14	—	8 077	250	5 274	—	—	—	13 601	—	20	20	—	—	316 608
15	—	5 694	—	6 293	—	1 355	—	13 342	8 811	—	8 811	—	20 000	301 739
16	5 933	2 016	1 045	—	—	—	—	8 994	5 545	—	5 545	200	—	304 388
17	—	—	—	—	—	—	—	—	5 868	—	5 868	—	—	298 520
19	—	6 349	162	5 056	—	—	—	11 567	19 611	—	19 611	—	—	290 476
21	—	6 726	1 690	—	400	—	—	8 816	16 972	100	17 072	—	—	282 220
22	—	5 265	—	3 342	—	—	5 870	14 477	874	60	934	—	—	295 768
23	—	4 738	250	2 691	—	—	3 185	10 864	3 532	—	3 532	—	—	303 085
24	—	—	—	—	—	—	—	—	2 646	—	2 646	—	—	300 449
26	8 964	4 036	—	—	—	—	—	13 000	11 286	—	11 286	—	—	302 168
27	—	10 011	—	—	—	—	—	10 011	3 672	—	3 672	—	—	200 502
28	—	6 609	2 783	6 313	—	—	—	15 705	16 672	—	16 672	—	—	307 535
29	—	9 201	—	3 890	—	—	—	13 091	455	—	455	—	—	320 171
30	—	8 711	—	1 795	—	—	—	10 506	1 021	—	1 021	—	—	329 656
31	—	—	—	—	—	—	—	—	31 984	—	31 984	300	20 000	277 372
TOTAL	30 588	132 673	12 179	56 684	900	1 355	17 535	251 884	203 880	280	204 160	1 642	40 000	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Janeiro de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDENCIA	D I A S					MÉDIA
	3	10	17	26	31	
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 55 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 55 1/2	56 3/32
Armenia	(2) 55 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 55 1/2	56 3/32
Manizales	(2) 55 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 55 1/2	56 3/32
Cucuta	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 55 1/4	55 27/32
Bogotá	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 55 1/4	55 27/32
Tolima	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 55 1/4	55 27/32
Ocana	(2) 55 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 55 1/4	55 27/32
COSTA RICA:						
Duro	(2) 56 1/4	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	56 13/32
Atlantico Fino	(2) 56 00	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 00	56 5/32
EQUADOR:						
Lavado	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	54 00
Extra não lavado	(2) 47 1/4	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	47 29/64
GUATEMALA:						
Antigua	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 56 3/4	56 61/64
Extra primeira	(2) 55 3/4	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	(2) 56 1/4	56 19/64
Lavado bom	(2) 54 00	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/4	54 3/4
Bourbon	(2) 53 1/2	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	53 29/32
HAÍTI:						
Lavado bom mole	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	54 00
Catado á mão	(2) 52 1/4	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 1/4	52 3/32
HONDURAS:						
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 00	55 13/32
Tipo 5 — Comum duro	(2) 47 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	47 1/2
MÉXICO:						
Coatepec	(2) 54 1/4	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 3/8	54 27/64
Tapachula primeira	(2) 53 3/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/8	54 1/8
Maragogipe						

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Janeiro de 1953
CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	D I A S					MÉDIA
	3	10	17	26	31	
NICARAGUA:						
Matagalpa	(§) 53 1/2	(§) 54 00	(£) 54 00	(£) 54 00	(£) 54 1/4	53 61/84
Lavado primeira	(§) 53 00	(§) 53 1/2	(£) 53 1/2	(£) 53 1/2	(£) 53 3/4	53 23/64
EL SALVADOR:						
Lavado	Disp 54 00	Disp 55 1/2	Disp 55 1/2	Disp 55 1/2	(2) 55 1/2	55 13/64
Não lavado						
S. DOMINGOS						
Lavado bom mole ...	(2) 52 00	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/4	52 23/64
Fino	(2) 53 1/2	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 53 1/2	53 51/64
VENEZUELA:						
Maracaibo	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 00	54 13/32
Trujillo						
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	(6) 55 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 00	55 19/64
Natural robusta	(6) 42 00	(6) 42 00	(6) 42 00	(6) 42 00	(6) 42 00	42 00
MOCA						
Móca (Arábia)	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 59 00	58 13/64
N.E.I.:						
Genuíno Java lav. ...	(2) 67 1/2	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	67 29/32
Lavado robusta						
Natural Java robusta						
UGANDA:						
Lavado	(6) 43 00	(6) 43 00	(6) 43 00	(6) 43 00	(6) 43 00	43 00

- INDICAÇÕES: 1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
 2) Desembarcado à vista líquido
 3) Disponível
 4) F.O.B. (Nova York)
 5) F.O.B. País de procedência
 6) Nominal
- (§) Embarque Dezembro/Janeiro
 (%) " Janeiro/Fevereiro
 (&) " Dezembro.

Cotações de Café a Termo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

JANEIRO DE 1953

D I A	MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
5	53 00	52 99	52 74	52 67	52 25	52 28	51 85	52 72	51 00	51 03
6	52 90	53 11	52 60	52 82	52 25	52 43	51 85	51 85	51 05	51 18
7	53 12	53 12	52 75	52 81	52 30	52 43	51 80	51 90	51 05	51 23
8	53 15	53 15	52 81	52 81	52 40	52 53	51 99	52 00	51 30	51 37
9	53 15	53 15	52 75	52 76	52 55	52 43	52 05	51 91	51 42	51 36
12	53 00	53 20	52 66	52 89	52 35	52 60	51 85	52 07	51 30	51 36
13	53 20	53 15	52 85	52 85	52 55	52 59	52 00	52 05	51 40	51 59
14	53 05	53 15	52 75	52 29	52 50	52 57	51 90	52 06	51 50	51 55
15	53 05	53 15	52 75	52 84	52 50	52 52	52 00	52 01	51 49	51 50
16	53 05	53 09	52 75	52 90	52 50	52 60	52 01	52 10	51 53	51 65
19	53 05	53 38	52 75	53 15	52 50	52 90	52 00	52 34	51 50	51 85
20	53 25	53 47	53 20	53 26	53 14	53 00	52 50	52 45	51 95	51 95
21	53 40	53 48	53 25	53 25	52 90	52 95	52 40	52 37	51 70	51 95
22	53 58	53 45	53 15	53 22	52 80	52 88	52 25	52 30	51 85	51 85
23	53 30	53 45	53 00	53 20	52 75	52 90	52 10	52 49	51 75	51 81
26	53 25	53 53	53 40	53 40	52 73	53 08	52 55	52 43	51 70	51 94
27	53 45	53 47	53 35	53 29	53 05	53 00	52 40	52 45	52 10	51 92
28	53 55	53 57	53 29	53 38	53 00	53 10	52 43	52 57	52 00	52 06
29	53 50	53 53	53 35	53 35	53 00	53 03	52 50	52 50	51 98	51 98
30	53 53	53 51	53 35	53 35	53 08	53 08	52 50	52 55	51 95	51 96
Média	53 23	53 30	52 96	53 02	52 66	52 55	52 14	52 20	51 57	51 66

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS I MERCADO LIVRE — VENDAS A VISTA JANEIRO DE 1953

D I A	Londres libra	Nova York dolar	Suica franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia coroa	Holanda florin
3	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,84 46	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,88 24	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 46	8,88 24	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 46	6,84 46	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 46	6,79 49	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 46	6,70 97	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 46	6,70 97	3,62 09	4,91 96
12	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 46	6,74 59	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 46	6,74 59	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
15	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,24 48	6,88 24	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,24 48	6,88 24	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,24 48	6,88 24	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,34 48	6,86 87	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	1,34 48	6,86 87	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	4,91 59
24	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
28	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	4,92 15
31	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
Média	52,41 60	18,72 00	4,39 94	0,65 72	1,34 47	6,81 56	3,62 09	4,91 90

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SOBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

JANEIRO DE 1953

D I A	Londres libra	Nova York dolar	Suíça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
3	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,61 15	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,61 15	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,48 32	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,51 77	3,55 51	4,83 03
12	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,51 77	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
15	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	4,82 66
24	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,65 64	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,65 64	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 79	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 79	3,55 51	4,83 21
31	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 79	3,55 51	—
Média	51,46 40	18,38 00	4,28 43	0,63 64	1,31 76	6,58 32	3,55 51	4,82 97

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de
DEZEMBRO DE 1952

D I A S	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suíça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Argentina	Portugal	Bélgica	Franga
1	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	4,4043	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3922	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	4,4043	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	4,4043	—	2,7353	1,7096	—	0,6572	—	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	4,4034	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,4034	—	—	—	—	—	—	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	4,4043	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	4,9252	4,4043	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	4,9159	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	4,9159	4,4043	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	—	—	—	—	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	4,9177	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	4,4043	3,6209	2,7353	1,7096	1,3175	0,6572	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	6,8321	—	—	3,6209	—	—	—	—	—	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	4,4043	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	—	—	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,4043	3,6209	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	4,9252	4,4028	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
Média	52,4160	18,72	6,8321	4,9199	4,4031	3,6209	2,7353	1,7096	1,3175	0,6572	0,3778	0,0535

CÂMBIO

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos durante o mês de
DEZEMBRO DE 1952

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Argentina	Pêsos	—	110
Bélgica	Franços	63.894.872	84.526.312
Canadá	Dólares	—	6
Dinamarca	Corôas	10.673.907	11.448.817
Espanha	Pesêtas	1.172.316	2.060.553
Estados Unidos	Dólares	17.451.542	23.670.358
França	Franços	1.225.332.067	1.256.728.047
Holanda	Florins	133.228	131.580
Inglaterra	Libras	166.192	203.315
Portugal	Escudos	58.607	147.276
Suécia	Corôas	6.079.181	6.998.454
Suiça	Franços	409.217	706.975
Uruguai	Pêsos	—	16

CONVENIOS

US\$ Alemanha	3.069.743	3.662.435
US\$ Austria	551.199	577.266
US\$ Chile	4.793	316.222
US\$ Espanha	205.155	257.428
US\$ Grécia	61.376	44.733
US\$ Itália	241.681	267.025
US\$ Japão	225.984	243.188
US\$ Polônia	193.728	1.687
US\$ Portugal	1.265	11.506
US\$ Tchecoslováquia	58.170	99.083
US\$ Uruguai	13.185	1.489
US\$ Yugoslávia	8	276
Brasileiro-Argentino	Cr\$ 11.836,80	Cr\$ 969.665,20
Brasileiro-Holandês	Cr\$ 4.260,50	Cr\$ 748.943,40
Brasileiro-Norueguês	Cr\$ 69.037,00	Cr\$ 310.460,00

Resumo dos negócios realizados no mês de DEZEMBRO de 1952

MOEDAS	Quantidade	Valor em Cr\$
Corôas Dinamarquesas	3.575.942	9.781.275,00
Corôas Suécas	6.092.829	22.061.525,00
Dólares	27.628.518	517.205.857,00
Escudos	106.215	69.905,00
Florins	189.261	931.146,00
Franços Bélgas	52.561.307	19.857.662,00
Franços Francêses	1.324.856.579	70.879.827,00
Franços Suiços	879.720	3.873.498,00
Libras	198.503	10.404.720,00
Pesetas	1.716.591	2.934.685,00
Total		Cr\$ 658.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£ 12.553.418 = 52,4160
US\$ 35.149.572 = 18,7200

Total computado em Dezembro de 1951 1.025.000.000,00
Total computado em Novembro de 1952 682.000.000,00
Total computado em Dezembro de 1952 658.000.000,00

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Notas de viagem pelo sul de Minas — José Testa	5
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans	14
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho	19

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O café solúvel	35
A restauração dos cafèzais, a irrigação e o Banco do Brasil — Carlos Whately	37
Por que semear café no fundo de uma cova, a 30 ou 40 cm. de profundidade? José Ferreira Veloso	40
“O café, marco de uma nova era no Paraná”	42
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)	69

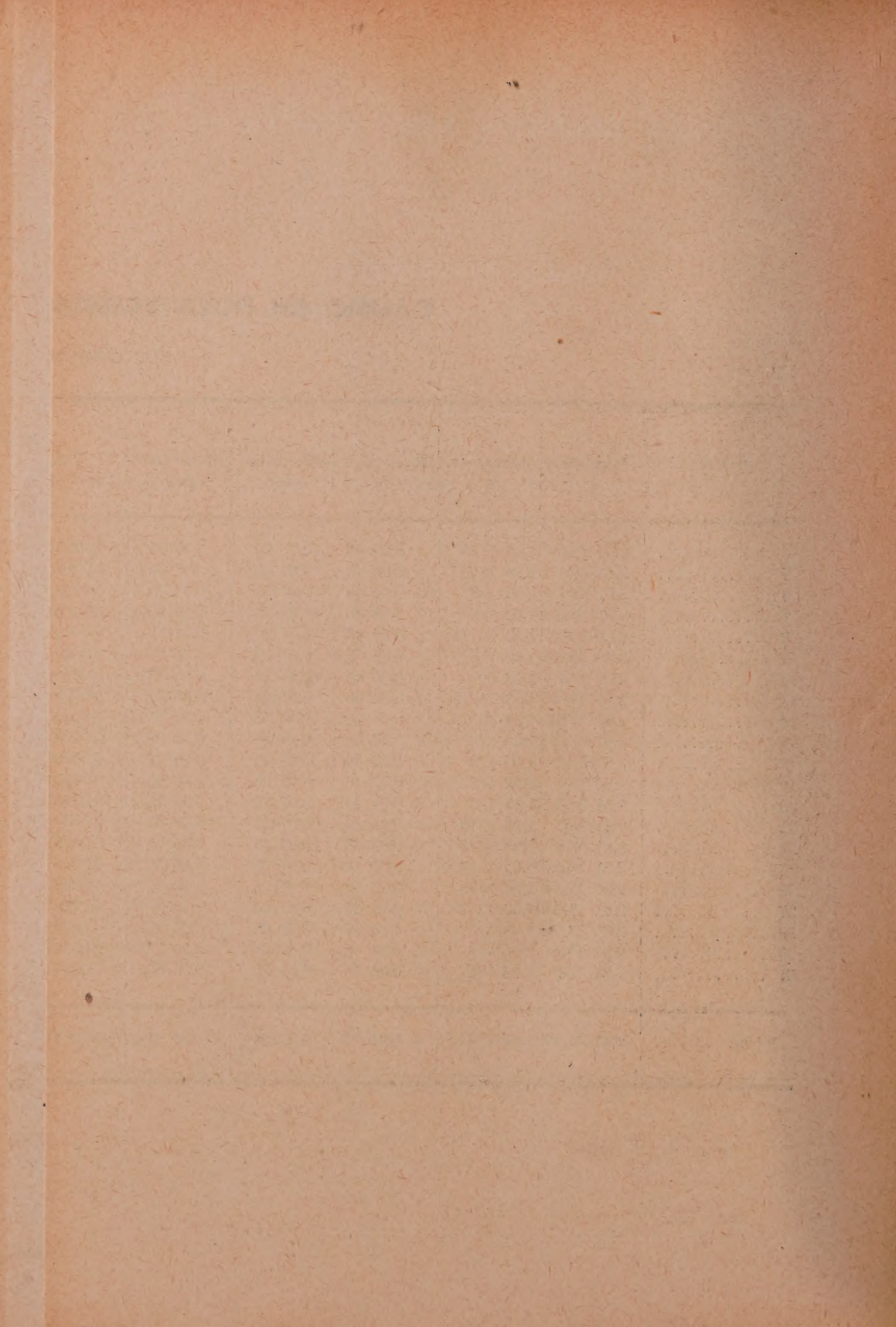
ESTATÍSTICA:

Suplemento estatístico n.º 325	84
Exportação Brasileira de Café — novembro 1952	86
Exportação Brasileiro de Café — dezembro 1952	87
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, dezembro 1952	88
Movimento de café em Santos — Safra 1952/53	89
Entrada e embarque de café no Rio de Janeiro — Safra 1952/53	90
Entrada e embarque de café no Rio de Janeiro — Dezembro 53 — safra 52/53	90
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — dezembro 1952	91
Entrada de café no mercado do Rio de Janeiro — janeiro 1953	91
Cotação de café no disponível em Santos, Rio e Vitória — janeiro 1953	92
Cotação de café brasileiro no disponível em Nova York — Janeiro 1953	93
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Jan. a dez.	94
Movimento de café na praça de Santos — Janeiro de 1953	apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — janeiro	apenso
Cotação do disponível em Nova York — Café estrangeiros — Janeiro 1953	95
Cotação de Café a Termo em Nova York — Contrato “S” — janeiro 1953	97
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I — Mercado Livre — Vendas à Vista — janeiro	98
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II — Mercado Livre — Compras à Vista — janeiro 1953	99
Câmbio em São Paulo — Média diária — dezembro 1952	100
Câmbio — Resumo das operações efetuadas pelos Bancos — dezembro 53	101
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — janeiro	apenso

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

JANEIRO DE 1953

D I A	Londres £	Montreal \$	R. Janeiro Cr\$	B. Aires peso	Montevideo peso	Paris fre. livre	Berna fre. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
2	2,80 7/8	1,03 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 40
5	2,81 00	1,03 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 65	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 38
6	2,81 00	1,03 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 36
7	2,81 3/16	1,03 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 31
8	2,80 00	1,03 15/16	0,05 46	0,07 25	0,37 75	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 5/8	0,26 33
9	2,80 15/16	1,02 7/8	0,05 46	0,07 25	0,36 00	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 31
12	2,81 1/8	1,03 00	0,05 46	0,07 25	0,36 12	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 31
13	2,81 3/16	1,02 15/16	0,05 46	0,07 22	0,36 37	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 3/8	0,26 32
14	2,81 3/16	1,02 15/16	0,05 46	0,07 25	0,36 37	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 1/2	0,26 30
15	2,81 5/16	1,02 7/8	0,05 46	0,07 20	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 7/8	0,26 29
16	2,81 3/8	1,03 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 30 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 7/8	0,26 29
19	2,81 1/2	1,03 1/8	0,05 46	0,07 20	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 29
20	2,81 5/8	1,03 1/4	0,05 46	0,07 25	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 50 00	0,0200 00	0,26 30
21	2,81 3/8	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 62	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 7/8	0,26 28
22	2,81 5/8	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 7/8	0,26 30
23	2,81 11/16	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 3/4	0,26 29
26	2,81 11/16	1,03 3/32	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 7/8	0,26 30
27	2,81 11/16	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 7/8	0,26 30
28	2,81 13/16	1,03 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 30
29	2,81 13/16	1,03 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 30
30	2,81 7/8	1,03 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 50 00	0,0199 3/4	0,26 30
Média	2,81 21/64	1,03 7/64	0,05 46	0,07 24	0,36 54	0,0028 5/8	0,23 31 29/32	0,19 35	0,03 49 23/32	0,0199 21/32	0,26 31



PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Bôa Vista, 245 — 3º Andar

— Fones, 32-8357 e 33-1432 —

R. PASTORE — AGENTE AUTORIZADO: NEWTON FEITOZA

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1 página,	Cr.\$2.000,00
Página de texto	1 "	Cr.\$1.500,00
" " "	1/2 "	Cr.\$ 800,00
" " "	1/4 "	Cr.\$ 500,00

Os agentes autorizados são portadores de apresentação

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin

"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin

"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda

"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha

"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme

"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.

"O controle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt

"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi" — Rogério de Camargo

"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho

"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes

"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo

"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho

"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug

"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza

"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar

"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior

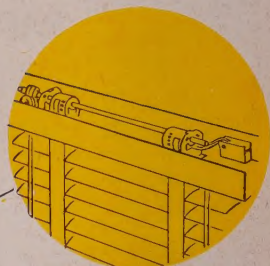
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

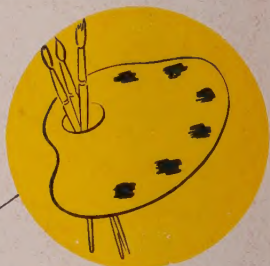
Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

EXPOENTE DE QUALIDADE

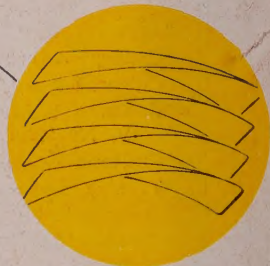
Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.



As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.



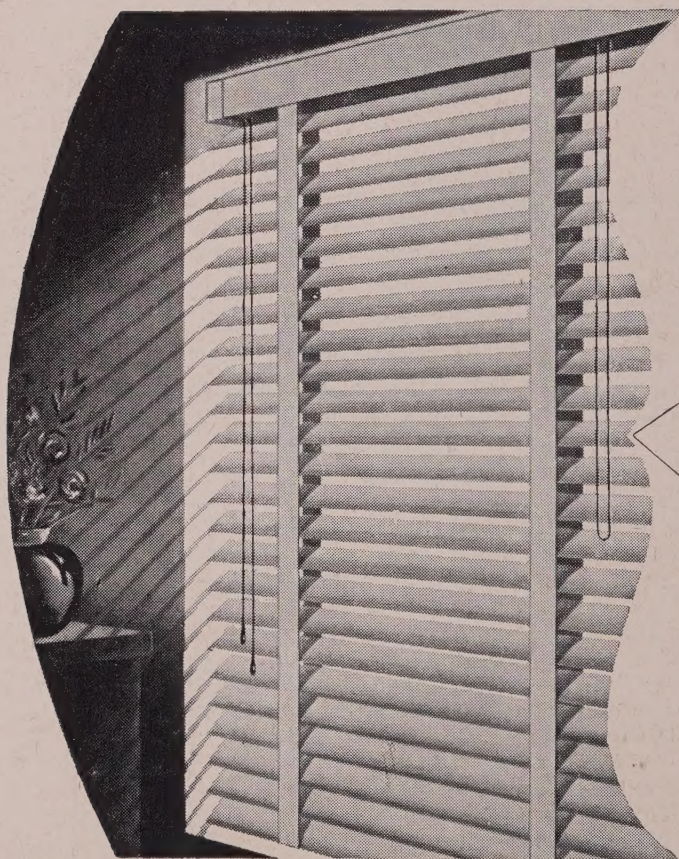
As cores maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.



As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.



Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradável.



ESCRITÓRIO:

R. XAVIER DE TOLEDO, 266 - 9.º s/95 e 96 - TEL. 32-9579
SÃO PAULO